UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

FRANSUEL LIMA DE BARROS

TERESINA "MODERNA" E "CIVILIZADA":
as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)

Teresina
2015

FRANSUEL LIMA DE BARROS

TERESINA “MODERNA” E “CIVILIZADA”:
as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação do Professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Teresina
2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

B277t Barros, Fransuel Lima de.
Teresina “moderna” e “civilizada”: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930) / Fransuel Lima de Barros. – 2015.
141f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2015.
Orientação: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco.

1. Teresina – Cronistas. 2. Sociabilidades. 3. Civilização. 4. Modernidade. 1. Título.

CDD 981.22

FRANSUEL LIMA DE BARROS

TERESINA “MODERNA” E “CIVILIZADA”:
as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação do Professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

BANCA EXAMINADORA

_____
Professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Orientador)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

_____
Dr. Antônio Paulo de Rezende – UFPE (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

_____
Dra. Teresinha de Mesquita Queiroz – UFPI (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

_____
Dra. Claudia Cristina da Silva Fontineles (Suplente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Dedico este trabalho a todos aqueles que me acolheram e estiveram ao meu lado quando pensei em abdicar dos meus sonhos. Em especial, ao meu Deus, à minha graciosa mãe e à minha amável noiva Lays Vitória, pelos incentivos ilimitados.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus dedico todas as minhas conquistas, aquele que é único e digno de toda honra e toda glória. Agradeço por não ter me deixado desistir em meio às adversidades, por ter me capacitado a cada dia, por ser meu guia e autor da minha vida. Se não fosse por ELE, esse sonho não se tornaria realidade.

Agradeço à minha Mãe Deuzuita, por estar sempre ao meu lado, em momentos bons ou ruins. Foi ela a maior responsável e incentivadora para eu alcançar meus objetivos. Mulher guerreira, sempre preocupada com a educação dos filhos. Ensinou-me o verdadeiro sentido da palavra amor. E foi através do amor que ela me mostrou que o nosso maior tesouro provém da união familiar.

À minha noiva, Lays Vitória, minha sincera gratidão por todo o apoio. Nos momentos em que mais precisei, foi ela quem esteve comigo; quando pensei ser impossível, ela me disse que bastaria acreditar. E deu certo!

Ao meu pai, Francisco Lopes de Barros, por ter acreditado e compartilhado desse sonho. E ao meu padrasto, Antônio Sales, por ter me acolhido e me criado como filho.

Aos meus irmãos François, Fredson, Andreza, Gisleide e Gislenir, por todo o apoio e confiança que dia após dia conferiram com carinho e afeição.

Foi de importante colaboração para este trabalho a boa relação que mantive com meu orientador, Pedro Vilarinho Castelo Branco. Agradeço o cuidado, a orientação segura e atenta, discutindo e direcionando minha temática para o melhor caminho possível.

Sou grato aos professores da Pós-Graduação em História do Brasil, em especial a professora Teresinha Queiroz, com quem compartilhei momentos ímpares, ensinamentos adquiridos ainda na graduação, os quais levarei por toda a vida.

Aos meus inseparáveis amigos, Valério, Wirlanne e Leôndidas, pela disposição, companheirismo e parceria ao longo desses anos. Aos colegas da turma 010 do mestrado em História do Brasil, que ao longo desses dois anos tornaram a vida acadêmica mais descontraída.

Por se tratar de muitas pessoas, não é possível citar o nome de todas elas, mas deixo meus sinceros agradecimentos a esses seres extraordinários que ajudaram a tornar minha vida mais simples e mais feliz.

“Não é verdade que as pessoas param de perseguir os sonhos porque estão a ficar velhas,
elas estão a ficar velhas porque pararam de perseguir os sonhos.”
(Gabriel García Márquez)

RESUMO

Compreender o modo de vida cotidiano teresinense e seus conflitos mediante os avanços da modernidade e civilização é importante para entender a capital piauiense como um espaço de dinâmica social e um ambiente de múltiplas sociabilidades. A presente pesquisa teve como escopo analisar a percepção teresinense em torno do processo de civilização difundido pelos cronistas entre os anos de 1900 e 1930. Para alcançar este objetivo, foram utilizados como fontes matérias de jornais, códigos de postura e vasta literatura piauiense que trata do tema. Porém, o principal meio de acesso a essas transformações no espaço urbano foi através das crônicas publicadas nos jornais locais, pois são elas aquilo que há de mais singular e de mais cotidiano de uma época. Os cronistas, ao se aventurarem pelas trilhas da escrita, compartilham com os leitores suas apreensões e desejos, projetam uma realidade cotidiana de forma subjetiva e, por meio de uma linguagem do dia a dia, referem-se de forma direta ao leitor "comum", a fim de informá-lo, entretê-lo e fazê-lo pensar a respeito do tempo presente. O resultado das análises revela que a inserção da população ao mundo moderno se dá em meio a traumas e dissensos, isso porque Teresina ainda tinha fortes raízes ligadas aos costumes tradicionais. Ademais, essa "sociedade do progresso" é testemunhada pelos teresinenses, não somente pelas mudanças técnico-científicas, mas pelo modo de vida das pessoas, suas sociabilidades, sua forma de morar, seus hábitos e costumes.

Palavras-chave: Teresina. Cronistas. Sociabilidades. Civilização. Modernidade.

ABSTRACT

To comprehend the teresinense everyday way of life and the conflicts through the advanced modernity and civilization it is important to understand the piauisense capital city as a social dynamics space and an environment of the multiples sociabilities. The goal of this research was to analyze the teresinense perception around the process of civilization that columnists transmitted between the years 1900 and 1930. Articles in newspapers, code of conductand the vast piauiense literature that speaks about the theme were used as resources to get that objective. On the other hand, the main instrument access to that information in the urban space was the chronic published in local newspapers because they are what is the most singular and the most representative of an era. When the columnists get adventure by the writing trail they share their apprehension and craving with the readers. The writers project an everyday reality of a subjective manner and through the quotidian language, they refer to an objective way to “any” reader in order to inform, to entertain and make him to think in relation to the present time. The result of the analysis shows the insertion of the population into the modern world happens among traumas and dissent, it because Teresina still had strong roots connected to the traditional habits. Furthermore, teresinenses are witness this “society of progress” not only for technological scientific changes but also for the people way of life and their sociabilities, their living way and their habits and traditions.

Key words: Teresina. Columnists. Sociabilities. Civilization. Modernity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Enchente em Teresina, em 1926 25
Figura 2 - Carregadores de Águas 29
Figura 3 - Companhia Elétrica de Teresina(1914) 32
Figura 4 - Praça Rio Branco em 1913 38
Figura 5 - Imagem do bumba meu boi 69
Figura 6 - Manifestações carnavalescas 80
Figura 7 - Praça Rio Branco, 1925 83
Figura 8 - Mundico, aos 19 anos**.** Atleta do Remo 96
Figura 9 - Propaganda do jornal *O Nordeste*..... 99
Figura 10 - O Internacional, 1917 102
Figura 11 - Time do Theresinense Athletic Club..... 108
Figura 12 - Campo do Parnahyba Sport Club 115
Figura 13 - João Martins de Moraes, um dos fundadores do Militar Sport Club 116
Figura 14 - Elixir de Camapú Beirão 120
Figura 15 - Elixir de Inhame 122
Figura 16 - Antigal do Dr. Machado 124
Figura 17 - Elixir de Nogueira 124
Figura 18 - Anúncio do Luetyl 125
Figura 19 - Anúncio: Elixir 914 125
Figura 20 - Emulsão de Scott 126
Figura 21 - Emulsão de Scott 126

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 A CIDADE E AS SOCIABILIDADES MODERNAS 21
2.1 As teias materiais da cidade moderna 23
2.2 Embelezando a cidade: praças, cafés, jardins e arborização 37
2.3 A crônica e os hábitos condenáveis 41
2.4 O cinema e suas várias facetas 46

3 AS FORMAS "TRADICIONAIS" DE SOCIABILIDADES TERESINENSES 56
3.1 As festividades religiosas 57
3.1.1 Festejo Mariano, Sagrado Coração de Jesus e Reisado 59
3.1.2 Os festejos juninos: São João e Bumba meu boi 66
3.2 Forrós e Bailes..... 72
3.3 No ritmo da folia: o Carnaval e suas transformações históricas 77

4 CORPO, ESPORTE E SAÚDE EM TERESINA 87
4.1 A cultura física modelando a imagem do homem moderno 87
4.2 Novas sociabilidades: ciclismo e regatas 93
4.3 Futebol: a mania chega a Teresina 98
4.3.1 Futebol nas ruas e praças: lazer dos vagabundos?..... 111
4.4 Vendendo saúde em Teresina: a modernidade e os efeitos dos remédios milagrosos 118
4.4.1 A medicalização da sociedade nos periódicos teresinenses 119

5 CONCLUSÃO..... 128

REFERÊNCIAS 132

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, as transformações nos campos e canteiros[1] da História agregaram novas possibilidades aos seus estudos. Exemplo disso é a coletânea *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*, coordenada por Jacques Le Goff e Pierre Nora[2], ou mesmo os escritos da década de 1930 de Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*[3], que contribuíram para um alargamento dos estudos dos historiadores, conformados, agora, através de novas temáticas e metodologias. Multiplicidade de temas, renovação das correntes da história e novos campos de pesquisa modificaram o universo e os objetos de estudo, incidindo sobre o uso das fontes documentais. Seguindo essas inovações metodológicas, buscou-se utilizar a crônica como fonte que medeia as relações teóricas entre *história, cidade e literatura.*[4]

Na virada do século XIX para o XX, o Brasil viveu um acelerado processo de modernização dos espaços e, influenciado pelas "reformas" das cidades europeias, implantaria nas suas urbes a ideologia do novo, do moderno e do civilizado. O Rio de Janeiro foi uma das primeiras cidades a imprimir essa nova lógica urbana, passando a ser vista como vitrine para as demais, a partir de uma nova roupagem que exigia uma nova classe social, de costumes refinados. É dessa forma que a mentalidade burguesa em expansão busca civilizados costumes da população citadina, em diferentes graus de intervenção. No caso de Teresina, passou-se a investir – mesmo de forma precária –, na infraestrutura urbana e nas diversas formas de lazer. Esses investimentos, porém, esbarravam nas limitações econômicas da capital piauiense. Nesse ponto, Monsenhor Chaves chama a atenção para o fato, ao dizer que "Teresina cresceu com todos os defeitos inerentes a um desenvolvimento prematuro e apressado".[5]

A modernidade e a civilização dos costumes são testemunhadas pelos teresinenses não somente pela chegada da luz elétrica, da água encanada, da arborização, dos bondes e carros,

---

[1] BOUTIER, J.; JÚLIA, D. (Org.). *Passados recompostos:* campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

[2] NORA, P.; LE GOFF, J. (Org.). *História:* novos problemas, novas abordagens, novos objetos. 3 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

[3] FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

[4] Como exemplos dessas possibilidades de estudo, é possível citar: REZENDE, A. P. de. *Desencantos modernos:* histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997; SEVCENKO, N. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; QUEIROZ, T. *Os literatos e a república:* Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011; WILLIAMS, R. *O campo e a cidade:* na história e na literatura. Trad.: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

[5] CHAVES, M. Teresina – subsídios para a história do Piauí. In: _____. *Obra completa*. Teresina: Halley, 1998, p. 27.

mas pelo modo de vida das pessoas, suas sociabilidades, sua forma de morar, seus hábitos e costumes. Assim, a pertinência deste estudo surgiu do anseio em compreender de que forma as sociabilidades teresinenses influenciaram o cotidiano do homem citadino no período que vai de 1900 a 1930. Trata-se de uma análise que procura apreender as sociabilidades como cenário para a "construção" de uma nova lógica de viver na cidade. Especificamente, buscou-se identificar os novos espaços de lazer civilizado, analisá-los a partir das sociabilidades, as permanências resultantes das disputas entre tradição e modernidade e, ainda, identificar o ideal de homem civilizado teresinense no início do século XX.

Nesse sentido, o presente trabalho busca compreender, através das diversas formas de sociabilidades, as ações dos cronistas na constituição de uma urbe civilizada. Uma das primeiras medidas para alcançar a "sociedade do progresso" foi produzir a imagem do homem moderno, que se caracterizava por ter boa aparência, ser educado, saudável, cortês, obediente, trabalhador e higiênico. Cabe ressaltar que esse "projeto civilizador" foi constituído em meio a dissensos e conflitos, e por essa razão existe um grande número de festividades assinaladas pela forte presença da Igreja Católica e pelos hábitos ligados a um cotidiano rural.

Cumpre notar que a revolução técnico-científica imbricada nos transportes, nas sociabilidades, nos esportes, na urbanização alterou profundamente a forma de a sociedade ver o mundo, de lidar com os novos desejos e anseios. Da mesma forma, os espaços passam por um processo de "regeneração", no sentido de ganhar um ar mais moderno e higiênico, dando impulso às mudanças sociais do período, estendendo o horário e as modalidades de lazer e acelerando a percepção da velocidade da passagem do tempo, que descola cada vez mais do tempo natural para assumir a velocidade da máquina, do relógio e das fábricas (símbolo do desenvolvimento econômico moderno), muito próximo à mentalidade inglesa do período estudado por Thompson.[6]

Decorre que havia um projeto civilizador em curso em todo o país, embora cada cidade tivesse o seu próprio ritmo. A intensidade do processo era diretamente proporcional à inserção da urbe nesse mundo moderno. Teresina, por exemplo, com a frágil inclusão nas relações capitalistas, oriundas de uma região periférica, de uma maioria conservadora e atrelada ao campo, acarretou um progresso com limitações. Lugar de muitas temporalidades, a cidade transitava entre o tradicional e o moderno. Aqueles procuravam afastar-se do que era novo, tentando cultivar cada vez mais as raízes ligadas ao meio rural. Estes, representados

[6] THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

sobretudo pelos cronistas, lutavam para civilizar os costumes da população e eliminar certos hábitos provincianos.

No que se refere ao recorte temporal, justifica-se, primeiramente, por Teresina ter vivenciado, dentro desse período, uma forte investida por parte dos cronistas na "construção" de uma cidade ordeira e moderna, onde seus habitantes deveriam seguir uma nova lógica social. Além disso, nessa época, ocorreu um grande avanço rumo às reformas urbanas e sociais nas cidades espalhadas pelo Brasil. A principal indagação foi saber como o cidadão teresinense assimilou os diversos signos da modernidade, desde o desenvolvimento técnico-científico, como a luz elétrica e os bondes, até as diversas manifestações sociais, a exemplo do cinema, do futebol, do São João, do Carnaval etc.

Para a construção do referencial teórico, primeiramente recorreu-se ao conceito de civilização de Norbert Elias. Entende-se que os conceitos são criados para explicar certas realidades históricas, sendo equivocado inseri-los em um caráter universal. Desse modo, foram usados repetidamente até se tornar instrumentos eficazes para expressar o que as pessoas experimentaram em comum e/ou almejavam difundir. Conceitos empregados constantemente no linguajar diário de uma dada sociedade viravam palavras da moda. Usavam-nos porque isso lhes parecia natural, porque desde a infância aprendia-se a ver o mundo através da lente dos adultos. Uma geração os transmite a outra sem estar consciente do processo como um todo, e os conceitos sobrevivem enquanto gerações sucessivas puderem significar suas próprias experiências no significado das palavras. A "civilização" a que estamos acostumados a considerar como aparentemente pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos.[7]

Em virtude do que foi mencionado, o conceito de civilização é formulado através da análise da sociedade Ocidental e refere-se desde os desenvolvimentos técnico-científicos, maneiras, ideias religiosas e costumes, até os diferentes tipos de habitação ou mesmo o modo como homens e mulheres vivem juntos.[8] Levando em consideração o discurso evolucionista entre o final do século XIX e início do XX, a civilização passa a configurar como algo que se opõe à barbárie e carrega em sua essência a noção de futuro, de progresso, em oposição a passado e a atraso.

---

[7] ELIAS, N. *O processo civilizador:* uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011, p. 26 e 70.
[8] Ibidem, p. 23.

À luz desse entendimento, o presente estudo contribui no sentido de analisar os diferentes tipos de comportamentos considerados típicos do homem civilizado teresinense, no início de século XX, em comparação ao modelo que estamos acostumados a julgar como civilizado. Se um homem da atual sociedade teresinense fosse, de repente, transportado para uma época passada, para o período Colonial, por exemplo, poder-se-ia concluir, equivocadamente, que a sua cultura não era civilizada no mesmo sentido nem no mesmo grau da sociedade em que ele vive.

No decorrer dos séculos, o modelo de comportamento humano muda gradualmente em uma direção específica, de modo que o papel fundamental desempenhado diz respeito à mudança nos sentimentos de vergonha e embaraço. Muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe e, junto a isso, desperta o estímulo do desagrado e do medo, socialmente instalados. No estudo desse processo civilizador, é necessário tentar afastar todos os sentimentos de superioridade, todos os juízos de valor e críticas associadas aos conceitos de "civilizado" ou "incivil". Na verdade, os termos não constituem uma antítese do tipo existente entre o "bem" e o "mal", mas representam, sim, fases de um desenvolvimento que ainda hoje persiste. É bem possível que nosso estágio de civilização, nosso comportamento, venha a despertar em nossos descendentes um embaraço semelhante ao que às vezes sentimos ante o comportamento de nossos ancestrais.[9]

As discussões acerca de modernização e modernidade foram subsidiadas pelos escritos de Marshall Berman. Assim, compreende-se "modernização" como uma série de mudanças tecnológicas e estruturais que atua diretamente na vida urbana do teresinense, tais como luz elétrica, água encanada, arborização de praças, calçamento de ruas ou mesmo a chegada do carro e do bonde. Já a modernidade está relacionada a um "experimentar" das sensações dos novos aparatos técnicos, ou melhor, às diferentes formas as quais são subjetivadas as técnicas. Nesse sentido, a finalidade deste trabalho não se resume apenas em analisar a inclusão dessas tecnologias na sociedade teresinense, mas ao modo como elas foram significadas e ressignificadas pelos diferentes indivíduos.[10]

Dentro dessa abordagem, outro conceito importante para o desenvolvimento deste estudo refere-se à sociabilidade. Os dicionários a definem como "aptidão para viver em sociedade". Porém, essa é uma definição muito vaga, requer uma análise mais apurada. Segundo Ramos; Matos e Patriota, a sociabilidade baseia-se na sequência que Norbert Elias

---

[9] ELIAS, 2011, p. 13; 69-70.

[10] BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar:* a aventura da modernidade. São Paulo. Companhia das Letras, 1996, p. 15.

analisou para o século XVIII na civilização dos costumes sob o nome de civilidade. Este último designa a emergência de um controle da pessoa, de seu corpo e de sua linguagem. A civilidade que, já com Erasmo, toma sentido de "saber viver", que ensina ao indivíduo que seu corpo não é independente de outros, que nem tudo lhe é permitido. Assim, constrói as modalidades de pertencimento do indivíduo a um grupo social no qual reina a proximidade, ou mesmo a promiscuidade urbana. Os grupos sociais e culturais funcionam graças ao respeito de certas regras sociais. Dessa forma, a sociabilidade é apenas a sequência no plano cultural como no da linguagem, de regras fundamentais da sociedade.[11] Portanto, propõe-se a tratar da vida social do homem teresinense em seu cotidiano, cuja existência é atravessada por mecanismos de dominação e alienação que distorcem sua compreensão da história e do próprio destino.

Para Jean Baechler, o conceito de sociabilidade está ligado a diferentes maneiras de se relacionar, nas quais predomina a formação de laços sociais, de redes mais ou menos sólidas e exclusivas, que se estabelecem entre diferentes atores sociais. O autor esclarece ainda que a finalidade essencial da sociabilidade é oferecer a seus membros espaços públicos de convívio social, onde ele possa firmar laços. Nada impede que nesses espaços sejam tratados de assuntos burocráticos, tais como os profissionais, confessionais ou políticos, porém, são temas colocados como secundários, gerais ou particulares. Os indivíduos devem, na medida do possível, impor silêncios a seus humores e problemas pessoais. Em vista disso, convém salientar que a sociabilidade valoriza o bate-papo, a conversação, a reunião em si.[12]

No que se refere à historiografia piauiense nos anos iniciais do século XX, destacam-se como pilares para este estudo os trabalhos dos historiadores Teresinha Queiroz[13], Pedro Vilarinho Castelo Branco[14], Mafalda Baldoíno de Araújo[15], Humberto

---

[11] LEENHARDT, J. Sensibilidade e sociabilidade. In: RAMOS, A. F.; MATOS, M. I.; PATRIOTA, R. (Org.). *Olhares sobre a história*: culturas, sensibilidades, sociabilidades. São Paulo: Hucitec; Goiás: PUC Goiás, 2010, p. 27-28.

[12] BAECHLER, J. Grupos e sociabilidades. In: BOUDON, R. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 77-83.

[13] QUEIROZ, T. *As diversões civilizadas em Teresina*. 1880-1930. Teresina: FUNDAPI, 2008; *Os literatos e a república*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.

[14] CASTELO BRANCO, P. V. Progresso: máquina de criar desejos e espantos. In: *Revista Espaço-Tempo*, v. 1, nº 4. Teresina: UFPI, 1996; *Mulheres plurais*: a condição feminina em Teresina na primeira república. Teresina: FCMC, 2001.

[15] ARAÚJO, M. M. B. de. *Cotidiano e pobreza*: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: FCMC, 1995.

Vaz[16] e Pedro Pio[17]. Vale dizer que as suas pesquisas deram as coordenadas para esta dissertação à medida que trabalharam a crônica como vestígio de historicidade. Os livros *As diversões civilizadas* e *Os literatos e a república* foram norteadores para entender que o processo de civilização é amplo e que as vivências modernas não se deram somente mediante os aparatos técnicos, mas também através das reformas culturais, como o cinema, o teatro e a música. No artigo "Progresso: máquina de criar desejos e espantos" e no livro *Mulheres plurais*, Pedro Vilarinho explica as reações ao impacto do novo entre os teresinenses e como as mulheres se inseriam nesse mundo "civilizado" e "moderno" da República, respectivamente. A obra *Cotidiano e pobreza* ressalta as vivências do pobre urbano e as interferências do governo no combate aos costumes "incivilizados" na capital piauiense. A dissertação *De relance: a construção da civilidade de Teresina* traz para o centro da discussão o tema da civilização, de modo que incita diversas diretrizes para este trabalho. O trabalho *Desafiando o olhar de Medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina* também ofereceu elementos importantes para a construção deste estudo, visto que o autor elenca as diversas ações para se conquistar a tão almejada civilização do progresso.

Em relação à metodologia, a primazia foi por matérias de jornais, sobretudo as várias crônicas publicadas entre os anos de 1900 e 1930 em Teresina. A análise utilizar-se-á da crônica como vestígio de historicidade, tomando-se como exemplo os estudos dos historiadores Sidney Chalhoub[18] e Nicolau Sevcenko[19] que articulam a história e a literatura. Com efeito, as fontes literárias, mormente as crônicas, são aquilo que há de mais singular, de mais coloquial de uma época, porquanto vê nas "migalhas" cotidianas tais vestígios. Antônio Cândido explica: "Ela pega o miúdo e mostra nela a sua grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada".[20]

As crônicas publicadas nos jornais teresinenses revelam o retrato de uma época apreendida pela escrita sempre atenta dos cronistas. Elas foram utilizadas como meio de acesso às práticas cotidianas, como ação que enfocava os acontecimentos do dia a dia e que,

---

[16] COSTA, F. H. V. da. *De relance:* a construção da civilidade de Teresina (1900-1930). 2009. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2009.

[17] FONTINELES FILHO, P. P. *Desafiando o olhar de Medusa*: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. 2008. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2008.

[18] CHALHOUB, S. *História em coisas miúdas*: capítulos de história social do Brasil. São Paulo: Unicamp, 2005.

[19] SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

[20] CÂNDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: _____. (Org.). *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992, p. 14.

por isso, mantinha uma relação íntima com o tempo vivido. Portanto, podem também ser aqui consideradas como uma escrita do tempo. Os cronistas, ao se aventurarem pelas trilhas da escrita, compartilham com os leitores suas apreensões e desejos. Projetam uma realidade cotidiana de forma subjetiva e, por meio de uma linguagem coloquial, referem-se de forma direta ao leitor "comum", com o objetivo de informá-lo, entretê-lo e fazê-lo pensar a respeito do tempo presente. A crônica deve ser entendida, então, como um cotidiano reconstruído, uma leitura e interpretação da própria realidade.[21]

Ao se trabalhar pelo viés da crônica como testemunho histórico, deve-se ter em mente que os cronistas são "sujeitos [que] vivem com dúvida, como a incerteza, como a necessidade cotidiana de intervir para tornar real o devir que os interessa".[22] Necessita-se, então, historicizar o gênero e inseri-lo no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução, perceber como a obra foi produzida, em que contexto social, e qual a intencionalidade do cronista ao escrever sobre a modernização de Teresina no começo do século XX, por exemplo.[23]

Assim, a sacralização da literatura dá lugar a um gênero que aproxima a literatura dos assuntos do cotidiano e passa a atuar de perto no dia a dia, "farejando as coisas miúdas e graúdas e pondo tudo em pratos limpos".[24] Dentre as dezenas de periódicos que circulam em Teresina e que tratam dos mais variados temas, a pesquisa contempla 17 jornais entre os anos de 1900 e 1930. São eles: *O Apóstolo*[25], *O Piauí*[26], *Diário do Piauí*[27], *O Correio, Piauí, Jornal de Notícias, O Nordeste, Gazeta*[28], *Pátria, O Monitor*[29], *Correio de Teresina, O*

[21] Sobre o conceito de crônica, cf. CHALHOUB, S. *História em coisas miúdas*: capítulos de história social do Brasil. São Paulo: Unicamp, 2005. MONTEIRO, C. *Porto Alegre e suas escritas*: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDPUCRS, 2006. RAMOS, A.F.C. *História e crônica*: "balas de estalo" e as questões políticas e sociais de seu tempo (1883-1887). São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2001.

[22] PEREIRA, L. A. de M.; CHALHOUB, S. (Org.). *A história contada*: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 9.

[23] CHALHOUB, S. *História em coisas miúdas*: capítulos de história social do Brasil. São Paulo: Unicamp, 2005, p. 6.

[24] Ibidem, p. 12.

[25] Jornal católico de propriedade da diocese de Teresina, teve duração de 1907 a 1912 e contou como principal colaborador Elias Martins, figura conhecida por seus posicionamentos radicais e tradicionais contra as novidades do mundo moderno, principalmente o cinema.

[26] Órgão oficial de maior duração continuada (1867-1930). Teve entre seus principais redatores Anísio de Abreu, Miguel Rosa e Matias Olímpio.

[27] Órgão oficial que circulou entre 1911 e 1915, e que contava com a colaboração de muitos cronistas da época como Higino Cunha, Simplício Mendes e Clodoaldo Freitas.

[28] Circulou entre 1904 e 1919 e contava com a participação de homens influentes no meio social, como Pedro Alcântara, Benedito Lemos e Da Costa e Silva.

[29] Jornal anticlerical que circulou na capital piauiense entre os anos de 1906 e 1911. Contou com vários cronistas do período, onde se destacam Zito Batista e Abdias Neves.

Arrebol[30]*, O Obuz, O Tempo, O Comércio, O Artístico*[31] *e A Imprensa*. O trabalho de pesquisa com esses jornais procurou analisar a percepção dos teresinenses diante do processo de civilização na capital no início do século XX.[32]

Além da publicação das crônicas, outras fontes foram muito importantes para a constituição deste trabalho, a exemplo do Código de Posturas de Teresina, de 1912, que contribuiu para dar suporte na análise das leis que normatizavam o comportamento dos cidadãos teresinenses, e as publicações de vários escritores piauienses que remetem ao cotidiano de Teresina, com destaque para *Em Roda dos Fatos,* de Clodoaldo Freitas[33]; *Poesia e Prosa,* de Jônatas Batista[34]; *Fitas,* de Elias Martins[35]; *Rua da Glória,* de Figueiredo Monteiro[36]; *Teresina descalça,* de Orgmar Monteiro[37]; *Carnavais de Teresina,*

[30] Jornal que passou por várias fases entre o final do século XIX e início do século XX. Porém, não muda sua linha de discussão, que gira em torno de assuntos científicos e literários.

[31] Órgão do *Artístico Futebol Clube*, dirigido, entre outros, por A. Prado de Moura, Benedito Correia e Augusto Magalhães.

[32] Toda essa documentação encontra-se disponível no Arquivo Público do Piauí, PET-História UFPI, Arquivo digital da Biblioteca Nacional, Arquivo Particular do professor Pedro Vilarinho Castelo Branco e no Núcleo de Pesquisa e Memória (NUPEM) da Universidade Federal do Piauí.

[33] Clodoaldo Severo Conrado Freitas nasceu em Oeiras em 1855 e faleceu em Teresina em 1924. Foi magistrado, político, jornalista, romancista, biógrafo, contista, cronista e professor, desembargador, e deputado. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, à Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro e à Academia Piauiense de Letras, da qual foi seu sócio fundador. Bibliografia: *Fatores do Coelhado; História de Teresina; Vultos piauienses; Em roda dos fatos.* Atou ainda nos jornais *Diário do Piauí*; *O Piauí,* entre outros. In: NETO, A. *Escritores piauienses de todos os tempos* - dicionário biográfico. Teresina: Gráfica e Editora do Povo, 1993.

[34] Jônatas Batista nasceu em Natal (atual Monsenhor Gil) em 1885 e faleceu em São Paulo em 1935. Poeta, jornalista, conferencista e teatrólogo e um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Exerceu o cargo de Oficial de Registro Civil de Teresina e foi membro da Sociedade de Autores Teatrais do Rio de Janeiro. Como jornalista, redigiu em vários jornais como: *Arrebol, O Mensageiro, O Operário* e colaborou em outros: *O Diário do Piauí* e *A Cidade de Teresina*. Como poeta publicou: *Maio; Alma sem rumo* e *Poesias e prosas.* In: GONÇALVES, W. C. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s.n.] 2000, p. 54.

[35] Elias de Sousa Martins nasceu em Picos em 1869 e faleceu em Teresina em 1936. Era político, jornalista e escritor. Foi procurador da República em Teresina e deputado federal por duas legislaturas. Obras: *Fitas; O poder das trevas; Frei Serafim de Catarina* e outros. In: NETO, A. *Escritores piauienses de todos os tempos* - dicionário biográfico. Teresina: Gráfica e Editora do Povo, 1993, p. 53.

[36] Carlos Augusto Figueiredo Monteiro nasceu em Teresina, em 1927. Possui Bacharelado e Licenciatura em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual UFRJ. Doutor e Livre-Docente em Geografia e professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Dentre suas obras destacam-se: *Geografia sempre: o homem e seus mundos*; *Tempos de balaio*; *Rua da Glória*. Cf. MONTEIRO, C. A. F. *60 anos de geografia UFRS*. Revista Eletrônica Para Onde!?, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, 2007; CONTI, J. B. *Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, o geógrafo*. GEOUSP-Espaço e Tempo, São Paulo, n. 2, 2007, p. 11-14.

[37] Orgmar Monteiro nasceu em Teresina em 1918, e faleceu na cidade de São Paulo, em 1988. Tem no livro *Teresina descalça*: memórias desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos dos novos, um rico relato do cotidiano do homem teresinense no início do século XX.

de A. Tito Filho[38]; *Subsídio para a história do Piauí,* de Mons. Chaves[39]; *Um Manicaca,* de Abdias Neves[40]; *Piauí, 100 anos de futebol*, de Severino Filho[41].

Com essa proposta, este estudo encontra-se estruturado em três capítulos interdependentes. No capítulo intitulado **A cidade e as sociabilidades modernas**, analisa-se a modernidade de Teresina nas três primeiras décadas do século XX, procurando perceber como a cidade foi apreendida na sua dinâmica social, e o que fez dela um ambiente de sociabilidades diversas. Nesse sentido, convém observar a percepção dos teresinenses no que diz respeito a abastecimento de água, iluminação elétrica, calçamento das ruas, chegada dos automóveis e bondes e a propagação de novos espaços de sociabilidades urbanas, como os jardins, os cafés e o cinema. Enfim, uma reflexão sobre a pretensão dos cronistas em corrigir hábitos e disciplinar uma população ainda muito ligada à ruralidade e à tradição, que ressoava nas entrelinhas das suas narrativas.

No capítulo designado **As formas "tradicionais" de sociabilidades teresinenses**, a ênfase recairá sobre as diversas formas de sociabilidades tradicionais. Dentro desse plano existem aquelas sociabilidades ligadas à Igreja Católica, em que se destacam o Festejo Mariano, o Festejo do Sagrado Coração de Jesus e aquelas que tinham um maior envolvimento da população na estrutura organizacional, a exemplo do Bumba meu boi, do Reisado, do São João, dos forrós, dos bailes e do Carnaval. O objetivo é analisar as nuanças,

---

[38] Nascido em Barras, em 1924, A. Tito Filho foi professor, jornalista, cronista, historiador, Bacharel em Direito e presidente da Academia Piauiense de Letras por duas décadas. Em crônicas publicadas no Jornal *O Dia*, retratou a cidade de Teresina em vários trabalhos, destacando-se: *Carnavais em Teresina*; *Crônica da cidade amada* (1977); *Crônicas* (1990); *Teresina, meu amor* (1974); *Praça Aquidabã, sem número* (1975). Cf. GONÇALVES, W. C. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s.n.] 2000, p. 292-293.

[39] Mons. Chaves nasceu em 1913 em Campo Maior-PI. Além de Licenciado em Filosofia, atuava como sacerdote, professor, historiador e biógrafo. Fez parte da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Obras: *Teresina*: subsídios para a história do Piauí (1952); *Apontamentos biográficos e outros* (1994); *Como nasceu Teresina*. Cf. NETO, A. *Escritores piauienses de todos os tempos* - dicionário biográfico. Teresina: Gráfica e Editora do Povo, 1993.

[40] Abdias Neves, natural de Teresina (1876-1928), era Bacharel em Direito formado pela Faculdade de Direito de Recife em 1898. Ocupou vários cargos públicos, entre eles o de professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal. Fundou ainda a escola privada conhecida como o Internato Ateneu Piauiense. Foi Senador da República e autor de vários livros, onde se destaca o romance *Um Manicaca*. Cf. CASTELO BRANCO, P. V. *História e masculinidades*: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 44.

[41] Severino Gomes de Oliveira Filho, mais conhecido como Buim, nasceu em Teresina em 1961 e atua na crônica esportista desde 1977. Pesquisador da história do futebol piauiense, possui vasto acervo sobre a matéria. Principais Obras: *Memórias do futebol piauiense*; *Almanaque do futebol piauiense* e *Piauí*; *100 anos de futebol*. Cf. FILHO, S. *Memórias do futebol piauiense*. Teresina: Severino Gomes de Oliveira Filho, 2014.

as ambiguidades no interior dessas sociabilidades, percebendo como os indivíduos se apropriam dessas diversas manifestações.

No capítulo denominado **Corpo, esporte e saúde em Teresina**, buscou-se construir a imagem do homem civilizado teresinense. Educado, saudável, higiênico, com boa aparência e sempre pronto para o trabalho: eram essas características que não podiam faltar àqueles que desejassem inserir-se na tão desejada civilização do progresso. A inserção nesse novo ordenamento social procura associar o corpo atlético e saudável à ideia de bem-estar, de civilização. Dessa forma, duas ações sobressaíam na constituição desse "homem moderno", que era a prática da educação física experimentadas no ciclismo, nas regatas e, principalmente, no futebol e no consumo de elixires e tônicos, que prometiam prevenir, curar e fortificar o corpo.

Nesse contexto, compreender as vivências cotidianas teresinenses e seus conflitos mediante os avanços da modernidade e civilização é relevante para entender a cidade de Teresina como um espaço de dinâmica social e um ambiente de sociabilidades diversas. Por fim, acreditamos que vale a pena ainda estender o estudo para o caso de outras cidades que se urbanizaram nesse início do século XX, de modo que se tenha um melhor entendimento da inserção das cidades brasileiras nesse novo ordenamento social.

2 A CIDADE E AS SOCIABILIDADES MODERNAS

Com base nos relatos dos cronistas, este capítulo tem como escopo analisar as experiências modernas em Teresina nas três primeiras décadas do século XX. Procura-se, então, perceber como a cidade foi apreendida na sua dinâmica social e o que fez dela um ambiente de sociabilidades diversas. Nesse sentido, avaliam-se questões essenciais em sua estrutura, como abastecimento de água, iluminação elétrica, calçamento das ruas, chegada dos automóveis e bondes. Para além das transformações urbanas, a cidade deveria passar por "renovação" em seus hábitos e costumes. Assim, novos espaços de distinção social, de lazer – como cafés, jardins públicos e cinemas –, foram construídos no afã de inserir os indivíduos nesse modelo de projeto urbano, onde as pessoas deveriam ser "instruídas, refinadas e educadas".

Na tentativa de entender essa transformação citadina, foi necessário recorrer aos conceitos de modernização e modernidade. Dessa forma, o termo **modernização** traduz uma série de mudanças tecnológicas e estruturais que atuam diretamente na vida sociocultural dos indivíduos, (re)organizando o espaço urbano.[42] A exemplo disso, algumas transformações advindas do desenvolvimento técnico podem ser citadas, como a luz elétrica, a água encanada, arborização das praças, calçamento das ruas ou mesmo a chegada do carro e do bonde. Já a **modernidade** expressa a experiência histórica que acompanha as transformações advindas da modernização, ou seja, representa um experimentar das sensações dos novos aparatos técnicos. Nesse mister, a intenção deste estudo não é apenas analisar a chegada dessas tecnologias à capital Teresina, mas sobretudo compreender como elas foram significadas e ressignificadas pelos diferentes indivíduos. Daí é possível entender a modernidade como as diferentes formas às quais são subjetivadas as técnicas[43].

Para melhor entender Teresina em sua diversidade, em seus pormenores, como espaço onde são vivenciadas diferentes experiências, foi valiosa a contribuição de Pelbart, para quem a cidade é "uma rede fluida, múltipla, escape e dispersa". Ela constituiria a relação com o lado de fora ou, mais radicalmente, seria a própria forma de exterioridade. Do lado oposto, tem-se o Estado, que tende a uma espécie de totalização, estratificação, de fechamento e de redundância. Nesse campo de embates, o Estado domina e se instala sobre a cidade, mas ao

[42] Cf. BERMAN, 1996.
[43] Ibidem, p. 15.

mesmo tempo, ela libera seus fluxos decodificados e "foge por todos os lados", constituindo mil e um outros tipos de cidade[44].

É nesse contexto que Teresina vivencia, por parte de vários cronistas, o discurso do novo. Tal epíteto é invocado para adjetivar lugares, técnicas, mercadorias e ideologias. O desejo pelo novo é um dos traços característicos daquilo que se denomina modernidade. O modo de viver moderno é uma experiência que envolve o indivíduo no mundo regido pela velocidade, que modifica o sentido do tempo e do espaço, potencializando entusiasmos, tensões, esperanças e incertezas em relação ao presente e ao futuro[45].

Nos princípios do século que se iniciava, Teresina poderia ser vista como uma senhorita descalça, malvestida e sem nenhum adereço que a enfeitasse, que a tornasse bonita e elegante. Pelo contrário, tinha aspecto provinciano, com ruas esburacadas, iluminadas por lampião e água servida em ancoretas. De 1900 a1930, a capital, em busca de uma urbe moderna e civilizada, passou a combater hábitos que remetessem a um passado escravocrata e cheio de vícios. Contra esses "desvios de padrão", vários cronistas estabeleceram estratégias para ordenar o espaço e disciplinar a população. Essas estratégias[46] eram precedidas nas medidas de embelezamento, saneamento e higiene da cidade, onde eles prescreviam novos modelos voltados para o disciplinamento da população às novas regras da vida urbana.[47] Os cronistas, que influenciaram na nova lógica de viver na cidade, eram, em sua maioria, letrados originários da elite urbana, constituídos, principalmente, de bacharéis de direito egressos da Escola do Recife,[48] ou ainda, médicos e engenheiros.

Várias foram as apropriações dos hábitos e costumes da cidade de Teresina. Enquanto lugar de experiências humanas, que se presta a uma multiplicidade de olhares[49], a urbe comportava diversos grupos, onde cada qual defende o seu modo de ver e viver o espaço

---

[44] PELBART, P.P. "Cidade, lugar do possível". In:_____. *A vertigem por um fio*. São Paulo: FAPESPI /Iluminuras, 2000, p. 46-48.

[45] ARRAIS, R**.** *O corpo e a alma da cidade*: Natal entre 1900 e 1930. Natal: EDUFRN, 2008, p. 163.

[46] DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 169-172.

[47] PONTE, S. R. *Fortaleza belle époque*: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993, p. 18.

[48] A Escola do Recife "constitui um espectro intelectual cujas raízes iniciais se positivaram, pela escritura, ainda no final do século XIX, a partir de bacharéis formados na Faculdade de Direito do Recife como Sílvio Romero, Tobias Barreto e Clóvis Beviláqua, entre outros. Por ser a Faculdade do Recife o único curso jurídico da região, até pelo menos o início da década de 1890, tornou-se um centro receptor de estudantes de Direito de várias províncias/estados do norte do Brasil". Cf. AVELINO, J.G.M. *As escritas dos bacharéis*: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana. 2012. 193f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012, p. 11.

[49] PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade*: visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 23.

urbano. Os cronistas ligados ao movimento de modernização vislumbravam uma cidade com potencialidade de desenvolvimento, o que ocorreria através de uma série de reformas urbanas e sociais, até chegar a se transformar em uma cidade "moderna" e "civilizada". Já os cronistas do outro lado, ligados à tradição, que se sentiam desterritorializados com o progresso, voltaram suas energias para combater os avanços, pois acreditavam que, junto com ele, vinham os males que acometiam a população.

2.1 As teias materiais da cidade moderna

Uma das principais mudanças que estavam ocorrendo no cenário brasileiro, nos primeiros anos do século XX, era a valorização dos espaços citadinos. Uma prova dessa revitalização pode ser percebida nas reformas urbanas disseminadas pelo Brasil. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife procuraram nesse período incorporar o padrão de vida ligado à cultura europeia. Se comparadas as reformas dessas grandes capitais a Teresina, perceberiam-se semelhanças e contrariedades. No que tange às similaridades, todas almejavam se tornar uma nova Paris. No que concerne às divergências, a capital piauiense não apresentava condições econômicas, políticas e sociais para se tornar uma cidade moderna, nos moldes de George Haussmann[50].

Nesse início de século, Teresina apresentava como área urbana, segundo Bugyja Brito, o espaço que ia da Rua da Estrela (Desembargador Freitas) até a Rua Santo Antônio (Olavo Bilac), abrangendo, além dessas, as seguintes: Rua da Glória (Lisandro Nogueira), Rua do Amparo (Areolino de Abreu), Rua dos Negros (Eliseu Martins), Rua do Fio (Coelho Rodrigues), Rua Grande (Álvaro Mendes), Rua Bela (Teodoro Pacheco), Rua Paissandu, Rua São José (Félix Pacheco) e Rua São Pedro. As ruas não eram habitadas do começo ao fim, porém, algumas eram bem povoadas, chegando a ter até nove quarteirões. A Rua Bela, por exemplo, cortava a Praça Aquidabã (Pedro II) e findava na Igreja São Benedito, começando, a partir dali, uma avenida que se chamou de Frei Serafim[51].

No que concerne à atividade econômica do Piauí, a pecuária se manteve como atividade principal até o começo do século XX, quando a economia extrativista vegetal – cera de carnaúba, borracha de maniçoba e amêndoa de babaçu– se incorpora ao quadro econômico do Estado como atividade de maior importância para a região. Tais produtos, mesmo inseridos

[50] Georges Eugène Haussmann inaugurou um novo estilo de administrar e embelezar a cidade. Foi graças a ele que Paris adquiriu as feições de hoje: uma metrópole, com amplas avenidas, praças e prédios inconfundíveis. Cf. BÁRBARA, F. *Teorias da cidade*. São Paulo: Papirus, 2006, p. 56-58.

[51] BRITO, B. *Narrativas autobiográficas*, v. 1. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977, p. 161-162.

na demanda internacional, não se materializaram como atividades dinâmicas e duradouras capazes de colocar a capital entre as cidades "desenvolvidas" no período.[52] Segundo Figueiredo Monteiro, no início dos anos de 1920, o Estado, onde se inclui Teresina, apresentava uma pecuária estagnada, uma indústria manufatureira que não vigorou, uma agriculta comercial decadente, sobrevivendo ainda da remanescente lavoura de algodão, e voltando-se cada vez mais para o extrativismo[53].

Mesmo com essa forte barreira econômica, Teresina vivenciou alguns momentos de "progresso". A capital, assim como diversas outras, tinha em Paris o modelo de cidade a ser seguido, pois ela se configurava como principal centro civilizatório do século XIX e parte do século XX, fornecendo o exemplo de viver urbano, de civilidade, refinamento e sensibilidade artística. A influência na moda e no consumo foi vivenciada no mundo todo e, no Brasil, não foi diferente. Em seus estudos sobre o Rio de Janeiro, José Murilo de Carvalho diz que é característico desse período os países periféricos copiarem as tendências europeias[54].

No centro comercial de Teresina, as casas mercantis mais importantes encontravam-se reunidas à margem do rio Parnaíba e ruas próximas, e tinham forte influência parisiense. Nos anos iniciais do século XX, esses comércios funcionavam como verdadeiros bazares, onde havia uma variedade de produtos, desde artigos simples e básicos até os mais elegantes e importados.[55]A "Loja Brasileira", de propriedade de Manoel Raimundo Paz[56] (ex-intendente municipal), e o tradicional Centro Elegante, de Juca Feitosa, representavam o que havia de mais interessante em termos de lojas comerciais. Os anúncios dessas lojas davam destaque às principais novidades vindas da Europa, tais como, "leques de plumas – brancas e de cores –, meias de cores para homens e senhoras, colarinhos modernos, alpacas pretas e de cores, perfumarias finas e outros artigos".[57]

---

[52] QUEIROZ, T. de J. M. *Economia piauiense:* da pecuária ao extrativismo. Teresina: EDUFPI, 2006.
[53] MONTEIRO, C. A. de F. *Rua da Glória 3:* no tempo dos revoltosos (1921-1934). v. 3. Rio de Janeiro: [s.n.], 1993, p. 26.
[54] CARVALHO, J. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1991, p. 39.
[55] CHAVES, M. *Obra completa*. Teresina: FCMC, 2005, p. 42-43.
[56] Primeiro Intendente eleito em Teresina pelo voto popular. Piauiense nascido no município de Humildes (atual Alto Longá), administrou a capital de 1893 a 1897. Cf. NETO, A. *Escritores piauienses de todos os tempos* - dicionário biográfico. Teresina: Gráfica e Editora do Povo, 1993.
[57] MONTEIRO, op. cit. v. 2, p. 96.



Figura 1- Enchente em Teresina, em 1926.
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Quando ocorreram as cheias de 1924 e 1926, o comércio declinou e quase desapareceu. Depois de terem suas lojas inundadas e danificadas, grande parte dos comerciantes imigrou para o entorno da Praça Rio Branco. No exemplo relatado por Monteiro, a "Lojas Paulista" foi inundada e depois instalada em novo endereço. Porém, esse deslocamento não é total, visto que algumas casas comerciais relutaram em sair daqueles espaços, mesmo sabendo do perigo iminente de uma nova enchente.

> As lojas "Paulista" (designação anterior das "Pernambucanas" da Lundgren & Cia.) que ficava à beira-rio, esquina da Rua São José, mudara-se para a Praça Rio Branco, esquina com a Rua do Fio (Coelho de Rodrigues), passando-se posteriormente para prédio próprio, na mesma praça, entre as ruas do Amparo (Areolino de Abreu) e dos Negros (Eliseu Martins). Deixando o local para as lojas Casa Carvalho (Carvalho & Carvalho), que insistira em permanecer no local atacado pela cheia de 1924, novamente lastimada pela de 1926[58].

Os efeitos das enchentes não se refletiam somente no comércio. Havia também uma preocupação com a proliferação de doenças na capital. Os mais atingidos por moléstias advindas dessa calamidade eram as crianças, pois elas faziam das inundações verdadeiras

[58] Cf. MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 154.

piscinas. Monteiro relata que "os meninos, principalmente a molecada solta das ruas e da beira do rio, nadavam, improvisavam embarcações, percorriam as áreas inundadas [...]"[59].

Nesse cenário, os problemas urbanos de Teresina ficavam evidentes. Em vista disso, para que o sonho da *belle époque* tropical se tornasse real, era necessário que a cidade aderisse às novas tecnologias e adentrasse em uma política de "regeneração" citadina. Embora tivesse o incentivo de uma elite urbana, Teresina não teve a mesma dinâmica desenvolvimentista comparada a outras capitais. Faltou-lhe, além de outras coisas, maior investimento do poder público, a fim de que houvesse um remodelamento da capital, e, como chama a atenção um cronista da coluna *Pro Urbe* do jornal *Apóstolo* de 1909:

> Em Teresina faltava tudo o que dizia respeito a uma cidade desenvolvida e civilizada: falta-lhe calçamento, luz, mercado, esgotos, meios de transporte, ajardinamento, pontos de recreio, tudo enfim que diz respeito ao adiantamento, conforto e higiene de uma sociedade nova[60].

Um dos esforços iniciais para mudar essa realidade urbana é relatado no livro *Ruas de glória*, no qual Carlos Figueiredo Monteiro aponta para uma das primeiras obras públicas de Teresina nesse novo século. Segundo ele, em fevereiro de 1905, o então prefeito da cidade, Domingos Monteiro[61], passou a apoiar e a estimular a iniciativa privada para tais melhoramentos, visto que a receita da prefeitura atingia apenas 81 contos de réis, quantia essa que não favorecia a construção de obras urbanas. Desse modo, a parceria entre capital privado e prefeitura resultou no calçamento da primeira rua na capital, a Rua Grande [62]. Diz ele que:

> A Senhora Joaninha Portellada, esposa do médico Dr. Raimundo de Arêa Leão, cansada de mandar os seus criados molhar a rua para baixar a poeira, na seca e calçar com algumas pedras e tábuas a lama, nas águas, resolveu pedir autorização ao prefeito para assumir o calçamento daquela rua no 6º quarteirão, aquele que estava sua residência. O prefeito não somente autorizou como sugeriu à proprietária que intermediasse com os outros moradores, de frente a sua casa, para que dividisse a meias a despesa do calçamento com paralelepípedos. [...] Assim se iniciaria a prática do

[59] Cf. MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 155.
[60] PRO URBE. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 121, 3 out. 1909, p. 4.
[61] Major do Exército, natural de Campo Maior. Foi prefeito da capital entre os anos de 1905 e 1909. Além de prefeito, foi deputado estadual e um dos fundadores do 25º Batalhão de Caçadores, que solidifica a presença do Exército Nacional no Estado do Piauí. Cf. MONTEIRO (1993, v. 2, p. 96).
[62] Com a Proclamação da República, a Rua Grande passa a se chamar Dr. Portellada em homenagem ao homem que financiou o calçamento da rua. Porém, com o decorrer dos anos, a rua foi rebatizada, e passou a homenagear o governador do período, passando a se chamar Álvaro Mendes. Cf. CHAVES, M. *Obra completa*. Teresina: FCMC, 2005, p. 40-41; MONTEIRO, C. A. de F. *Rua da Glória 3*: as armas e as máquinas (1921-1934). Rio de Janeiro: [s.n.], 1993, v. 2, p. 96.

> calçamento da cidade, que se arrastaria por muitos anos, segundo o interesse e as posses dos moradores[63].

Com efeito, essa obra não conteve a euforia daqueles que almejavam uma cidade desenvolvida. Junto com o crescimento urbano, os problemas de higiene e saneamento se agravavam. E em 1910, o cronista da coluna *Em nome do povo*, do jornal *O Apóstolo*, evidencia demandas de um povo insatisfeito com o rumo que estava tomando a capital do Piauí, reivindicando melhorias no município, principalmente nas ruas que estavam esburacadas e repletas de lixo. Para o cronista, o estado de abandono em que Teresina se encontrava refletia um distanciamento cada vez maior da ideia de uma urbe moderna:

> Não há uma rua de Teresina que não esteja reduzida a um lençol de lama podre, donde desprendem-se os mais deletérios miasmas. O capim e a lama já cobriram o deficiente calçamento de alguns pontos e profundos buracos vão tornando impossível o trânsito na cidade. Acresce a tudo isso que o estado sanitário de nossa capital é mal, devido à falta completa de higiene, pois, além do lamaçal pútrido, são lançados para o meio da rua troncos de bananeiras, ciscos, cascas de melancia, um horror, afinal[64].

A falta de higiene da população passa a ser objeto de penalizações em Teresina. Através de leis, o município procurava organizar o meio urbano, objetivando um espaço disciplinado e racionalizado, livre de qualquer desordem. O *Código de Posturas* municipal de 1912, em seu artigo 47, dizia que era "proibido lançar, nas vias públicas, águas servidas, matérias fecais, animais mortos, entulho de lixo, vidros, ou quaisquer imundícies. Ao infrator, a multa de dez a vinte mil réis"[65]. O desenvolvimento material da cidade passou a ser controlado por essas resoluções, pautadas em princípios higienistas, evidenciando uma maior intervenção do Estado no controle do espaço urbano. Os princípios vinham, quase sempre, acompanhados com palavras de ordem como sanear, desenvolver, higienizar, disciplinar e civilizar.

Assim, muitas modificações aconteceram no cenário das cidades brasileiras, que sofreram um forte processo de transformação, fruto da modernização urbana. Diante de todas essas mudanças, houve uma intensa tentativa de sanitarização do espaço citadino com a canalização da água, limpeza das ruas, retirada de animais do perímetro urbano e outras medidas que contribuíssem para uma higienização das cidades. Tais medidas eram embasadas pelas teorias médico-sanitaristas que acabavam de despontar como verdade quase

[63] Cf. MONTEIRO, 1993, v. 2, p. 96.
[64] EM NOME do povo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 146, 3 abr. 1910, p. 3.
[65] CÓDIGO de Posturas do Conselho Municipal de Teresina – 1912. Teresina: APeCH/UFPI, 1998. Transcrição feita por: Francisco Alcides do Nascimento.

inquestionável do final do século XIX, e início do século XX, amparadas por inúmeros agentes sociais como engenheiros, sanitaristas e médicos[66]. À guisa de exemplo dessas ações, Monteiro assinala que, em 1905, quando reformulado o Código de Posturas de Teresina, "adotou-se o primeiro sistema de numeração das casas e obrigava-se que, nestas, fossem construídas latrinas com fossas"[67].

Nos primeiros anos do século XX, Teresina não dispunha de qualquer apetrecho urbano que a configurasse enquanto cidade moderna. Segundo Geraldo Borges[68], a capital era "uma aldeia perdida à margem do rio Parnaíba, tendo mais habitantes morando em casas de palha do que de telha, e recebendo cartas e jornais com meses de atraso [...]". Em 1902, gados, porcos e galinhas andavam livres pelas ruas, em uma capital que deveria ter em torno de mil e quinhentas casas[69]. Somente em 1905 é que surgem as primeiras ações municipais proibindo a circulação de animais em vias públicas[70]. A ausência de calçamento, água encanada e luz elétrica fazia com que diversos cronistas designassem a urbe como "atrasada". Nos termos de Queiroz, "as pretensões de modernização e de alteração na estrutura urbana ainda não passavam de projetos, que só puderam se tornar factíveis a partir do momento em que a integração do estado aconteceu"[71].

A imagem de homens vendendo água coletada no rio Parnaíba em suas ancoretas, pelas ruas de Teresina, passando de casa em casa, demonstra a realidade da cidade nesse início de século[72]. De acordo com o cronista do jornal *O Piauí*, a falta de um abastecimento d'água na capital configurava caso de saúde pública, sendo que "o fornecimento de água potável à população desta capital por meio de encanamento com seus respectivos filtros, principalmente no período das chuvas, um melhoramento que a higiene, a saúde pública estão a exigir imperiosamente e que não pode e nem deve ser adiado"[73].

Nesse sentido, o desígnio em sanear e higienizar a capital faz parte do desejo de "reformulação" da cidade, onde a meta era tornar a feição de Teresina mais bem planejada e desenvolvida. Porém, pensar a cidade é compreendê-la em sua pluralidade, é perceber que o desenvolvimento técnico muitas vezes chocava com um anteprojeto urbano, verificado nas

---

[66] RAGO, L. M. *Do cabaré ao lar:* a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.
[67] Cf. MONTEIRO, 1993, v. 2, p. 96.
[68] BORGES, G. *Notas sobre a literatura piauiense*. Teresina: Carta CEPRO, jul-dez, 1986, v. 11, p. 30.
[69] MONTEIRO, loc. cit.
[70] Ibidem, p. 18.
[71] QUEIROZ, T. *Os literatos e a república*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 1998, p. 27.
[72] MONTEIRO, op. cit. p. 96-97.
[73] A ÁGUA. *O Piauí*, Teresina, ano 11, n. 551, 17 jan. 1901. p. 1-2.

cenas cotidianas, como a de animais carregadores de ancoretas que abasteciam residências. O cronista Sueltinho, do *Diário do Piauí*, observador atento aos fatos do cotidiano, relata essas cenas:

> Montado no jumentinho bisonho, estrepado na cangalha gigante, no meio dos dois grossos molhos de capim que se arrastam no chão [...]. Eis aí o cargueiro d'água pela rua, todo dia, ao pôr do sol, rumo da casa que o abrigava, dar então o alimento a alimária que montava[74].

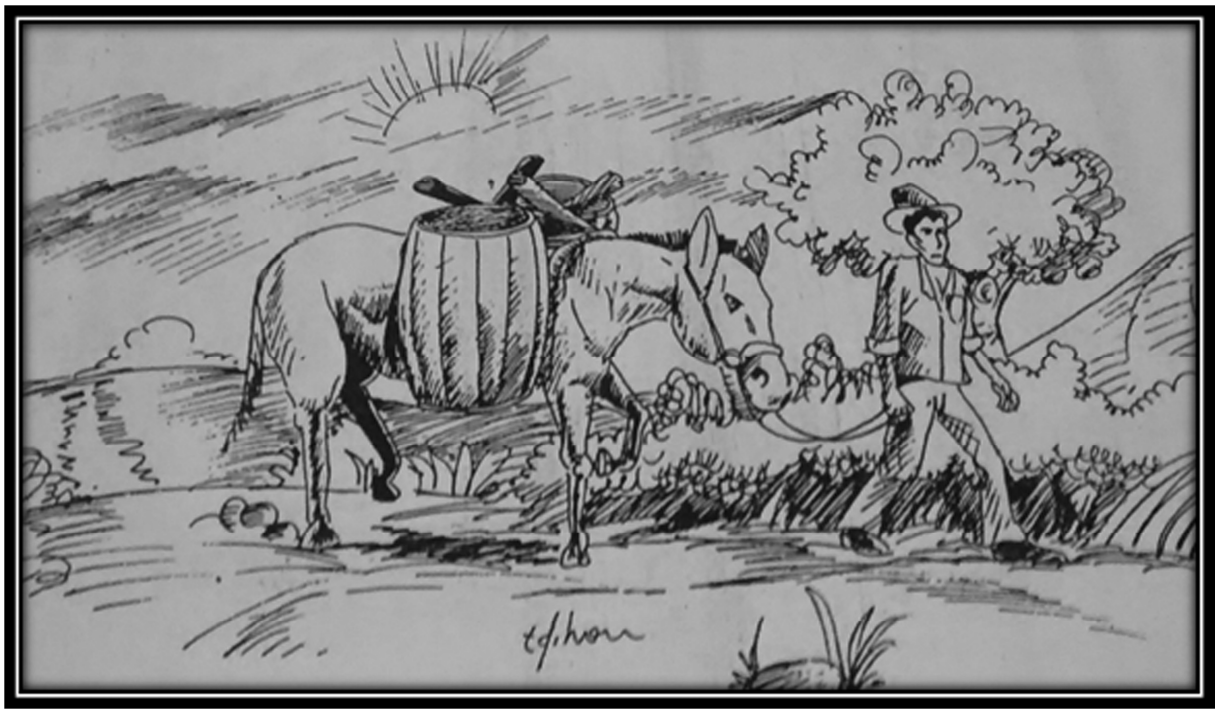


Figura 2 - Carregadores de Águas
Fonte: Cadernos de Teresina (1994). Ilustração: Edilson

Teresina, no seu cinquentenário (1902), era uma cidade com poucos atrativos e repleta de problemas. No primeiro governo do século no Piauí, Arlindo Nogueira[75] fizera grandes esforços para melhorar as condições de higiene e limpeza na cidade. Porém, foi o seu sucessor, Álvaro Mendes[76], que impulsionou as obras públicas na capital, com a construção

[74] SUELTINHO. O olho de lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 216, 11 out. 1912, p. 1.
[75] Natural de Valença, Arlindo Nogueira formou-se em Direito pela Faculdade de Recife. Atuou como deputado federal, juiz de direito e procurador-geral do Estado. Governou o Piauí no Quadriênio 1900-1904, onde enfrentou sérias dificuldades, visto que o Estado estava com suas finanças no limite. Tem como principal feito a obrigação da instrução primária, estabelecendo multas aos infratores. Cf. CHAVES, M. *Obra completa*. Teresina: FCMC, 2005, p. 574-576.
[76] Álvaro Mendes nasceu em Oeiras e formou-se em Direito pela Faculdade de Recife. Atuou como juiz de direito, chefe de Polícia, desembargador e senador. Foi governador do Estado do Piauí entre 1904 e 1907. Cf. CHAVES, 2005, p. 548-551.

da Companhia das Águas. Depois de várias tentativas malsucedidas da iniciativa privada[77], em 1906, o Estado, impulsionado pelo diretor da Repartição de Obras Públicas, Antonino Freire, começa o serviço em Teresina.

> Menciona-se ali que o serviço de águas já conta com cinco tanques de 500 mil litros cada, sendo dois destinados a decantação, dois para a filtração e um para depósito da água já filtrada. [...] Informa-se também que a rede de canalização, excluída as tomadas d'água das casas, é da ordem de 16 km. O preço da água naquele momento era de 7$000 para meia morada e 12$000 para moradas inteiras. Não havendo hidrômetros, a água é gasta à descrição do consumidor. Havia na periferia urbana um certo número de chafarizes públicos onde a água era vendida a 100 réis o barril de 125 litros e 20 réis por uma lata (de querosene)[78].

No final dos anos de 1920, o serviço foi ampliado e melhorado, chegando a um maior número de casas. O decreto nº 309, de 17 de junho de 1916, expedido pelo Estado, prescrevia que "as casas de palhas, quando tapadas com paredes de barro, e tendo os quintais devidamente cercados, poderiam também ser providas de água, sendo o pagamento feito, adiantadamente, e calculado pelos das casas de menor valor lucrativo".[79]

Outro grande avanço foi a chegada da luz elétrica a Teresina. Todavia, convém destacar os embates que ocorreram em torno dessa conquista. As reivindicações referentes à irregularidade do serviço de iluminação pública vinham desde 1887, quando alguns cronistas já chamavam a atenção para a pouca luminosidade dos lampiões e seu curto período de funcionamento durante a noite. Em 1901, um cronista do jornal *O Correio* argumentava que Teresina tinha uma vida noturna precária para uma capital que ansiava por progresso. Relata assim a matéria:

> Os lampiões, em muitas ruas, acendem-se tarde, e, nessa como em todas as outras, apagam-se cedo. Não se pode escurecer que a melhor vantagem da iluminação é nas horas adiantadas da noite, quando se torna perigoso o curso dos transeuntes, que, por sua vez, são obrigados a estar trancados em casa[80].

O cronista adverte para o fato de que a capital, embora aspirasse por modernidade, não tinha atrações noturnas, com diversões e lazer na madrugada. A elite urbana teresinense se furtava da vida noturna talvez pelo sentimento de apreensão e insegurança causado pelo elevado índice de desemprego, com isso, havia muitos ociosos perambulando pelas ruas da

---

[77] QUEIROZ, 1998, p. 27.
[78] MONTEIRO, 1993, v. 2, p. 217.
[79] ÁGUA e Luz. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 108, 9 set. 1917, p. 1.
[80] OS LAMPIÕES... *O Correio*, Teresina, ano 1, n. 6, 18 jul. 1901, p. 3.

cidade. Inclusive aqueles que não tinham trabalho fixo ficavam no mesmo patamar dos vagabundos.

> Cerceados nas suas festas, cerimônias e manifestações culturais tradicionais, expulsos de certas áreas da cidade, obstados na sua circulação, expulsos para as regiões desvalorizadas: pântanos, morros, bairros coloniais sem infraestrutura, subúrbios distantes, matas; discriminados pela etnia, pelos trajes e pela cultura; ameaçados com os isolamentos compulsórios das prisões, depósitos, colônias, hospícios, isolamentos sanitários; degradados social e moralmente, tanto quanto ao nível de vida; era virtualmente impossível contê-los quando explodiam em motins espontâneos.[81]

A abordagem anterior serve de parâmetro para elucidar o conflito vivido pela cidade, de um lado, o desejo de se tornar uma capital moderna, avançada, do outro, o provincianismo desvelado. Diante de tal fato, cronistas argumentavam que Teresina precisaria de alguns avanços, sobretudo, um sistema de iluminação de qualidade. Conforme um cronista do jornal *Piauí*, era preciso "instalar um serviço de iluminação pública mais de acordo com a nossa civilização e por um sistema mais moderno e mais satisfatório".[82]

Contudo, o sonho da luz elétrica só tomaria forma em 1914, no governo de Miguel Rosa[83] e, como diria um colunista do jornal *O Apóstolo*: "A luz viria matar as trevas e o seu clarão tudo despertaria"[84]. Para gerar energia e iluminar Teresina, foi necessário instalar uma usina termoelétrica. Essa implantação aconteceu no mesmo local da primitiva Cia. das Águas, na qual foi vinculado à primeira, o já conhecido abastecimento de água de Veneza, formando os dois sistemas uma só grande "Usina". Para orientar nas obras de sua instalação, a empresa Siemens, encarregada por fornecer o serviço, envia o engenheiro Rudolph Becker a Teresina.[85]

A sociedade comemorou de forma entusiástica os benefícios trazidos pela energia elétrica, que passou a contar com o serviço às quintas, sábados e domingos até às 2 horas da madrugada e, nos demais dias, até às 12 horas, enquanto se regularizava o embarque de óleo para a cidade.[86] Ainda que o sistema não estivesse funcionando 24 horas por dia, sem dúvida, era uma conquista muito expressiva para a capital, que passou a ter novos hábitos,

---

[81] SEVCENKO, N. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 91-92.
[82] A ILUMINAÇÃO. *Piauí*, Teresina, ano 11, n. 551, 17 jan. 1901, p. 1-2.
[83] Miguel de Paiva Rosa nasceu em Teresina, em 1876, e morreu em 1929, na mesma cidade. Professor, político, jornalista e advogado. Foi juiz distrital, governador do estado (1912-1916). Procurador da República. Professor do Liceu e Diretor da Instrução Pública. Cf. GONÇALVES, W. C. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003, p. 348.
[84] NOVA Empresa. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 42, 8 mar., 1908, p. 1.
[85] Cf. MONTEIRO, 1993, p. 217.
[86] Ibidem, p. 221.

principalmente no jardim, onde se tinha uma "enorme concorrência [das famílias] quinta-feira última, até as 11 da noite [...]. Francamente, o jardim estava agradável: luz a jorros e uma temperatura tão amena que deleitava".[87] Teresinha Queiroz diz que o serviço de iluminação pública representou um dos maiores símbolos da modernização e do progresso, tirando o teresinense das noites monótonas.[88]

O primeiro trecho a ser iluminado em Teresina foi a Estrada Nova, que tinha início no Largo das Dores (atual Praça Saraiva), e prosseguia em direção à Vermelha, um pequeno aglomerado afastado do centro da cidade. Essa primeira experiência foi realizada próximo à Usina Veneza, como teste, para se verificar a qualidade da energia e suas supostas falhas, antes de ser instalada nas áreas "nobres" da cidade. À medida que o serviço progredia, o dr. Becker entra em conflito com a prefeitura e o Estado. Em episódio ocorrido em 1914, relatado por Figueiredo Monteiro, o prefeito Tessandro Paz recomendou que os postes em frente à prefeitura fossem instalados com cuidado, de modo a preservar quatro densos oitizeiros que ali sombreavam a calçada e refrescavam o prédio. Porém, a ordem não foi acatada por Becker e os oitizeiros foram derrubados. Este foi apenas um de uma série de confrontos entre o engenheiro e as autoridades públicas, que, a partir de então, sofre duras críticas e é dispensado, entrando em seu lugar o Major Santídio Monteiro, que permanece à frente do serviço até 1925[89].

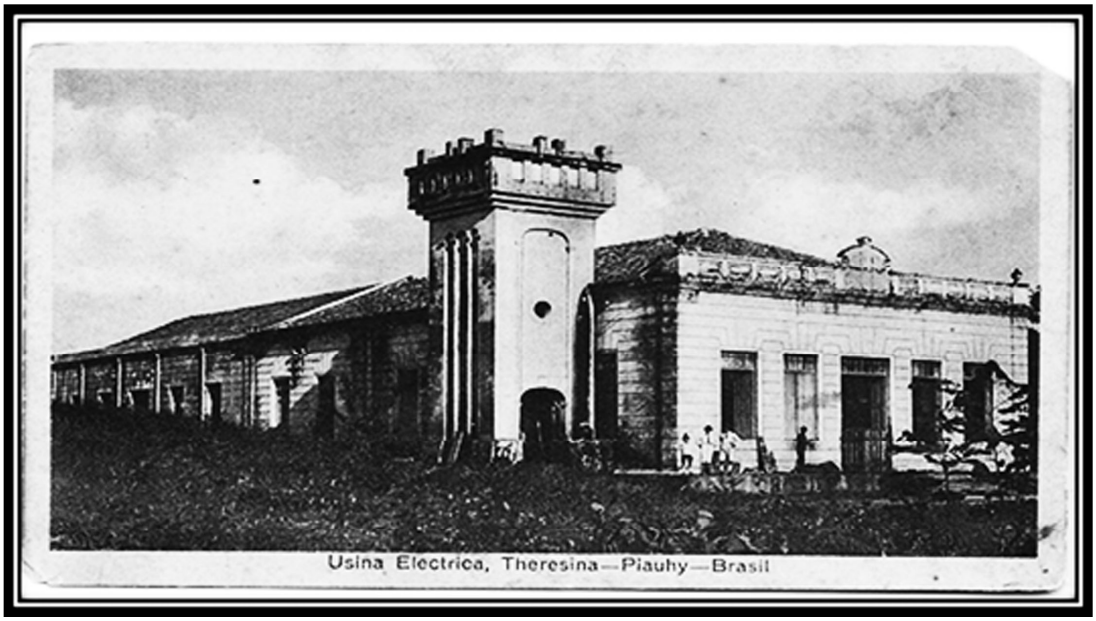


Figura 3 - Companhia Elétrica de Teresina (1914)
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

[87] LUZ Elétrica. *O Piauí*, Teresina, ano 24, n. 1.285, 27 jun. 1914, p. 4.
[88] Cf. QUEIROZ, 1998, p. 29.
[89] Cf. MONTEIRO, 1993, p. 219-221.

Com o início dos serviços elétricos, as reclamações logo apareceram. Os moradores do perímetro urbano se queixavam dos altos preços cobrados pelos serviços e da dificuldade de aderir à nova tecnologia.[90] Desde a origem, o fornecimento de energia elétrica e água custou caro para os cofres públicos, que se viram forçados a fazer empréstimos a capitalistas locais. A arrecadação da cidade ainda era pequena, e por conta disso o serviço público era quase sempre deficitário. Em 1918, o *Jornal de Notícias* relatou o medo e a intranquilidade de algumas famílias, receosas com os perigos da escuridão nas ruas da cidade. O cronista da época fez o seguinte relato:

> Teresina continua imersa em profundas trevas durante a noite. Parada a Usina Elétrica do Estado, acabou-se a iluminação pública [...]. Nas ruas, algum notívago que se aventurar a furar as trevas passa como sombra, se esgueirando pelas calçadas, acariciando o cabo do revólver. Nem uma senhora se vê mais à noite nas ruas, depois das sete, e, depois das nove, só ébrios e vagabundos suspeitos movem-se nas sombras[91].

De fato, o medo da criminalidade e a vadiagem passam a fazer parte do cotidiano teresinense. A sensação de insegurança pode ser explicada pelas precárias condições de subsistência, pela influência da miséria e, mais ainda, pelas condições de pobreza do povo. Os roubos em sua maioria eram pequenos furtos ligados à sobrevivência imediata, tais como a alimentação e miudezas de pequeno valor[92]. Por oportuno, vale dizer que a elite urbana se sentia temerosa diante do considerável índice de desocupados em Teresina, daí a reivindicação por melhorias, com o intuito de dar condições de trabalho ao homem ocioso.

Quanto a essa questão, o Estado manifesta certo temor, por isso resolve publicar leis e códigos de postura repressores da vadiagem, que obrigavam os homens livres pobres a trabalhar. Exigia-se que o indivíduo tivesse um emprego fixo, mas não se ofertavam condições práticas para que isso acontecesse. Esse fenômeno ficou conhecido por Sevcenko[93] como "modernidade compulsória".

A população tinha receio de que a capital voltasse ao período dos lampiões e que a nova vida de hábitos noturnos, com reuniões familiares e passeios pelos jardins públicos, ficasse apenas na lembrança dos teresinenses. A falta de luz elétrica era apenas mais um problema de uma capital que a todo custo almejava se tornar civilizada, mas que tinha um longo percurso para alcançar esse *status*. Como noticiado em 1908 no *O Apóstolo:*

---

[90] LUZ Elétrica. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 90, 1^0 jun. 1917, p. 3.
[91] A ESCURIDÃO. *Jornal de Notícias*, Teresina, ano 1, n. 51, 15 ago. 1918, p. 85.
[92] Cf. ARAÚJO, 1995.
[93] SEVCENKO, N. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

> Teresina, além de luz, precisa de calçamento, embora modificado, dadas as nossas condições climáticas, para lhe dar essa feição mais correta de uma capital moderna; precisa de arborização, passeios públicos e, mais que tudo, de meios de fácil transporte. Diríamos mesmo, depois da luz elétrica, a companhia de bondes é a necessidade mais palpitante que nos depara.[94]

Assim, a cidade convivia com a contradição da modernidade, em que o moderno e o arcaico, a cidade e o campo, se entrelaçam. Teresina não podia ser percebida como unívoca, pois era povoada por diferentes indivíduos que, a todo momento, buscavam seus espaços. Os indivíduos ligados à tradição viam na elite teresinense uma ameaça, já que vinham deles as medidas desenvolvimentistas procurando associar o tradicional ao passado, ao atraso; e a modernidade ao novo, ao progresso.

Desse modo, no início dos anos de 1920, Teresina não conseguia se estruturar financeiramente para investir em suas reformas urbanas. A tão almejada cidade moderna, planejada e arquitetada para ser modelo para o Estado e diversas regiões do Brasil, não vigorou no governo de João Luís Ferreira, de forma que, a cidade real, que apresenta todas essas dificuldades, se confrontava com a cidade dos sonhos, civilizada e desenvolvida.

Inconteste, a inclusão de Teresina ao mundo moderno foi lenta, devido à baixa inserção da cidade no processo capitalista. As novas tecnologias chegavam quase sempre de forma tardia à capital, e com relação aos meios de transporte não foi diferente. A elite urbana teresinense precisava se modernizar e, para isso, reivindicava um transporte público que fosse condizente com a nova demanda social. Dessa forma, na década de 1920, surge o bonde, arquitetado pelo Major Santídio Monteiro e pelo engenheiro José Faustino dos Santos Silva. Figueiredo Monteiro nos indica como foi pensado esse empreendimento na capital:

> O projeto desse serviço urbano era astucioso, conciliando, com grande habilidade, as obras de engenharia – arquitetura e ferrovia – do Capitão José Faustino e a reconhecida competência mecânica de Santídio e, juntos, elaboraram o astucioso plano. Não se tratava de um arcaico bonde puxado a burros, embora não fosse um bonde elétrico. O veículo planejado era projetado como os bondes elétricos, mas seria impulsionado a percorrer os trilhos por um motor de caminhão.[95]

Com efeito, a novidade do bonde teresinense estava no motor de caminhão. No mais, quase tudo era copiada do bonde elétrico, como os bancos, estribos, balaústres etc. A estrutura básica era um vigoroso chassi sobre quatro rodas de “trolley” para assentá-lo sobre os trilhos. O referido autor afirma que, segundo testemunhas da época, o motor era equipado com um

[94] NOVA Empresa. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 42, 8 mar., 1908, p. 1.
[95] Cf. MONTEIRO, 1993, p. 64.

amplo silenciador, para evitar ruídos das explosões que condicionavam o impulso ferro carril e era notavelmente mais silencioso do que os bondes elétricos das maiores cidades brasileiras.[96]

O projeto era muito vantajoso aos cofres públicos, visto que o município seria proprietário do empreendimento, mas não arcaria com as despesas da linha férrea nem com a sua supervisão, já que advinha do arranjo do engenheiro José Faustino. A prefeitura seria responsável apenas pela construção do veículo, incluindo o motor de caminhão. O combustível e a manutenção do bonde seriam pagos com o dinheiro das passagens arrecadadas pelos serviços prestados à cidade. O percurso do bonde iniciava próximo ao rio Parnaíba, na altura da ponte metálica João Luís Ferreira, depois percorria a cidade até chegar ao quartel e Estação Ferroviária.[97] Segundo Orgmar Monteiro, o transporte público teve duração de seis anos na capital, de 1923 a 1929, período que perpassou pela intendência de Manuel Raimundo da Paz Filho (1921-1924) e Anfrísio Lobão Veras Filho (1925-1929).

O certo é que o bonde passou a fazer parte do cotidiano do teresinense e a ser objeto de disputa entre as diferentes classes sociais. Os trabalhadores começam a se interessar pelos serviços, porém, alguns obstáculos se impõem a fim de inibir a presença indesejada dos pobres nesse espaço. Como descreve Monteiro, eram desqualificados todos aqueles indivíduos "mal vestidos, sujos, de roupas rasgadas, de pés descalços ou de tamancos".[98] O objetivo da elite urbana teresinense, ao passar a imagem de um povo sujo e sem higiene, era segregar as duas classes, destinar um bonde para os ricos e outro para os pobres. E não demorou muito para essa exigência ser acatada, pois, pouco tempo depois, foi criado um reboque ligado ao bonde principal, uma espécie de vagão de segunda classe, que transportaria um grupo mais humilde, chamado bonde de segunda.

Na busca de instituir uma sociedade civilizada, muitas das ações dos cronistas caminhavam no sentido de inibir as pessoas que ousavam frequentar os espaços destinados à elite local. Assim, era exigido "traje completo" aos passageiros para andar no transporte da primeira classe: os homens deveriam estar com gravata e bengala, as mulheres, de sapatos, saias compridas e vestidos decentes, as crianças, acompanhadas e socialmente vestidas e calçadas. Nessa classe, o preço seria duzentos réis para adultos e cem réis para crianças. Na segunda classe, tinha-se uma maior liberdade na condução, o custo era de cem réis e era permitido levar cestas, cofos, galinhas e outros animais.

---

[96] Cf. MONTEIRO, 1993, p. 66.
[97] Idem, p. 64-66.
[98] MONTEIRO, O. *Teresina descalça*: memórias desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos novos. Fortaleza: IOCE, 1988, p. 304.

Outro fato que chamava a atenção era a forma como a elite tentava adequar a população aos hábitos civilizados, quando, por exemplo, concedia para as crianças que se comportassem bem durante a semana um passeio gratuito no domingo[99]. O sucesso inicial foi declinando lentamente, e a limpeza do transporte foi dando lugar à sujeira até chegar ao desgaste do motor por falta de manutenção. A situação piorou em 1929, quando José Faustino volta para o Rio de Janeiro. E, em 1930, o sistema de transporte de bonde é desativado na sucessão de prefeitos no governo provisório.[100]

Além do bonde, Teresina também se articulou para ter seu primeiro automóvel. Em 1911, teve-se a notícia de que a capital, através do Estado, havia adquirido seu primeiro veículo para a coleta de lixo e, em 1922, seu primeiro carro-passeio, por iniciativa do médico Manoel Francisco Afonso Ferreira.[101] A higienização da cidade era um dos objetivos do Estado, e a vinda do automóvel para coleta de lixo facilitaria esse desígnio. Mas havia quem achasse que essa ação seria mais uma forma desesperada de tentar uma modernização a todo custo, pois a situação em que a urbe se encontrava era inviável ao tráfego de carro, em razão das ruas esburacadas. Eis o que o cronista exclama:

> A nossa capital não tem uma linha de bonde, não tem uma rua calçada, os barrancos, fossos, lama podre e mil e outras imundícies infectam-na por toda a parte; a intendência não cuida da higiene; a cada passo, os transeuntes deparam-se com animais podres; há ruas imundas habitadas por gente baixa, que faz nas ruas o despejo de tudo; mas, apesar, vai ter automóveis para o transporte de lixo[102].

No relato, denota-se um "avanço" impetuoso, sem um planejamento mais elaborado. Embora a urbe tivesse sérios problemas de cunho estrutural, a prioridade do poder público, nesse momento, era elevar Teresina ao *status* moderno através de uma série de medidas que divulgassem o nome da capital no cenário nacional. Na concepção dos cronistas, aquele fato noticiado pela imprensa se configurava como um grande avanço rumo ao desenvolvimento citadino.

Em tese, a "modernidade" de Teresina estava mais ligada ao desejo, ao anseio moderno dos cronistas, do que às transformações estruturantes propriamente ditas. Esses anos iniciais do século XX ficaram marcados pelas reformas sociais e urbanas, tidas como mudanças

---

[99] MONTEIRO, 1988, p. 306.
[100] MONTEIRO, 1993, p. 66-67.
[101] TITO FILHO, A. *Teresina:* ruas, praças e avenidas. Teresina: no prelo, 1986, p. 4.
[102] AUTOMÓVEIS e lixo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 188, 22 jan. 1911, p. 3.

essenciais para se chegar a uma urbe moderna e civilizada. Contudo, muitas vezes essas mudanças não se concretizavam na prática. E a cidade dos sonhos não refletia a cidade real.

2.2 Embelezando a cidade: praças, cafés, jardins e arborização

Neste tópico, objetiva-se analisar os ambientes de lazer enquanto lugares de transformações sociais e culturais. O progresso – materializado nas praças, cafés, jardins e arborização – não fora consumido de forma passiva e única pelos teresinenses, isso porque a cidade é como imã, onde as pessoas são atraídas por diferentes maneiras de ocupar o espaço urbano.[103]

Antes de prosseguir, entretanto, é necessário apreender o "fazer-se de uma cidade civilizada"[104], interpretado pelos discursos dos cronistas, que tentavam legitimar uma urbe moderna que afastasse todas as formas consideradas "atrasadas" de se pensar o espaço urbano.[105] A elite urbana teresinense tinha o anseio de dar uma nova feição à cidade, alterando suas ruas, construindo novos espaços, ou mesmo estabelecendo novos padrões sociais, para que a população pudesse vivenciar uma realidade que se aproximasse dos hábitos burgueses.

Torna-se visível, então, que as praças e os cafés abertos ao passeio público das famílias teresinenses eram formas de lazer que iam ocupando os espaços urbanos. A todo momento os cronistas tentavam impor um modelo de cidade mais próspera, imitando os costumes de grandes metrópoles, a exemplo dos cafés, muito apreciados no Rio de Janeiro. No período, foram construídos elegantes cafés em Teresina, que funcionavam como local de encontro das elites, como o *Café Internacional* e o *Café Avenida*, situados na Praça Rio Branco. Merecem destaque o *Café Chic*, em 1902, e o *Café Familiar*, em 1914. Estes funcionavam como pontos de encontro das famílias, onde se tratava de tudo: política, negócios, mexericos, entre outros assuntos.[106]

Não obstante houvesse um agradável ambiente de sociabilidade nos cafés da cidade, a existência de um espaço arborizado onde as famílias pudessem passear era um desejo antigo da população, que se concretizou somente no começo do século XX. De acordo com Castelo Branco, uma das mais antigas reivindicações dos cronistas da imprensa teresinense era a

---

[103] ROLNIK, R. *O que é cidade*? São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 12.

[104] O termo civilização "refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes". Ver ELIAS, N. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 23.

[105] Sobre o conceito de espaço próprio, ver DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 173.

[106] MONTEIRO, 1987, p. 165-166.

construção de um jardim público na cidade.[107] Sob os auspícios do engenheiro José Pires Rebelo, por volta de 1914, foi construído, na Praça Rio Branco (antiga Uruguaiana), localizada atrás da igreja Nossa Senhora do Amparo, o primeiro jardim público de Teresina.[108] O cronista Sueltinho[109] diz que "nosso passeio ao jardim entrou nos nossos hábitos e, aos domingos, o nosso povo vai lá muito simplesmente pelo gosto de se divertir"[110].



Figura 4 - Praça Rio Branco em 1913
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Durante muitos anos, os jardins se constituíram como um dos principais espaços de sociabilidades de Teresina. Todavia, depois de algum tempo, esses ambientes necessitavam de reparos, de melhoramentos, pois a energia que os iluminava era precária e os canteiros de flores já não eram mais tão atraentes. Os cronistas advertiam sobre a falta de iluminação e

[107] CASTELO BRANCO, P.V. *Mulheres plurais*: a condição feminina na primeira república. Teresina: FCMC, 1996, p. 47.
[108] Ibidem, p. 48.
[109] Sueltinho é um cronista que publicou vários artigos no jornal Diário do Piauí entre o ano de 1912, que retratavam o cotidiano da cidade de Teresina.
[110] SUELTINHO. O olho de Lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 212, 27 set. 1912, p. 1.

lamentavam a situação degradante em que os espaços se encontravam, uma vez que eram os pontos preferidos da sociedade teresinense e estavam perdendo o seu primitivo encanto, sobretudo pela falta, quase absoluta, de iluminação.[111] Mesmo com a precariedade, os jardins continuavam concorridos, pois se tratava de um dos poucos lugares que a cidade oferecia para o divertimento noturno da população. Assim, em 1919, um cronista alertava:

> Continua quase nas trevas o nosso jardim da Praça Rio Branco. [...] A luz que ali existe é insuficientíssima. É realmente para entristecer, visto como as nossas famílias estão verdadeiramente habituadas ao 'footing' na praça, principalmente, às quintas e domingos.[112]

Os momentos usufruídos na praça eram aproveitados para flertes, namoros e conversas entre rapazes e moças.[113] O flerte era uma prática moderna de namoro vivenciada nos espaços públicos, particularmente nas praças e nos bailes. O cronista Max Linder define essa nova forma de namoro como "uma conquista da civilização, é o namoro *chic*, é o amor distração, que não se confunde nunca com o pieguismo de outrora. [...] É a moda dos salões, uma instituição nos clubes, nos jardins, em qualquer parte, enfim, onde haja moças e rapazes."[114]

Outra questão que não escapava ao olhar avaliador do cronista Sueltinho diz respeito à arborização da capital. É noticiado no jornal *Diário do Piauí* [115], de 1912, que a população e as autoridades pouco se preocupavam com a arborização, e os poucos que atentavam para a questão não seguiam os preceitos estabelecidos pela civilização europeia. Tidas como modelo de urbe a ser seguidas, cidades francesas e inglesas realizavam seus ajardinamentos de forma alinhada e com a escolha de árvores de uma mesma espécie. Embora houvesse um esforço, por parte de alguns cronistas, no sentido de estimular o embelezamento do espaço urbano, procurando torná-lo planejado, bonito e arborizado, de modo a refletir ares modernos e de uma civilização de bons costumes, a situação não ocorria como planejado, e o que se tinha até aquele momento era uma cidade sem reformas notáveis, caracterizada, até então, por suas ruas esburacadas, cobertas de mato e capim.

Mesmo depois de algumas melhorias, Bugyja Brito acreditava que as reformas eram mínimas diante do almejado por uma urbe moderna. Em espécie de desabafo, o cronista relata sua visão sobre Teresina em 1915:

---

[111] SEMANA elegante no jardim. *O Nordeste*, Teresina, n. 3, 13 dez. 1919, p. 9.
[112] Idem.
[113] CASTELO BRANCO, 1996, p. 49.
[114] LINDER, M. Movimento social. Filmes. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 283, 18 maio 1919, p. 2.
[115] SUELTINHO. O olho de lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 215, 1^0 out. de 1912. p. 1.

> [...] Uma cidade tipicamente provinciana, de costumes pacatos e de pouca população. Talvez tivesse uns 16.000 habitantes. Isolada do país por ficar no sertão do nordeste, de comércio rudimentar, sem indústrias, muito quente e sem atrações ecológicas, devia se parecer ainda com os primeiros anos que fora fundada[116].

Depois de certa inadequação da capital aos padrões modernos, até mesmo o título de "cidade verde", cunhada por Coelho Neto, no final do século XIX, passa a ser questionado nos anos iniciais do século XX:

> No inverno, realmente temos uma cidade verde, como qualquer outra vila, como qualquer aldeota, como qualquer...roça cá do sertão...Mas, Teresina, por isso só, não é uma cidade verde. E só será de fato, uma linda cidade verde, se fizer mais um pouco de arborização e ajardinamento das praças que temos. Do contrário será cidade verde apenas no inverno.[117]

Cumpre notar que a arborização e ajardinamento das praças era fator primordial para uma cidade que tinha ânsia de civilizar-se. Para além da plantação de árvores caracterizar a demanda de uma cidade moderna, também surgia da necessidade de amenizar o forte calor da capital. No entendimento de Bugyja Brito, os teresinenses geralmente escolhiam árvores frutíferas e frondosas, especialmente a mangueira, o sapotizeiro e a jaqueira[118]. Tendo em vista os aspectos observados, não se deve confundir cidade verde com cidade rural. O termo "cidade verde" ganha o significado de urbe desenvolvida, bem arborizada, padronizada, com muitas árvores, enquanto cidade rural denota um aspecto negativo, lugar de ignorância, atraso, limitação, ainda muito ligado à tradição.[119]

Ao final da reflexão sobre o processo de modernização de Teresina, cabe afirmar que a urbe teve apenas "resquícios" de desenvolvimento urbano. Não se pode falar em uma única cidade, mas em múltiplas[120], porquanto foram várias as representações de Teresina relatadas nas crônicas. E, através desse gênero despretensioso, foi possível ter acesso ao imaginário das sensibilidades de uma época[121], em que se procurava construir, através dos relatos, uma cidade ordeira e civilizada, de sujeitos anônimos e universais[122], preso na ideia do que se convencionou chamar de *modernidade*.

---

[116] BRITO, 1977, p. 155.
[117] SUELTINHO. O olho de lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 216, 2 out. de 1912. p. 1.
[118] BRITO, op. cit., p. 160.
[119] WILLIAMS, 2011, p. 11.
[120] CALVINO, Í. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
[121] PESAVENTO, 2002.
[122] Sobre a ideia de sistema universal e anônimo, cf. CERTEAU, 2007, p. 173.

2.3 A crônica e os hábitos condenáveis

O século XX foi palco de expressivas mudanças na forma de se pensar o saber histórico. Através das propostas de análises históricas difundidas pela Nova História, os historiadores deixam de ambicionar a ilusão de que poderiam ser imparciais em suas pesquisas e passam a agregar a ideia de que todo documento é um agente histórico, que está sujeito à subjetividade e intencionalidade. Nessa perspectiva, torna-se necessário compreender a imprensa como uma força social ativa, considerando que, além da fonte, ela é também um tema a ser investigado no contexto de quem as constitui.

Os jornais, mormente as crônicas, inauguram entre os anos de 1900 e 1930 uma poderosa "arma" de influência na sociedade. Com a modernização das cidades brasileiras ainda no começo do século XX, houve o despertar do interesse dos cronistas em torno de uma urbe civilizada e moralizada. Porém, em Teresina, tinha-se de enfrentar algumas barreiras "naturais" para se chegar a essa "*belle époque* tropical", sendo a principal delas o fator econômico e a forte presença rural. Diante desses obstáculos, os cronistas exerceram suas influências nos periódicos para difundir uma cidade do desejo, onde a população deveria ter hábitos e costumes burgueses. Dado o exposto, Ramos descreve que os literatos tentavam, através das crônicas, construir uma memória vinculada a um projeto de Brasil moderno e civilizado, pela qual alguns pretendiam assumir a função de grandes "transformadores" da sociedade. Por meio de campanhas diárias nos jornais, usavam de suas escritas no afã de "renovar velhos costumes" provincianos.[123]

Vale dizer que o surgimento da crônica está intrinsecamente ligado à expansão do jornal.[124] No século XX, houve uma profusão de periódicos, que, além de informar, serviram como um forte aparato na propagação de uma cultura civilizada. A linguagem simples e de fácil entendimento dos cronistas fazia com que eles tornassem mais acessível a informação dos acontecimentos diários. Inicialmente conhecidas como "folhetins", ocupavam um espaço de rodapé na primeira página do jornal, sendo utilizados como coluna para tratar de questões do dia a dia, como política, aspectos sociais, culturais e literários.[125] Marlise Meyer esclarece que a crônica vai ser caracterizada por um espaço de liberdade temática, onde quase tudo é permitido. Havia, porém, dentro dessa "liberdade", o comprometimento dos cronistas com o

[123] RAMOS, A.F.C. *História e crônica*: "balas de estalo" e as questões políticas e sociais de seu tempo (1883-1887). São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2001, p. 15.
[124] CHALHOUB, 2003, p. 15.
[125] CÂNDIDO, 1992, p. 15.

cotidiano, com os fatos diários.[126] Em Teresina, por exemplo, as fofocas que surgiam depois das festas eram temas certos a serem discutidos nas colunas de crônicas.

Em virtude dos fatos mencionados, a crônica constitui, assim, a principal fonte a investigar os diversos símbolos da modernidade que foram (res)significados pelos teresinenses entre os anos de 1900 e 1930. A escrita dos cronistas funcionava como uma chave que tenta abrir para o mundo os diversos segredos contidos no baú chamado cidade. Passa-se a realizar uma correlação entre memória e espaço, visualizando uma urbe que não se encontra nos projetos urbanísticos, nas mensagens de governo nem nos códigos municipais. As crônicas nos permitem ver além do visível, é como se tivéssemos uma lente especial para enxergar os pormenores, os fatos tidos como marginais ou mesmo aqueles que são "proibidos" de comentar. A visão se amplia, e começa-se a observar que os sujeitos não podem ser pensados de forma inflexível, mas como construtores de significações.

É pensando nisso que os estudos de Heloisa Cruz e Maria Peixoto nos levam a testemunhar a imprensa como agente motivadora do capitalismo e não como mera depositária de acontecimentos. Cruz e Peixoto afirmam a necessidade da inserção histórica da imprensa como força ativa moderna, agindo na composição de nossos modos e perspectiva de vida[127]. Na mesma linha de reflexão, Nicolau Sevcenko esclarece que o jornal no século XX se torna a principal fonte de informação da sociedade, um símbolo da modernidade, que atua na articulação, divulgação e disseminação de ideias, valores e comportamentos. Toma para si um lugar privilegiado de denúncia, de discussão e proposição de mudanças, onde os cronistas terão espaço para expor suas ideias, mesmo que por estratégias literárias.[128]

Areolino de Abreu[129], em discurso realizado no dia 1º de janeiro de 1901, no Theatro 4 de Setembro, em Teresina, comemorou os avanços tecnológicos: "[...] a imprensa eterniza e propaga as ideias, o telégrafo leva o pensamento através dos montes, oceanos e vales, o fonógrafo perpetua o som, o telefone transmite o som [...]".[130] Quando o governador diz que "a imprensa eterniza e propaga ideias", devemos entender os cronistas como "homens-memória", em que os seus escritos demonstram cenas de um cotidiano "monumentalizado" e

---

[126] MEYER, M. *Voláteis e versáteis*: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: _____. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. CÂNDIDO, A. (Org.). *A vida ao rés do chão***.** Campinas: Unicamp, 1992.

[127] CRUZ, H. & PEIXOTO, M. (2007). "Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa". In: _____. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, dez. 2007, p. 257.

[128] SEVCENKO, N. O exercício intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos. In: _____. *Literatura como missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

[129] Ilustre médico contemporâneo. Foi vice-governador entre 1904 e 1907. Em dezembro de 1907, assumiu como governador após a morte de Álvaro Mendes.

[130] ABREU, W. *Discursos do Dr. Areolino de Abreu*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913, p. 8.

sensível.[131] A crônica se revela como o meio de interpretação de um momento histórico específico, no qual se deve perceber que, ao escrever quase que diariamente sobre uma pluralidade de assuntos, o cronista revela suas tendências e percepções, construindo, assim, um projeto sociocultural para a sociedade.

Para A. Tito Filho, a imprensa era um espaço onde os intelectuais se posicionavam sobre os principais acontecimentos que ocorriam na cidade. O autor revela o caráter pouco desenvolvido da imprensa teresinense, de técnicas ainda rústicas e com profissionais que não faziam a distinção entre o público e o privado.

> Faziam-se os jornais catando nas pranchas letra por letra, cada tipo era um desenho do alfabeto e havia tipos destinados aos sinais de pontuação. Um trabalho dos diabos. Publicavam-se os atos do governo, anúncios de novidades, notícias de viajantes ilustres que saíam da cidade e que a ela retornavam. O público recebia um prato recheado, que muito o contentava: os terríveis xingamentos entre homens de partidos adversários, de ladrão para pior. Nada se respeitava, ao menos a vida privada dos cidadãos [...].[132]

Na verdade, os jornais representam um importante meio de afirmação da carreira literária de inúmeros intelectuais do século XIX e no início do XX. A literatura, mais precisamente as crônicas, representa uma nova forma de fazer jornalismo, tendo em vista a presença de escritores nas redações e nos editoriais. O jornal assegurou a difusão da crônica e também o aparecimento de colunas especializadas. O surgimento de seções específicas provocou a diversificação dos temas, uma vez que eram definidos pelo seu caráter generalista. Para Sidney Chalhoub, "assuntos como a política, o teatro, cinema, literatura e esporte, embora se fizessem presentes desde o início na produção dos cronistas brasileiros, passaram a merecer seções próprias, pautadas em lógicas específicas."[133] Nesse sentido, analisam-se as colunas de crônicas que tratam de temas inerentes ao cotidiano da urbe, os quais possibilitam ver a cidade em suas diferentes versões, matizada pelos diferentes olhares que são lançados sobre ela.

A expressão moderna, que relata os pequenos acontecimentos e dá um toque humorístico a eles, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. Sua linguagem simples e leve rompeu com um padrão de escrita mais rebuscado, visto que, no Brasil, costumava-se identificar a superioridade intelectual e literária através do requinte gramatical. A crônica "mantém o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem

---

[131] NEVES, M. de S. Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CÂNDIDO, A. (Org.). *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992.
[132] TITO FILHO, A. Imprensa. *O Dia*, Teresina, 11 set. 1988. p. 3.
[133] CHALHOUB, 2005, p. 17.

maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos dos homens, mas podem levar longe a crítica social".[134]

Dessa forma, as colunas de crônicas constituíram importante ferramenta na construção de novos hábitos e costumes teresinenses. Na observação pertinente de Teresinha Queiroz, "crianças e adultos estavam sempre, pelo menos na avaliação dos redatores dos jornais, precisando de corretivos e de ajustes de maneiras.[135]" Para o cronista que publica no jornal *O Apóstolo*, os jornais de Teresina e do Estado eram vinculados, na maioria das vezes, com forças políticas, perdendo a sua credibilidade:

> O Monitor é órgão semioficial; as suas assinaturas estão acompanhadas, no interior do Estado, pelo Sr. Governador. Os seus redatores são empregados públicos que ou defendem o Sr. Dr. Anísio ou estarão em breve no olho da rua. Que valor, que conceito merecerá para o público assim? Do mesmo modo todos os outros. Todos são suspeitos e, como bonecos de mola, dançam, e sapateiam, à vontade do Sr. Governador.[136]

O texto em epígrafe assinala que o posicionamento dos cronistas parte a princípio de motivação própria, todavia, atrelados a uma realidade cotidiana, usam a sensibilidade ou "faro" para traduzir as palavras em movimentos.[137] Não se pode negar, na acusação feita ao *Monitor,* certa rivalidade de seu opositor anticlerical. Mas há de se levar em conta o forte poder e influência dos governadores diante dos jornais nesse período em questão. Vale citar, como exemplo, o caso em que Miguel Rosa manda empastelar os jornais católicos: *O Apóstolo* e *A Cidade de Teresina,* que faziam oposição ao seu governo em 1912.

Teresina, ainda nesse começo do século, é uma cidade pacata, sem grandes acontecimentos, isto faz com que muitos cronistas acabem relatando fatos que não aconteceram ou mesmo aumentando-os, para garantir o sucesso das crônicas nos periódicos locais. Na coluna *Hábitos Condenáveis* do jornal *Apóstolo,* o cronista faz uma crítica à postura dos jornais referente à busca do fato, que acabam tratando de assuntos, segundo ele, inconvenientes e imorais:

> A imprensa periódica, no intuito de fazer a curiosidade doentia de uma certa parte de seus leitores, vai enveredando pelo mal caminho dos excessos e das inconveniências que, a continuarem assim, tornarão em pouco, no seio das

---

[134] CÂNDIDO, 1992, p. 17-18.
[135] QUEIROZ, 3. ed., 2011, p. 35.
[136] ARGUMENTAÇÃO inócua. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 121, 3 de out. de 1909. p. 2.
[137] BRANDIM, A.C.M. de S. *Entre letras e papéis*: a crônica como vestígio da cidade de Teresina. In: ADAD, S. J.; BRANDIM, A. C. M. de S; RANGEL, M. do S. (Org.). *Entre línguas:* movimentos e misturas de saberes. Fortaleza: UFC, 2008.

> famílias, um verdadeiro perigo a leitura do jornal, que, entretanto, representa um precioso elemento para a civilização e instrução do povo e um grande recurso para a satisfação de múltiplas necessidades sociais. A exploração de todos os escândalos, minuciosamente descritos sem a mais simples conveniência material e com a grave ofensa aos delicados sentimentos do sexo feminino, tem determinado em muitas famílias a prática de não se permitir a leitura de jornais a senhoras, sem antes o chefe da casa, que bem compreende os seus deveres, tenha verificado ser ou não conveniente essa leitura indistintamente a todos que vivem sob a responsabilidade de sua direção carinhosa e amiga. Já não bastam para a satisfação desse desordenado e criminoso intuito de perverter o jornal as publicações de artigos literários e de folhetins, em que a decência, a moral, e os bons costumes são geralmente ofendidos, excitando-se as paixões e os vícios, desordenados, degradantes e até repulsivos, com que aos poucos se vai envenenando o puro e inocente espírito de moças incautas, que não têm um guia dedicado que as afaste dos perigos que ameaçam nessas leituras perigosas, que tantos infortúnios têm causado e que podem e naturalmente têm de determinar as mais irreparáveis desgraças.[138]

Lima Barreto, em *Isaías Caminha*[139], conta como os jornalistas se empenhavam em inventar detalhes extravagantes que enfeitassem a notícia, causando sensação ao público e assegurando a venda de muitos exemplares do jornal. Ainda segundo o cronista da coluna *Hábitos Condenáveis*, de 1908, algumas cautelas deveriam ser tomadas pelos teresinenses para que o jornal não destruísse a moral da família:

> [...] Vai aconselhando que o jornal, como um visitante perigoso, que exige as maiores cautelas e que muitas vezes não se deve consentir que penetre nas casas, onde os bons costumes, a boa educação e os ditames da decência e da honra constituem coisas dignas do maior respeito.[140]

De fato, o rumo com que se encaminhavam os periódicos teresinenses incomodava diversos cronistas, que desejavam um jornal que fosse "amigo do povo, o entretenimento das famílias, o auxiliar poderoso do progresso social, um elemento de purificação dos costumes, um meio fácil e suave de instruir os espíritos, e não uma força dissolvente, perversora e imoral".[141]

Tendo em vista os aspectos observados, os jornais e, principalmente, as crônicas, constituem, dentro do período analisado (1910-1930), um espaço de discussão de diferentes conteúdos. Os cronistas assumem a "missão" de reformular a sociedade e direcioná-la para o progresso, para a modernidade. Esse material escrito assume uma função "pedagógica", que passa a ensinar como os indivíduos deveriam se comportar e agir em diversas situações do dia

---

[138] HÁBITOS condenáveis. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 39, 16 de fev. de 1908. p. 3.
[139] BARRETO, L. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995.
[140] JORNAL *O Apóstolo*, 1908, p. 3.
[141] Idem.

a dia. Porém, deve-se levar em consideração que os sujeitos consomem a cidade de diferentes maneiras, sendo, em diversas ocasiões, agentes ativos de suas histórias.

2.4 O cinema e suas várias facetas

Várias foram as sociabilidades urbanas citadas até o momento, porém, nenhuma delas teve o mesmo poder de sedução e captura que o cinema. Levando em consideração esses aspectos, Hobsbawm no livro *A era dos impérios* diz tratar-se de um lazer completamente novo em sua tecnologia, em seu modo de produção e em sua maneira de apresentar a realidade. Era a primeira vez na história da humanidade que a apresentação do movimento em imagens visuais se libertava de sua exposição imediata e ao vivo e rompia com as amarras do tempo e espaço, propiciando ao espectador que esteja a quilômetros de distância da sessão original, desfrute da exibição. O autor ainda explica que o cinema é produto de uma sociedade industrial do século XX e que não poderia ter existido sem ela, pois ele surge face às novas demandas sociais difundidas pela modernidade.[142]

O cinema cumpriu um longo percurso desde a sua criação, em 1895, pelos irmãos franceses Louis e Auguste Lumière, até chegar a Teresina no início do século XX. Em pouco tempo, o lazer cruza fronteiras e ganha milhões de admiradores em várias cidades da Europa e dos Estados Unidos. A propagação das fitas dava-se por indivíduos, geralmente vindos da Europa, que percorriam as regiões periféricas do capitalismo com cinematógrafos, parando nas urbes e fazendo suas apresentações. Foi graças a esses viajantes que milhares de pessoas tiveram o primeiro contato com essa nova invenção.[143]

Tida como uma das principais diversões da cidade de Teresina no começo dos anos de 1900, acompanhando uma tendência mundial, essa sociabilidade deve ser estudada numa relação particular com o processo civilizador urbano. Orgmar Monteiro, ao narrar a chegada desse apetrecho moderno, dizia que "[...] surgia o inusitado milagre do cinema falado. [...] A apresentação cênica sem o artista em pessoa, apenas com o seu retrato ou fotografia em movimento, já se incorporava à nossa cultura, porém, o diálogo vinha num quadro, após cada cena com o designativo *a legenda*".[144] Neste estudo sobre o cinema, não será observado

[142] HOBSBAWM, E. *A era dos impérios* (1875-1914). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 366.
[143] CASTELO BRANCO, 2013, p. 63.
[144] MONTEIRO, O. *Teresina descalça*: memórias desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos novos. Fortaleza: IOCE, 1988b, p. 396-402.

apenas o seu espetáculo, mas principalmente seus bastidores, as fofocas e paqueras que circulavam o evento, pois tudo começa na calçada, muito antes de a sala ser escurecida[145].

Teresinha Queiroz, pesquisadora do cinema teresinense, indica que não há um consenso quanto à primeira exibição cinematográfica na capital. Joel Oliveira, por exemplo, diz que a primeira exibição teria ocorrido em junho de 1901, trazida pelo alemão Frederico A. Nauman. Já o literato Higino Cunha refere ter ocorrido em setembro de 1902, com o filme *A paixão de Cristo*. Geralmente, essas exibições aconteciam no Theatro 4 de Setembro, por ainda não haver uma sala específica para a projeção dos filmes. Inicialmente, a grande novidade em Teresina era o cinema mudo, porém, em 1908, a cidade recebeu a primeira empresa com cinematógrafo "falante", a Fontenele & Cia., vindo de Paris, que contava com estoque de 500 fitas. Depois, outras empresas apareceram na cidade, como o cinema Pathê, inaugurado em 1911, sob o comando dos empresários Sinval, Santídio e Veloso, e o Cinema Guarani, em 1913.[146] Convém assinalar que, quando se fala em cinema "falante", refere-se a uma exibição de imagens com um fundo musical e legenda. As projeções com falas só chegam à capital na década de 1930.

Nos anos iniciais da década de 1920, o cinema continuava sua penetração e cada vez mais atraía o público. Nesse contexto, Teresina já conta com três cinemas diários: o América, o Éden Cinema e o Teatro-cinema Palace. Segundo o pesquisador Pedro Vilarinho, os cronistas anunciavam o bom momento pelo qual passava o cinema na capital, que contava com um bom público, rendendo a seus proprietários um lucro considerável.[147] Além desses três cinemas mais conhecidos, havia aquelas projeções feitas em precárias salas ou mesmo em bares, como o Cine-Bar Carvalho, que anunciava suas películas nas paredes de forma improvisada, em 1925.[148]

Nesse sentido, o cinema foi uma eficaz ferramenta na constituição de uma cidade projetada pelos cronistas da capital piauiense, visto que era um importante meio de comunicação, capaz de transmitir um forte discurso disciplinador aos analfabetos e construir uma sociedade de bons hábitos e costumes. Apesar da "febre" mundial, muitos teresinenses ainda não conheciam aquela nova forma de sociabilidade, como mostra Orgmar Monteiro, ao

---

[145] MAYNARD, S. Aracaju, automóveis e cinemas: traços da modernidade no início do século XX. In: SOUSA, A. C. B. *Populares na cidade:* vivências de trabalho e de lazer. João Pessoa: Ideia, 2011, p. 21.
[146] QUEIROZ, 3. ed., 2011, p. 40-52.
[147] CASTELO BRANCO, 2013, p. 64.
[148] MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 164.

narrar episódio em que um jovem confunde a ficção da projeção com sua realidade e sai em defesa do herói em apuros:

> A fita tinha como enredo uma briga entre dois contendores: – o artista, ou mocinho, e o vilão ou bandido. A plateia entusiasma-se. Vibra. Fica empolgada. Grita. Torce. Insinua o herói. Porém, em determinado momento, na luta, o mocinho cai e o bandido puxa a faca na atitude de extermínio iminente. Um jovem rico, que se sentava na primeira fila, não se conteve. Naquele tempo, a indumentária masculina se completava com a indefectível bengala.
> Ante a preparação do homicídio, o jovem entrou na briga para valer, na defesa de seu ídolo.
> Gritou: – Não mate o homem. E investiu contra o bandido.
> A sua bengala serviu-lhe de arma. Na legítima defesa de terceiro, desfechou violenta bengalada no antipatizado bandido. O lençol onde era projetado o filme rompeu-se de baixo para cima com o impacto da bengalada.
> Do alto do coreto armado para a projeção, o operador entre irônico e irritado deu o seu brado: – Quem é este danado?[149]

Orgmar Monteiro relata, ainda, que a posse do governador Matias Olímpio, em 1924, também foi celebrada com uma sessão de cinema ao ar livre no adro da Igreja São Benedito. Nesse ambiente fez-se uma separação entre ricos e pobres. Os ricos ficaram confortavelmente sentados, do lado da projeção e, do lado de baixo, na escadaria e ao longo da Avenida Antonino Freire, ficaram em pé as pessoas mais pobres. Essa segregação também pôde ser percebida nas salas de cinema em Aracaju-SE, quando as cadeiras de melhor visibilidade eram destinadas para uma classe mais abastada, e os assentos da geral para aquelas pessoas de condição inferior. Porém, os conflitos eram inevitáveis, tendo em vista que os frequentadores das cadeiras se queixavam do mau comportamento da geral, que fazia barulho, falava alto e repetia as cenas assistidas em sessões anteriores[150].

Por oportuno, ressalte-se que pensar o papel do cinema apenas como forma de lazer, de divertimento é limitado. Alguns cronistas tinham a convicção de que ele instruía, moralizava, construía um imaginário coletivo em seu benefício, criava formas de enquadramento, de civilidade.[151] O cinema, conforme relatavam alguns cronistas, agia em defesa da moral e apontava para novas possibilidades de "unir o lúdico a fins educacionais"[152]. Essa foi uma ideia que se propagou por boa parte da população. Diversões antes consideradas "nobres" como o teatro, acabaram perdendo espaço diante de um forte discurso de negação desse lazer. Um exemplo prático foi retratado em uma crônica transcrita

[149] MONTEIRO, 1988b, p. 393-395.
[150] MAYNARD, 2011, p. 123.
[151] VÁRIAS notícias. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 65, 21 mar. 1914. p. 3.
[152] RAIMUNDO, A. *O corpo e a alma da cidade:* Natal entre 1900 e 1930. Natal: EDUFRN, 2008, p. 163.

dos periódicos do Rio de Janeiro pelo *O Apóstolo*, o qual afirmava que muitos dos pais e mães proibiram seus filhos de assistirem às representações teatrais que, para eles, longe de enobrecer, degradavam a sociedade:

> O maior serviço que o cinematógrafo nos tem prestado foi livrar-nos do teatro. Pode afigurar-se paradoxo, mas não é. O teatro entre nós decaiu a nível baixíssimo, e tão reles se tornou que já não havia famílias de certa ordem que o frequentassem. Verdadeiras imundices, decoradas com o nome de revistas desaforadas se ostentavam, afrontando a mais rudimentar moralidade. O que a política não tolera na rua, permitia no palco. Era um crescendo espantoso: dos lances e ditos simplesmente malignos, às mais desbragadas situações e as frases mais canalhas. Os atores dignos de sua arte gemiam sobre tal decadência, mas por necessidade a prolongavam, dando-lhes o curso de suas aptidões. Os próprios culpados de tal miséria, dela por fim se enojavam e (tarde e más horas!) tentavam opor-lhe um paradeiro...– Mas o povo gosta disso! Murmurava-se, contudo... Bendito cinematógrafo! Vieste em boa hora demonstrar que o povo pode divertir-se fora da sujidade. Os teatros estão às moscas, e repletas as casas de sobrinhas.[153]

O certo é que, os filmes, com seus enredos e personagens, fazem com que as pessoas consumam as novidades por eles lançados. Nessa seara, buscamos apoio nas palavras de Teresinha Queiroz, ao dizer que, "no princípio, é o cinema que deve virar moda e moda irreversível, em pouco tempo é a moda que é ditada pelo cinema, e os reclames acentuam os últimos modelos vestidos pelas atrizes".[154] Um exemplo que enfatiza esse aspecto ocorreu no cinema Olímpia em 1927, em Teresina, quando em uma fita, Rodolfo Valentino interpretava o personagem Cobra. A maior atração da noite foi o sorteio do retrato do artista. Dizia um cronista:

> A exemplo do que se faz em outras plateias, haverá hoje um original concurso entre a assistência, a fim de que seja sorteada a senhorita mais bela presente à seção, a qual receberá um retrato do saudoso artista, pintado a capricho pelo Sr. Homero Rios. Esse concurso será, assim o julgamos, a maior atração da noitada de hoje. As viuvinhas devem estar, com toda certeza, numa ansiedade enorme.[155]

Nessa perspectiva, o cinema propiciou novos horizontes para a vida na cidade, associando-se ao mundo moderno como forma de lazer universal, como veículo moralizador e educativo, mas, igualmente, como indústria que começava a ascender economicamente através de uma forte cultura do consumo, como se pôde conferir na citação acima. Novidades como o cinema sugeriam modas, mudanças de hábitos, criação de novos anseios e desejos. Acerca desse novo divertimento, Teresinha Queiroz leciona que:

---

[153] LAET, C; SANTOS, L. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 34, 12 jan. 1908. p. 3.
[154] QUEIROZ, 2008, p. 53.
[155] CINEMATOGRÁFICAS. *O Piauí*, Teresina, ano 59, n. 124, 12 jun. 1927. p. 1.

> Os reclames e as notícias sobre o cinema nas primeiras décadas do século XX associavam-no ao mundo moderno, como forma de lazer respeitante a toda a sociedade reinante, como indústria mobilizadora de um capital de milhões de dólares, como veículo educativo e moralizador, e ainda em sua relação com os costumes em mudança.[156]

Na verdade, havia também quem discordasse, à época, de que o cinema havia tirado o teresinense da monotonia, ou mesmo que fosse um lazer moderno que instruía e moralizava. Intelectuais como Elias Martins e Clodoaldo Freitas consideravam que o cinema afastara a população dos costumes locais e que ele incidira sobre a família teresinense de forma que poderia causar destruição. Porque, quando se apagavam as luzes dos cines, a população se tornava anônima, sem identidade, podendo em muitos casos fazer coisas que não faria caso as luzes estivessem acesas, enfim, a população se divertia, aprendia e se rebelava. Nesse sentido, um diálogo de caipiras publicado no jornal *O Apóstolo*[157], em 1910, mostra como o cinema era visto por pessoas comuns, que não estavam seduzidas por essa nova tendência:

> – Olá! Você por aqui?!
> – Pois não. Porque é tarde?
> – Sem dúvida.
> – Ora, homem, venho do cinematógrafo do Sinval...
> – E eu também. Nunca vi algo tão danado! –Vai, não vai, vai não vai, e nada de luz; as famílias ficaram no escuro e se retiraram aos encontrões e no meio da gritaria do canalhismo!... – Grande homem caipora o tal Sinval!
> – Também, ele deixa o pai para morrer e vai brincar de cinematógrafo...
> – Mas a coisa vai ou não?
> – Vai nada! Não dá luz, quer espocar, dá tiros, é uma buzina que...– Homem, você já viu sapateiro tocar rabeca? – Se o Sinval estivesse vendendo o seu café em xícaras, era muito melhor.
> – Por isso lá no teatro estava um sujeito cantando:
> Senhor Sinval, tenha não,
> Bote seu bicho para lá;
> Isso matou muita gente
> Lá no América do Pará.
> E por uma tentação
> Vosmecê o foi comprar;
> Mas, óie, repare, esse cano
> Pode um dia disparar!
> Abandone esse negócio,
> Veja bem, seu curuné,
> Que, em vez desse bicho doido,
> É melhor vender café.[158]

Com base no exposto acima, as crônicas depõem que o cinema, à época, era visto como um lazer que comporta vários olhares, e não apenas sob o aspecto de *glamour* e

[156] QUEIROZ, op. cit., p. 52-53.
[157] ILUSTRÍSSIMOS srs. redatores do Apóstolo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 134, 2 jan. 1910. p. 4.
[158] JORNAL *O Apóstolo*, n. 134, 2 jan. 1910. p. 4.

progresso relatado por alguns críticos de plantão. Salas escuras, altos ruídos e uma gritaria que não tinha fim não era algo moderno, pelo menos do ponto de vista desses dois caipiras, personagens da matéria jornalística. Na busca de se instituir uma sociedade civilizada, muitas das ações dos cronistas caminhavam no sentido de acentuar os sentimentos de medo, vergonha e embaraço[159] naquelas pessoas que ousavam frequentar os espaços destinados à elite urbana.

Em outro diálogo, também publicado no jornal *O Apóstolo*, os compadres Xiquinho, Juca e Totonho apresentam o universo do cinema sob uma nova ótica, não aquela forma convencional relatada nas manchetes dos grandes jornais, mas a maneira como uma população, na sua maioria analfabeta, convivia com essa nova invenção. A conversa abaixo mostra o caos vivido por um caipira quando vai pela primeira vez ao cinema:

> Pergunta o J: compadre, você já foi ver o cinema?
> Responde o X: nunca tinha ido ao teatro mas, ouvindo falar nesse cinema, sem demora comprei um bilhete e lá fui. Vou lhe dizer o que vi. Se todo cinema é assim, nada vale a descoberta. Começou com muita luz e umas figuras movediças; até aí, muito bem. Depois disso, ora era escuro como breu, ora era luz de incendiar o teatro. No escuro, os moços riscavam o fósforo e procuravam aos gritos por um 'seu Sinval'; no claro, gritavam que havia incêndio!
> As famílias retiravam-se, e eu de besta, que matuto não é gente para se meter nesses negócios, fiquei escutando a barulhada infernal.
> A polícia quis conter os rapazes e estes subiram e de lá começaram a urinar na cabeça dos soldados, do delegado e também na minha. Compadre, nunca pensei que cinema fosse assim! Nunca mais me pegam! Sinto o meu dinheiro perdido!
> – Diz o T: e vosmecê só chama cinema? – Responde o X: lá ouvi o nome de cinema cururu; não sei se é isso mesmo, vosmecê sabe que matuto não sabe decorar esses nomes difíceis!!
> – Diz o J: não faz mal, não! Vosmecê vai se meter em cinema! Agora perdeu seu dinheiro e seu tempo. Estou cansado de lhe dizer que nós não devemos ir a teatro e bailes!! Passe vergonha, perca o dinheiro e fique mijado!!
> Não toma conselho do teu amigo!![160]

Como se pode ver, os relatos fictícios de conversas de caipiras nos remetem à grande parcela da população teresinense nos anos iniciais de instalação do cinema. Se se considerar que os caipiras eram um grupo que não partilhava das mesmas experiências da elite, chega-se à conclusão de que muito do que eles falam poderia ser vivenciado na realidade da cidade. Registre-se ainda a fala de um dos caipiras ao referir que o ambiente do cinema, assim como o dos bailes, não era lugar para eles. É interessante observar que o discurso moralizador e

[159] ELIAS, 1990.
[160] JORNAL *O Apóstolo*, n. 134, 2 jan. 1910. p. 4.

civilizador encontra-se presente nessa frase, visto que os autores tentam passar, de maneira divertida e bem-humorada, que aquele é um lugar da "fina sociedade teresinense", e todos os que viessem a frequentá-lo, poderiam se dar mal, tal como o caipira que fora urinado. Quando se pensa o cinema vivenciado pelos diferentes sujeitos, é interessante observá-lo como espaço de poder, isso porque existe uma elite disciplinadora que a todo tempo procura demarcar seu território, salientando que o cinema não era divertimento para pobre e matuto.

Vale lembrar que as crônicas sobre cinema não estão relacionadas apenas à história de aceitação e de contemplação dos filmes. Há também reações desfavoráveis diante daquela nova forma de lazer, como as de Elias Martins e de Clodoaldo Freitas, que tinham posições semelhantes, embora divergissem no campo político e religioso.

Elias Martins, em *Fitas* (1920), escreve sobre a desastrosa influência do cinema entre as classes sociais. Segundo o autor, a população de Teresina compunha-se de quase 90% de analfabetos, vivendo em uma situação de miséria, que, mesmo assim, não deixavam de desfrutar da nova invenção:

> Invento recente e maravilhoso parecia destinado a grandes benefícios; mas, como todos os produtos das artes e das ciências, foi lançado à feira ignóbil das explorações mais torpes, dando origem a novos males [...]. O capitalismo ganancioso, velho matreiro, conhecedor de todos os segredos para envilecer e escravizar pôde em uma cidade paupérrima desenvolver rendosa indústria do cinema, arrancando centenas de contos de uma população sem trabalho, sem economia, sem instrução, impelida pelo anseio dos gozos materiais aos consequentes extremos da dissolução.[161]

Destaque-se que uma população ainda muito ligada à tradição passava a entregar-se ao consumismo, isso porque, através de seu colunismo diário, os cronistas tentavam "renovar" os velhos costumes. Ainda segundo Martins, o cinema tinha efeitos maléficos na sociedade porque deteriorava os padrões morais, fazia com que o chefe de família deixasse de prover sua casa para se dar ao luxo do cinema:

> Em tudo aumentou o consumo, na roupa e no calçado, nos chapéus e perfumarias, nas bebidas e nas gulodices, criando uma roda vertiginosa de prementes necessidades. [...] É forçoso entrar no regime de severas economias. A família em peso tem de submeter-se, restringindo os gastos ao mínimo, desfalcando até o essencial, [em prol] dos divertimentos e confortos, imposto pela força do poder (grifo nosso)[162].

[161] MARTINS, E. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920, p. 10.
[162] Ibidem, p. 29.

Nessa perspectiva, o cinema trouxe novos hábitos, novas modas, porém, para o citado cronista, tudo isso era incompatível com a pobreza da população, que tentava se adequar a esse novo tempo de consumismo:

> Passavam entre nós despercebidos, integrados na normalidade corrente, o encontro dos elegantes, vergando espessos e custosos ternos de casimira, ou das jovens e matronas, vestindo preciosas e farfalhantes sedas, em pleno agosto, debaixo dos fogos do meio-dia, todos lépidos e bem-humorados, como se atravessassem umbrosa alameda, agitada por um suave favônio. Veio o cinema aumentar em alta progressão as demasias dos trajes em vivo contraste com a pobreza geral, dada a mesquinha receita da população para prover a despesa ordinária em calamitosos tempos.[163]

Ainda conforme a abordagem de Martins, o cinema chegou como uma invenção inocente, uma descoberta da ciência, mas que ao longo do tempo foi se tornando um mercado que movimentava muito dinheiro e, se por um lado foi perdendo sua origem, por outro, conquistava numerosa e entusiástica clientela, cada vez mais sujeita à ansiedade de coisas novas.[164] O aparelho tornava-se uma poderosa máquina de "manipulação" das massas, ditando regras e posturas através dos filmes. No interior do Estado, vaqueiros aderiam às novas tendências das telas, numa clara evidência de que eles não tinham uma identidade fixa e que assumiam identidades diferentes em distintos momentos, identidades que não são identificadas ao redor de um "eu" coerente.[165]

> Até no interior, na afastada zona sertaneja, por onde os cinematógrafos surgiram como meteoros, reaparecendo de longe em longe, deixaram visíveis pegadas na simplicidade dos hábitos, deformados por aparatosa moda. O uniforme de couro do vaqueiro, modificado nos dias de festa pela calça de riscado ou de algodão de terra, transformou-se em terno de casimira ou brim de vivas cores, trocando a sela ginete pelo franzino selim [de] arreios prateados, esguias e lustrosas caneleiras (grifo nosso).[166]

Nesse contexto das novas tecnologias, de disciplinarização e modernidade, salienta-se também o papel social destinado à mulher dentro dessa conjuntura social. O que Martins procura mostrar em *Fitas* é que o cinema trouxe a discórdia para o seio da família. No seu entendimento, a família representava o espaço doméstico de refúgio, um lugar seguro, que contrastava com os espaços públicos, cheios de vícios e perigos:

---

[163] MARTINS, 1920, p. 34.
[164] Ibidem, p. 16.
[165] HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 11.
[166] MARTINS, op. cit., p. 41.

> Há quem diga, sisudas e insuspeitas testemunhas de vista, que pela manhã, às horas de varrer os salões e espanar os móveis, são descobertos comprometedores indícios de repugnantes escândalos. E não se veja nessa observação nenhum exagero. Tendencioso plano para indispor e alarmar, porque coisas iguais já foram denunciadas nas grandes capitais em casas frequentadas pela fina flor da elegância.[167]

Salienta-se que o ordenamento da família é um dos objetivos do Estado e de intelectuais teresinenses. Tem-se um forte discurso do que é ser um bom marido e uma boa esposa. Inicialmente, a mulher não era educada para o trabalho e deveria ocupar o ambiente privado do lar e da família, uma imagem muito próxima do discurso mariológico. Porém, existiam aquelas que contrariavam a lógica social, e atuavam como normalistas, professoras de música, costureiras, pipiras, entre outras profissões. Desse modo, Martins chama a atenção para o primeiro caso, onde, segundo ele, era cada vez mais difícil de encontrar, frente a essa nova invenção que introduziu o germe da discórdia na família. A mulher começou a sonhar com um príncipe encantado, a comparar o marido com os atores de cinema, enfim, passou a viver um mundo fictício.

> É a mulher quem mais padece dessa enfermidade. Exaltada da imaginação, natural pendor para o fruto proibido, circunscrita à labuta doméstica, sem as decepções do meio exterior, campo em que não se ferem as competições na conquista do pão, deixa se embalar pelas regiões da fantasia, praticando a tarefa diurna com indiferença, sem peculiar atenção e inata competência com que normalmente administra seu pequeno e venturoso reino. Vazio o lar, nublado o astro, que o regulariza e aclara, vagueiam os filhos descurados e soltos, sem guia, sem conselhos, campeões de jogos e dos teatros, lustrosos bonecos dos passeios, às vezes defrontando os pais na mesa do tapete verde ou em equivocadas situações, ainda mais depressiva e niveladora[168].

Assim, para o autor de *Fitas*, o espaço doméstico já estava tão saturado de novidades que nele aconteciam eventos antes jamais permitidos, como os privilégios concedidos a empregadas e a amas de leite:

> As artistas das iguarias, as soberanas da cozinha, também freguesas apaixonadas dos jogos e cinemas, já não aceitam aluguel, e lhes recusam o encargo do balde, de onde retiram bastante renda para as habituais larguezas, ficando-lhes ainda as fartas sobras das refeições do dia, com que abastecem a própria casa, maridos e filhos.
> As amas de leite, outrora de dedicação materna, por fortuna hoje em desuso e declínio franco, quando contratadas em imperiosos casos, são um contínuo pesadelo para as famílias; exigem os melhores pratos, repetidas gulodices, custosas roupas e calçados, joias e perfumes, enchendo as salas de visitas

[167] MARTINS, 1920, p. 21.
[168] Ibidem, p. 17.

> suspeitas, por vezes audaciosos amantes. E querem frequentar cinemas e festas, armam longos passeios e pretendem se ausentar durante a noite [...].[169]

Nesse sentido, o cinema é, dentre as diversões do início do século XX, a que passa a ter mais força na construção de uma civilização que afastava a população teresinense de uma tradição que relembrava um passado arcaico. Desse modo, o lazer em Teresina esteve permeado de um discurso civilizador, a partir do qual os cronistas corrigiam os atos incivilizados da população.

No início do século XX, Teresina, que já integrava o comércio internacional, embora de forma precária, viveu "sensíveis brisas" de modernidade. Percebendo a urgência da modernização, os cronistas procuravam, através de seu colunismo, ditar uma Teresina nova e civilizada através de um discurso totalmente direcionado. Eles mesmos julgavam o que eram os bons e os maus costumes, através do cinema. Essas formas de lazer foram instrumentalizadas como capazes de dirigir as atitudes e práticas da sociedade teresinense.

Mas nem sempre esse discurso era consumido de forma passiva e, em face da circularidade cultural[170], ricos e pobres compartilhavam as mesmas experiências de maneira diferente. Nesse sentido, convém citar Pereira, para quem:

> Os registros literários não podem ser tomados pela posterioridade como simples espelhos de um tempo, mas sim como ficções construídas por um determinado grupo para, em um movimento de diálogo cultural, passar aos seus contemporâneos certas ideias e visões de mundo[171].

No lastro dessas reflexões, foi possível perceber o cinema como modelo de modernidade em Teresina, configurando-se como "aparelho" de imposição de uma nova urbe. Figueiredo Monteiro assinala que o cinema funcionava como uma "fábrica de sonhos", embalando os ideais, anseios e expectativas padronizadas e estereotipadas na tela[172]. O passatempo moderno aparece permeado por um discurso desejoso por uma sociedade educada, limpa, moderna e civilizada. Assim, a ampliação do olhar para essas diversões modernas permite uma aproximação maior com as formas de constituição de Teresina como uma cidade civilizada.

---

[169] MARTINS, 1920, p. 71.
[170] Sobre o conceito de Circularidade Cultural, ver GINZBURG, C. *O queixo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 13.
[171] PEREIRA, L.A.M. *O carnaval das letras*. Rio de Janeiro: Secretaria da Cultura. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994, p. 197.
[172] MONTEIRO, 1993, p. 9.

3 AS FORMAS "TRADICIONAIS" DE SOCIABILIDADES TERESINENSES

Depois de abordar as sociabilidades urbanas "modernas", o presente estudo reportar-se-á à análise de entretenimentos ligados ao universo "tradicional" da cidade de Teresina. O conceito de sociabilidade é entendido na perspectiva de Jean Baechler[173], a partir do qual se procurou entender como os teresinenses usavam o seu tempo livre, ou seja, fora de suas obrigações profissionais, familiares e sociais. Quais os espaços frequentados para se divertir, recrear, pois, segundo o sociólogo, a sociabilidade deixa de lado assuntos sérios e valoriza o bate-papo, a conversação. Todavia, não é intenção deste trabalho fazer classificações fechadas sobre as formas de lazer, porquanto nada impede a concomitância dessas diversões. Mas, antes de adentrar nas principais formas de divertimentos "tradicionais" do início do século XX, é interessante entender a discussão em torno do conceito de tradição.

A ideia de tradição remete a um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade, que continua a ser aceito e atuante no presente. Tem a função de preservar costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Para Weber, os comportamentos tradicionais são compreendidos como atitudes que os indivíduos tomam em grupo e são orientadas pelo hábito, pela noção de que sempre foi assim. Ou seja, o indivíduo não pensa nas razões e motivos de seu comportamento, sendo, pois, uma forma de "dominação voluntária", uma maneira de se influenciar o comportamento e hábitos de outros homens.[174]

No início do século XX, no Brasil, a expansão capitalista, com suas novas técnicas e aparatos modernos, fez com que as diversões tradicionais ficassem em segundo plano diante de novas formas de lazer. Nesse sentido, as tradições vão sendo desqualificadas perante uma sociedade individualista e industrializada, dando lugar a uma rotina cada vez mais preenchida pela ciência e pela técnica. É válido salientar que existia um projeto civilizador em curso, e que cada cidade vive essa transição ao seu ritmo. A intensidade do processo é diretamente proporcional à intensidade da inserção da urbe nesse mundo moderno. Teresina, por exemplo, era uma região periférica e muitos dos avanços tecnológicos foram chegando à capital aos poucos e de forma tardia, convivendo a população ainda com fortes raízes tradicionais. Ou seja, era forte a tradição na cidade devido à frágil inserção nas relações capitalistas.

---

[173] BAECHLER, J. Grupos e sociabilidades. In: BOUDON, R. *Tradado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 73-83.

[174] SILVA, K. V.; SILVA M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 1.

Neste capítulo, é mister o estudo de diversas sociabilidades que possuem raízes ligadas à tradição teresinense, e que sofrem concorrência de novas sociabilidades no limiar do século XX. Dentre elas, o festejo Mariano, o Sagrado Coração de Jesus, o Reisado, os festejos juninos, além dos forrós, bailes e do Carnaval.

As crônicas aqui analisadas mostram a cidade em sua pluralidade, em suas diversas formas de vivências no começo do século XX. Através dessas fontes serão mostradas como práticas de lazer tradicionais "sobrevivem" em meio a tantas novidades. As diversões tradicionais tiveram de se reinventar nesse novo século diante da concorrência do novo, do moderno. Desse modo, é importante ressaltar as tensões e conflitos entre práticas e sociabilidades tradicionais e modernas, dando destaque àquelas que permaneceram nos hábitos e costumes teresinenses entre os anos de 1900 e 1930.

3.1 As festividades religiosas

Este tópico pretende fazer uma abordagem das formas de lazer tradicionais ligadas ao catolicismo. Nesses anos iniciais do século XX, várias são as sociabilidades que faziam parte do cotidiano teresinense, entre elas, aquelas vinculadas à religião, organização que possui forte influência sobre os hábitos da sociedade. E, quando se fala em festividades religiosas, referimo-nos àquelas promovidas pela Igreja Católica, principal organização religiosa de Teresina. Martha Abreu[175] aponta que as sociabilidades de cunho religioso emergiram de um estudo de história cultural como um *lócus* privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e suas múltiplas ações, trazendo à tona uma perspectiva que as coloca em uma dinâmica social construída através das relações de trocas e tensões sociais.

Desse modo, se entende como festividade religiosa as quermesses das igrejas, as procissões, as novenas e outros acontecimentos de cunho religioso que tiravam os teresinenses de suas labutas e rotinas cotidianas. Essas formas de lazer tradicionais vão se manter ativas durante todo o ano, mostrando a força da religião na vida das pessoas. Para Pedro Vilarinho, as festividades religiosas em Teresina seguiam um calendário litúrgico:

> No mês de janeiro, o principal festejo era o de Santa Inês, padroeira das filhas de Maria; no mês de março, a Semana Santa ganhava destaque com seus rituais e procissões; no final de abril e durante todo o mês de maio, acontecia a maior e mais prestigiada das festividades, que era o mês mariano, em junho e julho, as atenções voltavam-se para o Sagrado Coração

[175] ABREU, M. *Festas e cultura popular na formação do "povo brasileiro"*. São Paulo: Projeto História, 1998.

> de Jesus e, nos meses seguintes, para os festejos de São Benedito, Nossa Senhora das Dores e finalmente o Natal. Durante quase todos os meses do ano, havia alguma atividade extra a ser feita pelos fiéis [...].[176]

Mas nem só de festividades vivia a Igreja Católica. Entre o final do século XIX e início do século XX, a instituição passou por momentos delicados, ocasião em que presenciou o confronto entre o catolicismo ultramontano[177] e o catolicismo tradicional[178]. Inicialmente, as devoções católicas eram promovidas em meio a festas e procissões religiosas organizadas por diversas irmandades leigas. Nesse contexto, foi que o ultramontanismo tentou substituir a realidade presente, completamente multifacetada, por uma nova, positiva e absolutamente única. Negou o catolicismo tradicional vigente, de fortes raízes populares, estabelecendo a dicotomia entre o velho e o novo, o bom e o ruim. Acreditava-se na possibilidade de se gerar um homem novo, mais espiritualizado, introspectivo, separado de formas de crenças tradicionais, tidas como "atrasadas" e supersticiosas. Dessa forma, os ultramontanos viam-se como única fonte de verdade e salvação. Fora de seus quadros estavam a execração e a condenação. Aprisionados pelo maniqueísmo, o catolicismo tradicional era considerado uma ovelha desgarrada, cheia de imperfeições, que poderia ser reintegrada ao rebanho desde que despojada de seus antigos vícios.[179]

A partir das primeiras décadas do século XX, o catolicismo ultramontano ganha força em várias regiões do Brasil, inclusive em Teresina. As antigas manifestações de culto dirigidas e organizadas por leigos, nas confrarias e nas irmandades, com frágil intervenção clerical, não se adequavam ao novo contexto clerical. Dessa forma, o padre se torna o responsável por toda a dinâmica da espiritualidade e da política da Igreja, e sob a sua liderança é que deveriam, agora, se desenvolver as atividades realizadas pelos leigos.[180] Assim, as práticas devocionais, que eram

---

[176] CASTELO BRANCO, P.V. *Mulheres plurais*: a condição feminina na primeira república. Teresina: Edufpi, 2013, p. 43.

[177] Catolicismo autoritário, tridentino e romantizador. De raízes conservadoras, buscou uma consolidação doutrinária teológica, estruturou-se em torno de alguns princípios, como: rejeição à ciência, à filosofia e a condenação do capitalismo. O padre torna-se o responsável por toda a parte espiritual e política da Igreja, e sob a sua liderança é que se desenvolviam as antigas atividades reservadas aos leigos. Cf. GAETA, M.A.J.V. A cultura clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

[178] Catolicismo ligado às crenças populares, onde o sagrado e o profano se misturam. Eram dirigidas e organizadas por leigos, nas confrarias e nas irmandades, com frágil intervenção clerical. Danças, músicas, alardes, tambores, folias, máscaras, bandas, fogos eram representações emblemáticas do sagrado que eram consentidas e incentivadas pelo catolicismo tradicional, como privilegiadoras dos sinais visíveis da fé e da graça. Cf. GAETA, 1997.

[179] GAETA, M.A.J.V. A cultura clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997, p. 4.

[180] Ibidem, p. 4-5.

organizadas por leigos, começam a ser desqualificadas pelo clero ultramontano. Eles passaram a condenar os excessos cometidos durante as festas, tais como a dança, a bebida e os jogos. Esse processo, porém, se constitui em meio a tensões e conflitos, pois as antigas formas de devoção não aceitavam passivamente esse novo modelo de prática católica.

3.1.1 Festejo Mariano, Sagrado Coração de Jesus e Reisado

Nesse novo século, as festas configuravam acontecimentos de grande relevância na vivência dos habitantes da urbe. Marcadas principalmente pela ligação com o catolicismo, foram logo incorporadas ao calendário religioso. Representadas como manifestações socioculturais, têm sido redescobertas como um fértil campo de investigação histórica, revelando crenças e costumes, mas também redes de poder e diferenças sociais.

A maior e mais movimentada sociabilidade teresinense acontecia em maio, era o chamado mês Mariano. Conforme a abordagem de Carlos Augusto Figueiredo, as festas aconteciam em forma de novenas, terminando com missa solene e grande procissão. Desse modo, com rezas, terços e devoções, Maria, mãe de Jesus, era venerada por grande número de fiéis. Eis a descrição dos cronistas do jornal *O Piauí* sobre esses festejos:

> A primavera cristã vai começar: é o mês de Maio, consagrado a S. Sª Virgem, pelo mundo católico. A festa de Maio é a mais bela das festas primaveris e a mais duradoura. Não é uma festa de um só dia como a celebra o mundo profano; é um mês inteiro. É a melhor homenagem que se pode prestar à primavera, pedindo-lhe o que ela tem de mais delicado, a fragrância de suas numerosas flores para ir depositá-las aos pés da Virgem.[181]

Nessa perspectiva, as sociabilidades religiosas configuravam possivelmente uma das poucas oportunidades de descanso, entretenimento, distração e alegria da maioria da população. Na linha argumentativa das reflexões de Pedro Vilarinho Castelo Branco[182], compreende-se que em uma cidade sem atrativos, como Teresina, onde o povo vivia à espera de algum acontecimento que o tirasse da sua labuta e rotina diária, a devoção e a busca de lazer acabavam por se confundir. O autor esclarece que o mês de maio era um momento de devoção a Maria, mãe de Jesus, mas também representava um período em que ocorriam encontros entre moças e rapazes, para conversar, para ouvir músicas animadas das orquestras no adro das igrejas, e esquecer um pouco os problemas cotidianos.

---

[181] MAIO na Igreja do Amparo. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 78, p. 3, 19 de abr. de 1917.

[182] CASTELO BRANCO *Mulheres plurais*: a condição feminina na primeira república. Teresina: EDUFPI, 2013, p. 44-45.

Com efeito, a festa do mês de maio era aguardada com entusiasmo pelos fiéis, que se confraternizavam de forma dinâmica, vivenciando a festividade de múltiplas maneiras. Augustin Wernet, ao tratar do assunto, relata que "as procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir."[183]

As festas envolviam as mais diferentes classes sociais, porém, ficava a cargo das mulheres da elite urbana a organização do mês mariano, no trabalho de ornamentar as igrejas, preparar os cânticos das missas e arrumar os enfeites para decorar as imagens e o altar:

> Como nos anos anteriores, os festejos do mês de maio, na matriz da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, este ano será feito com o maior brilhantismo possível, estando para isto nomeada a respectiva comissão de distintas senhoritas e respeitáveis senhoras do nosso meio social. Tradicionalmente querida da nossa família teresinense, a festividade do Mês Mariano, entre nós, é sempre esperada com muita alegria e, para revesti-la de toda solenidade, o povo católico da nossa capital saberá concorrer generosamente.[184]

E, dessa forma, do lado de fora do templo, as distintas senhoras e moças da sociedade organizavam barraquinhas que leiloavam prendas para arrecadar fundos para a Igreja. É bom frisar que, nessas festividades, a Igreja ensinava práticas instrutivas durante alguns dias da semana. Essa era uma maneira de difundir seus ideais e construir uma sociedade aos moldes de sua doutrina.[185] Já os leilões das barraquinhas de prendas eram realizados, segundo Carlos Augusto Figueiredo, de acordo com as doações feitas:

> Montavam-se, em torno da praça, no circuito mais externo, os currais ou chiqueiros para receber o gado – bois, cavalos, jumentos e as miúnças – bodes, porcos, patos e galinhas em qualidade. Se no circuito interno as barraquinhas de prendas eram o lado festivo, o externo representava, pelo seu volume, uma verdadeira "feira", arrematando-se por preços acima do valor de mercado, as ofertas ao santo e à Igreja[186].

De acordo com a descrição do cronista, cada noite de novena tinha o patrocínio de um grupo. Havia a noite dos comerciantes, das professoras, das senhoras casadas, das crianças e, sobretudo, a dos vaqueiros, por sinal, uma das mais divertidas e animadas, relatavam os periódicos. O privilégio conferido a essa festa estava no fato de a pecuária configurar uma

---

[183] WERNET, A. *A igreja paulista no século XIX*: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987, p. 24-25.
[184] MÊS de maio na Matriz do Amparo. *Piauí*, Teresina, ano 60, n, 87, 21 de abr. de 1927. p. 4.
[185] Ibidem, ano 38, n. 87, 21 de abr. de 1926. p. 1.
[186] MONTEIRO, 1993, p. 288.

atividade típica do Piauí. De toda a redondeza convergiam os vaqueiros, de várias gerações, velhos, moços e jovenzinhos, que se vestiam com suas melhores vestes de couro – aquelas de gala feita com pele de veado.[187]

Embora o desejo dos padres ultramontanos fosse de impor o controle e disciplina da população através de diversos mecanismos, inclusive no lazer, a população não vivenciava tudo isso de maneira passiva. Ela escrevia sua própria história, revelava sua maneira particular de viver nos espaços urbanos, sua religiosidade. Exemplo típico são as idas dos rapazes às festas profanas dos botequins após as novenas. Encontravam-se nesses locais, "onde a graça das prostitutas em moda cintilava até ao amanhecer, na desenvoltura e nos entusiasmos de uma embriaguez sem fim".[188]

Outra comemoração que a Igreja Católica promovia era a festa do Sagrado Coração de Jesus, que geralmente acontecia entre os meses de junho e julho. Havia uma mobilização geral por parte da Igreja para a organização da festa, como descrito pela notícia do jornal *O Piauí*, referente à preparação da festividade ocorrida no ano de 1921:

> No dia 17 do corrente mês começaram na Igreja Nossa Senhora do Amparo as novenas celebradas em honra do Sagrado Coração de Jesus, promovidas em honra do respectivo Apostolado, que tem desenvolvido muita atividade, a fim de lhes dar o maior brilho e pompa. O digno vigário da freguesia Monsenhor Menezes, zeloso e inteligente governador do bispado, contando com a dedicação do Apostolado de que é diretor, não poupa esforços no sentido de revestir a festa de toda a solenidade e brilhantismo religioso.[189]

Percebe-se assim um envolvimento de diversas autoridades eclesiásticas na organização da festa. Mas como já citado outrora, por trás das comemorações estava clara a intenção da base ultramontana da Igreja de afastar expressões autônomas populares e de difundir a disciplina e moral católica. Em 1921, novamente foi publicado no jornal *O Piauí* o sucesso do festejo, com a Igreja ornamentada, iluminada e dirigida por uma orquestra:

> Com todo o esplendor, celebrou o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, da Catedral, a sua festa anual, constando de um tríduo e uma missa cantada. A festividade, que esteve aos cuidados das excelentíssimas zeladoras, e sob a direção do respectivo Diretor e virtuoso vigário Monsenhor Fernando Lopes, correu animadíssima, achando-se a Igreja lindamente ornamentada e com ótima iluminação. A orquestra foi dirigida pelo maestro tenente Cornélio Pinheiro, sendo todos os atos abrilhantados pela música do Batalhão Policial.[190]

---

[187] MONTEIRO, 1993, p. 288.
[188] NEVES, A. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 23.
[189] FESTA do Sagrado Coração de Jesus. *O Piauí*, Teresina, ano 32, n. 481, 26 jun. 1921, p. 1.
[190] JORNAL *O Piauí*, n. 487, 30 jun.1921, p. 2.

Os cronistas ligados ao lado mais conservador da Igreja, através da imprensa local, foram dando destaque às transformações nas sociabilidades religiosas, ressaltando quase sempre as características positivas das festas. Porém, essas sociabilidades devem ser interpretadas em suas tensões e não como algo pronto e acabado. Por isso, destacaremos diversos conflitos e disputas pelo poder que permearam dentro do universo dessas sociabilidades teresinenses.

Certo é que as festividades religiosas representavam experiências de afeto e emoções, o rompimento com o ritmo monótono do cotidiano. Durante as festividades, o homem, por alguns instantes se esquece do trabalho, das obrigações e passa a viver em uma realidade à parte[191]. Diante de tal fato, as comemorações religiosas representavam, naquele momento, situações em que se poderiam construir redes de sociabilidades. O devoto não ia à igreja somente por motivos religiosos, mas para distrair-se, para passar o tempo.

Na compreensão de Abdias Neves[192], a reunião atraía as pessoas que passeavam, apreciavam as vestes uns dos outros, tratavam de negócios, ouviam e dançavam ao som de músicas ensurdecedoras, soltavam fogos de artifícios e lançavam balões ao céu. Para além dos templos da igreja, havia outros espaços que pareciam fazer parte dela, tais como os cafés volantes, as bancas de jogos e os botequins. Dentre esses locais "profanos", que eram uma extensão das novenas, Abdias Neves destaca o ambiente dos botequins:

> [...] Entre copos de cerveja e baforadas de charuto, pregava-se a moral sem peias, altercava-se sobre a política, erguiam-se brindes ao governo e passavam-se descomposturas chués na gente da oposição. Até muito tarde ouvia-se o estrondo das rolhas saltando – para desespero de um vizinho que as contava curiosamente. E a cidade inteira, a cidade feminina, revoltava-se contra o escândalo, muitas vezes impotente para que os maridos se fossem embriagar nas delícias tentadoras do fruto proibido[193].

Ao assumir o Bispado do Piauí em 1906, D. Joaquim Antônio de Almeida iniciou um trabalho de fortalecimento das práticas católicas ultramontanas, ao tempo em que ia paulatinamente desqualificando, e mesmo proibindo, práticas que não condiziam com o novo padrão desejado. Dessa forma é que ocorrem alterações significativas nas festas religiosas, nas quais as manifestações externas do culto eram reprimidas, acabando com os botequins, os foguetes, os balões. As novenas passavam a ter, assim, ar mais solene e sóbrio, as procissões perdiam em colorido e folia e ganhavam em devoção e espiritualidade.[194]

---

[191] BERGER, P. *O rumor dos anjos*: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.
[192] NEVES, A. Notas. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 180, 10 ago. 1913. p. 2.
[193] Idem. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 23.
[194] NEVES A. *Diário do Piauí*, n. 180, 10 ago. 1913, p. 2.

Essas medidas faziam parte de um projeto ultramontano, que tinha a intenção de erradicar os elementos "pagãos" e "regenerar" o mundo católico. Bebedeiras, vadiagens, jogos, danças, tambores, máscaras eram representações emblemáticas do sagrado, consentidas e incentivadas pelo catolicismo tradicional, mas que agora eram reprimidas pela nova orientação ultramontana.[195] Quanto à forma de festejar essas sociabilidades, o cronista Tigellinus, do jornal *Diário do Piauí*, retratou a pluralidade de pensamentos nesse período:

> Opina um, que a afluência de fieis, nos templos, em os últimos festejos religiosos aqui realizados, a despeito do abandono quase completo em que se viam aquelas solenidades, ou outrora, é a renascença das festas pagãs do catolicismo, praticadas com todos os recursos de que dispõe para impressionar os devotos. Opina outro que os templos nunca foram abandonados e que si "não havia músicas, foguetes, balões e bancas de jogos" etc. o povo lá estava, em fervorosa prece, num consocio de todas as classes, desde as humildes camadas sociais até o escol aristocrático.[196]

De acordo com Luiz Beltrão[197], há um momento sagrado, em que as ações estão sob o controle da Igreja Católica, lá é onde ocorrem as missas, os sermões e a bênção; e outro momento profano do lado de fora do santuário, onde estão presentes as músicas, danças, brincadeiras, os botequins, jogos e foguetes. Desse modo, havia dentro do cenário teresinense duas posturas católicas claras com relação às vivências religiosas católicas.

Ao defender as festividades religiosas tradicionais com todos os seus apetrechos, o cronista Tigellinus, do *Diário do Piauí*, compartilha da opinião de que as reformas religiosas afastaram a população das novas formas de festejar os santos. Diz ele que: "[...] as festas religiosas, entre nós, precisamente as novenas, vão em decadência. Levantando esta, efeito da indiferença popular, mostra a ausência de fogos, fiéis etc. [...] revestindo-se as festas religiosas de uma absoluta simplicidade ao invés do tradicional brilhantismo".[198]

Ainda segundo Tigellinus, diante de tal medida, a Igreja viu a necessidade de se reinventar, de se adaptar ao meio social. As sociabilidades eclesiais seriam o ponto fulcral para as conquistas da juventude e das famílias. Na trilha desse pensamento, o cronista do *Diário do Piauí* explica:

> [...] As manifestações externas, nas solenidades religiosas, não são renascença das festas pagans do catolicismo. A religião, como um dos elementos componentes da civilização tem, como todas as coisas (seja qual for o meio de intromissão) ao chegar em uma zona qualquer, que se adapta

[195] GAETA, 1997, p. 9.
[196] TIGELLINUS. De carreira. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 196, 31 ago. de 1913, p. 1.
[197] BELTRÃO, L. *Folkcomunicação*: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
[198] TIGELLINUS, op. cit, p. 2.

> ao meio, obedecer às suas conveniências, sofrer portanto grandes transformações. [...] Podemos concluir que não se trata aqui do renascimento do paganismo, nem das festas pagans do catolicismo e sim uma perfeita adaptação ao meio[199].

Em suma, têm-se nas sociabilidades religiosas formas de lazer permeadas de conflitos e tensões. Nesse sentido, Mary Del Priori[200] caracteriza essas festas como um espaço de luta, controle e manutenção de hierarquias e privilégios. Deve-se observar, então, o caráter dinâmico de inovação e adaptação do catolicismo ao mundo moderno, no qual progressivamente, se incorporam as sociabilidades a elementos laicos, instituindo-se muitas vezes práticas populares nas celebrações cristãs. Isso não quer dizer que as diversões tinham vínculo com o profano, mas a adequação ao meio social se fez necessária, o que acabou aproximando as sociabilidades do capitalismo e dos padrões familiares burgueses. Porém, ressalte-se que essa adaptação não foi totalmente tranquila, teve de passar por um processo de resistência pela ala mais conservadora da Igreja.

O Reisado, também conhecido como Folia dos Reis e Festa dos Santos Reis, se encaixa perfeitamente nessa mistura de crenças populares vinculadas à instituição católica. A antropóloga e socióloga Alba Zaluar[201] esclarece que a festa é um ato popular que procura rememorar a jornada dos reis magos Gaspar, Melchior e Baltasar a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento de Cristo até o momento que o encontram. Logo, fazem parte do ciclo natalino. Na festa, o cortejo dos foliões desfila cantando, tanto no campo como nas cidades.

Trazida pelos portugueses no início da colonização, o Reisado é festejado da seguinte forma: à frente do cortejo vem o bandeireiro carregando o estandarte, objeto sagrado da Companhia, representando os três reis magos diante do presépio de Belém. Logo atrás, estão os palhaços ou bastião, com suas roupas floridas e máscaras grotescas que mais se parecem com um "capacete", dançando para animar o grupo. Por último, vêm dois cordões de músicos. Dessa maneira o cortejo se aproxima da casa, geralmente enfeitada de arco de bambu, e os donos da residência recebem a bandeira e rezam o terço. Depois da bênção dos "Santos Reis" os músicos "pedem uma esmola", estabelecendo uma relação de reciprocidade entre os devotos e o sagrado. Contempladas as cantorias e a reza de finalização, acontece a confraternização, com comida para todos.[202]

---

[199] TIGELLINUS, *Diário do Piauí*, 1913, p. 1.
[200] DEL PRIORI, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 74.
[201] ZALUAR, A. *Os homens de Deus*: um estudo dos santos e das festas no cotidiano popular: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983, p. 79.
[202] ZALUAR, 1983, p. 78-79.

Explicada a forma como é desenvolvida a festividade, observam-se agora as vivências e memórias em torno do lazer. Várias sociabilidades tradicionais remanescente do século XIX passaram a sofrer concorrência de novas sociabilidades do século XX. O Reisado é um exemplo. Antes, muito comemorado e festejado pelos teresinenses, começou aos poucos a perder espaço, uma vez que o imaginário estava sendo preenchido com novas práticas de diversão. Importante observar o relato de dois cronistas em épocas distintas. O primeiro discorre sobre a festa em Teresina de 1906:

> O Dr. Portella Parentes e outros cavalheiros tratam de realizar, entre nós, a entrada do próximo ano, a tradicional festa "Reisado", diversão muito usada nos meios cultos. Tem essa agradável tentativa despertado muita simpatia, e, hoje, terão lugar a primeira reunião e o primeiro ensaio, que estavam marcados para a quinta-feira última[203].

O trecho acima remete à mobilização de um homem de elite aglutinando pessoas para efetivar os festejos de Reis. Para o cronista, a sociabilidade teve um momento nobre, o que nos faz lembrar de Câmara Cascudo[204], que considera o Reisado a denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera de Dia de Reis. Em 1925, outro cronista com o pseudônimo João da Serra teve impressões diferentes daquelas relatadas anteriormente:

> E a falar em Reis, lembro-me das festas populares de nosso povo e que entre nós, onde a civilização vai penetrando e varrendo esses mofos do Brasil Colônia – como se isso nos desonrasse – vão perdendo o sonho de simplicidade que é toda a beleza da alma popular.[205]

O Reisado abordado pelo referido cronista não se parece em nada com aquele lembrado pelo Dr. Portella Parentes, "uma diversão muito usada nos meios cultos". O segundo cronista relata uma festa de caráter popular, que, diante do avanço moderno nas cidades, passa a ser combatida e tida como "atrasada" e antiquada. Nesse aspecto, se apresentam visões distintas sobre a essência da sociabilidade, o que nos leva a concluir que existe um conflito, um embate entre aqueles que defendiam e procuravam resgatar as práticas de Reis, e aqueles que viam na sociabilidade formas incivilizadas de lazer e devoção na cidade.

Desse modo, o Reisado constitui um espaço privilegiado da memória, na qual estão presentes os elementos que devem ser transmitidos às futuras gerações, mas também aqueles

---

[203] REISADO. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 77, 23 dez. 1906, p. 1.
[204] CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.
[205] JOÃO DA SERRA. Crônica do Dia. *O Piauí*, Teresina, ano 37, n. 3, 3 jan. 1925. p. 1.

que devem ser esquecidos. A forma como o Reisado é festejado atualmente teve influência de diferentes grupos ao longo do tempo, onde cada qual buscava relatar suas versões sobre a sociabilidade. De fato, é possível que, ao gerar um conjunto de ideias e representações ao passado, ao mundo da tradição, entendido como algo antagônico à "civilização" e ao "progresso", construía-se também um repertório ideológico que justificaria o combate a essas práticas.

3.1.2 Os festejos juninos: São João e Bumba meu boi

O São João é uma das festas mais tradicionais do catolicismo popular do Nordeste. Pertence ao mesmo tempo ao universo rural e urbano, e possui uma memória coletiva passada que remete aos cultos agrários de proteção e agradecimento cristianizados pela Igreja. Capturadas pelas práticas católicas ainda no século XVIII, as crenças se uniram na fronteira entre o sagrado e o profano. Herança das festividades realizadas nas aldeias de Portugal, foi trazida ao Brasil pela corte portuguesa, sofrendo, porém, um processo de sincretismo, misturando-se aos aspectos culturais brasileiros e ganhando elementos simbólicos novos.[206]

O tema é abordado por diversos estudiosos, porém, tomar-se-ão como inspiração os estudos da antropóloga Luciana Chianca[207], que abordou os festejos de São João na cidade de Natal-RN. A pesquisadora estudou a festa na referida cidade a partir de sua ressignificação ao longo do século XX, pelos sujeitos que remodelam suas práticas, por vezes se distanciando das imposições católicas, reinventando novas formas comemorativas. Essa interpretação permite lançar uma similaridade com os festejos realizados em Teresina, devido à identificação de elementos que se aproximam das práticas localizadas em Natal. Contudo, esse distanciamento de modelos imposto pela hierarquia religiosa acaba tendo certo desvio, e sendo criados e adaptados novos moldes e formas de comemorar as sociabilidades.[208]

Com efeito, o São João era uma festa que movimentava a vida social dos teresinenses. A população participava brincando ou assistindo à diversão. Ruas eram ornamentadas com palhas, fogueiras eram armadas e fogos de artifícios eram lançados. Abriam-se as casas numa festiva movimentação interna. Abdias Neves, em *Um Manicaca*, afirma ainda que algumas pessoas

---

[206] SOUZA, J.C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 48, São Paulo, 2004.

[207] Luciana Chianca é professora de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e autora do livro *A festa do interior* (Natal: EDUFRN, 2006).

[208] OLIVEIRA, A. da S. *Viva São João!* Festa e sociabilidades nas comemorações em Cruz das Almas-BA. p. 3. Disponível em: <http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/Adriana-da-Silva-Oliveira-Anpuh-ST-19.pdf>. Acesso em: 7/2/2015.

divertiam-se “passando fogo” e tornando-se padrinhos e afilhados, parentes de fogueira ou outra modalidade de tratamento afetivo. O cronista relata o episódio da seguinte forma:

> [...] Por S. João, S. Pedro, S. Tiago e todos os santos da corte do céu, como D. Rosinha é minha prima, jurou ele, tomando a mão direita da namorada e colocando-se de modo que, entre os dois, ficassem as brasas. A moça repetiu o juramento e, erguendo um pouco a saia, passou por cima do tição. Repetiram o juramento e cumprimentaram-se: – Minha prima! – Meu primo![209]

Ademais, outras brincadeiras típicas faziam parte do cotidiano da população, que tinha suas vidas marcadas por hábitos e costumes rurais. O cronista Raposo Torres relata que algumas moças examinavam a sua longevidade pelo reflexo do rosto no fundo de uma bacia com água. Outras procuravam saber se casariam com um determinado rapaz e esperavam ansiosamente que as agulhas que flutuavam na superfície da água se cruzassem. Essas brincadeiras mexiam com a “fantasia” das jovens garotas no começo do século XX e faziam com que muitas delas sonhassem com o amor de um determinado rapaz.[210]

No início dos anos de 1920, a crônica de Jônatas Batista para o jornal *O Nordeste* lamenta o descaso e abandono por que passavam as festas de São João em Teresina. O cronista culpava principalmente o desprezo do povo à tradição concomitante à chegada da luz elétrica. Para ele, a eletricidade ofuscou o brilho das fogueiras, mudando a paisagem noturna. A cidade tinha perdido a capacidade de provocar um efeito visual, de iluminar, como o fazia anteriormente:

> [...] aproxima-se o dia 23 de junho e com ele não vemos aproximar-se, também como outrora, aquele mesmo cortejo de alegrias ruidosas, de preparativos alegres de festas encantadoras. A luz elétrica matou as festas de São João em Teresina. As fogueiras, que davam nessa noite feliz um aspecto deslumbrante a nossas ruas, eram como que alma, a vida, a razão de ser dessas festas [...].[211]

Porém, não havia apenas registros que defendiam a permanência desses festejos. Havia um grupo mais conservador de cronistas que procurava desqualificar essa sociabilidade. A ação fazia parte daqueles que projetavam uma Teresina civilizada e, com esse intuito, trataram logo de criar artifícios para barrar a prática de fogos de artifícios, seja através das forças policiais, seja por meio de códigos de postura municipais.

---

[209] NEVES, 1985, p. 65.
[210] CASTELO BRANCO, 2013, p. 45.
[211] BATISTA, J. Semana elegante. *O Nordeste*, Teresina, ano 1, n. 30, 19 jun. 1920, p. 3.

> Correu, com desusado entusiasmo, o tradicional festejo de S. João, este ano. Além dos fogos de salão, fogueiras, atiraram muito busca-pé nas ruas, o que traz aliás sérios inconvenientes. A polícia proibiu a saída do bumba meu boi. Foi um verdadeiro clamor, falou-se em respeitar a ordem da autoridade, aliciou-se gente para isso, mas, diante da atitude da polícia, rondado a cidade de patrulhas dobradas, aquartelando a força disponível e pondo todas as suas autoridades a serviço, arrefeceram-se os ânimos e a ordem pública não foi alterada, nem desacatada a determinação de dr. Chefe de polícia.[212]

Se a presença dos setores populares na execução da festa era patente, isso não significava a exclusão de outros segmentos sociais. Pois muitos integrantes das classes sociais mais abastadas ainda estavam ligados à cultura tradicional.

Em meio ao remodelamento dos costumes urbanos, os "mosqueteiros" da modernidade buscavam deslegitimar as sociabilidades ligadas a uma tradição imperial. Isso porque, segundo idealizadores da república, era um regime que tinha laços com a escravidão, com o antiquado e com o atraso. No entanto, Arno Mayer alerta para o demasiado culto à modernidade, em que o olhar volta-se essencialmente para o progresso tecnológico e científico, para o capitalismo industrial, para a burguesia e para a classe média, e acaba negligenciando, subestimando ou desvalorizando a resistência de forças ligadas a grupos rurais dominados por nobrezas hereditárias e o seu astucioso talento para assimilar, retardar, neutralizar a modernização capitalista.[213]

Um outro momento tradicional da festa de São João era o bumba meu boi. Dança folclórica típica do Piauí e Maranhão, que surgiu ainda no século XVIII, misturando aspectos da cultura africana, indígena e europeia, com encenações religiosas do catolicismo. Em geral, eram brincadeiras que resultavam de um pagamento de promessa feita aos santos do catolicismo, sobretudo, o São João. Os brincantes, em diferentes funções, tocavam matracas, pandeiros ou tambores, e repetiam em "homogeneidade" as toadas e canções do amo, o cantador e guia do bumba.[214]

Em Teresina, o bumba meu boi era comemorado todos os anos no mês de junho por grande parte da população. A diversão começava com uma encenação, que geralmente terminava com a morte do boi, depois, a brincadeira continuava com o boi saindo pelas ruas da cidade a perseguir as pessoas que cantavam a seguinte cantiga:

---

[212] FESTA de S. João. *Pátria*, Teresina, ano 1, n. 35, 29 jun. 1903, p. 1.

[213] MAYER, A. *A força da tradição*: a persistência do antigo regime, 1848-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 14-23.

[214] SANSONE, L. A política do intangível: museus e patrimônios em novas perspectivas. In: BARROS, A. E. A. *Ao ritmo dos bumbas*: obliterações e desigualdades na construção de um patrimônio festivo brasileiro (c.1900-1950), Salvador: EDUFBA, 2012, p. 20-21.

Brinca, brinca, boi de fama!
E o coro:
Ou mandi ça rá!
E a voz:
Este boi é bicho bom!
E o coro:
Ou mandi ça rá![215]

Abdias Neves em *Um manicaca* diz que a passagem do boi pelas ruas de Teresina era sempre acompanhada por uma enorme multidão que fazia muito barulho, batendo palmas ritmadas em uma cantiga que dizia assim:

Levanta o pé,
Levanta o pé,
Não tenhas medo
Do *busca-pé!*[216]

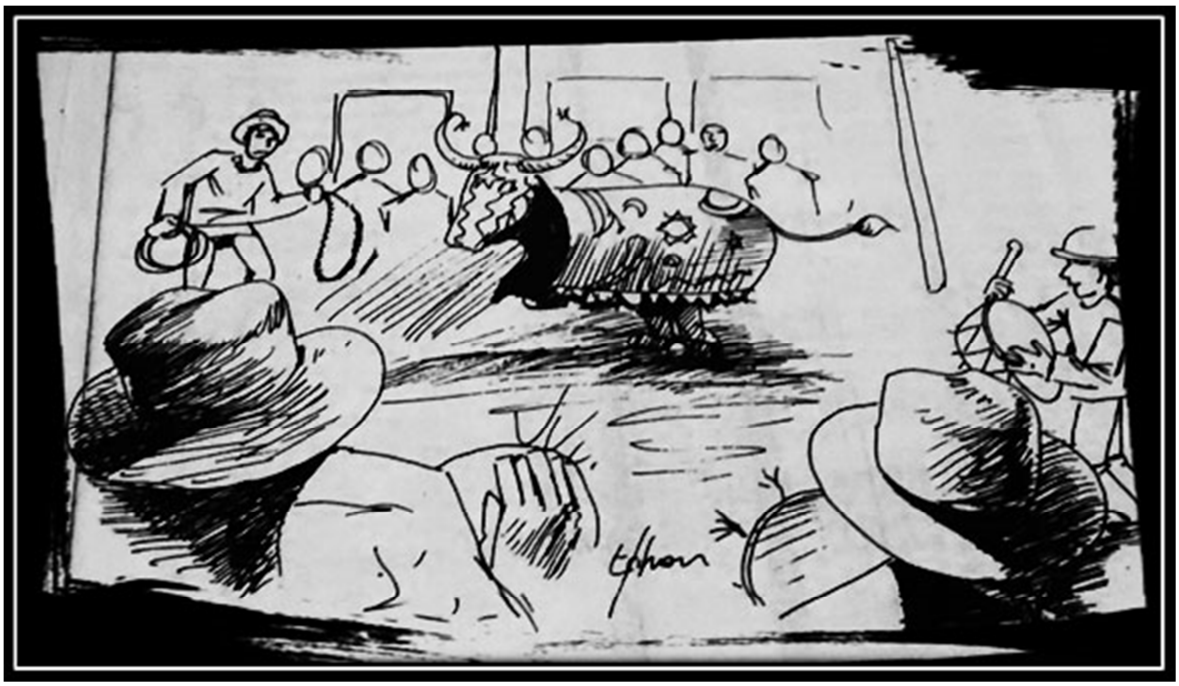


Figura 5 - Imagem do bumba meu boi
Fonte: Cadernos de Teresina (1994). Ilustrador: Edilson

O espetáculo, que faz parte das festas de São João, dividia opiniões entre seus espectadores. Embora vivenciado por diversas classes sociais, passou a incomodar parte de um grupo mais abastado, que reclamava das autoridades policiais acerca do barulho dos bumbas até altas horas nas áreas centrais da cidade. O cronista do jornal *Gazeta* relata que:

[215] NEVES, 1985, p. 69.
[216] Ibidem, p. 68.

> Pessoas residentes na Avenida Frei Serafim pediram-nos que reclamássemos providências das autoridades policiais desta capital contra o ensaio noturno de célebre bumba meu boi, o qual é feito ali por um grupo de caboclos quase sempre embriagados que não respeitavam o sossego das famílias e ofendem a moralidade com ditérios obscenos, etc. Ora, cremos que atualmente só no Piauí é ainda tolerada esta ridícula brincadeira de negros [...] Demais se é que se permite a brincadeira do bumba meu boi, o ensaio deve ser feito no Poti ou em outro lugar mais distante de Teresina, onde a gentalha possa alargar o círculo da sua imoralidade. Esperamos que o Excelentíssimo Senhor dr. Secretário da Polícia providencie no sentido de ser removido da pitoresca avenida o mortuário e fúnebre preliminar do bumba meu boi.[217]

É possível dessumir da notícia transcrita que o cronista desejava deslegitimar a festividade, colocando os praticantes como grupo de bêbados, que cantava e dançava na maior libertinagem. A desqualificação dessa sociabilidade passava por um discurso no qual se dizia que esse tipo de comportamento deveria ser combatido, pois representava sinais de atraso, de baderna de pretos e de caboclos "bárbaros".

Em 1905, um cronista anônimo do jornal *O Monitor* publicou uma notícia intitulada *O Boi*, na qual descreve a percepção que a elite, ou ao menos parte dela, tinha em relação a essa festa:

> [...] Rapazes sujos, malvestidos, calçando luvas de couro de bode, chegavam aos saltos, acompanhando suas grotescas evoluções coreográficas e aplicavam-lhe às faces tisnadas a chama coruscante das espadas que, não raro, lhes explodiram nas mãos, danificando-as.[218]

O certo é que o bumba está inserido em um processo construído em meio a dissensos, ambiguidades, agitações e tensões.[219] Aqueles que almejavam uma cidade com costumes civilizados voltaram suas ações para o combate a hábitos que consideravam inadequados para o desenvolvimento da urbe. Assim, o comentário do cronista que aponta os praticantes dos bumbas como sendo "rapazes sujos, malvestidos, calçando luvas de coro de bode" revela o anti-padrão do homem moderno, tão rejeitado por esses homens das letras.

No geral, o grupo de cronistas teresinenses que vislumbrava a modernidade na capital, tentava, através de várias ações, colocar o bumba meu boi como diversão "bárbara", inserindo-o como prática ridícula e perigosa, principalmente quando soltavam os busca-pés no meio da multidão, pois a queima de pequenos fogos causava acidentes e isso configurava caso

---

[217] BUMBA meu boi. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 24, 7 jun. 1905, p. 1.
[218] O BOI. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 60, 19 dez. 1907, p. 2.
[219] SANSONE, 2012, p. 39-40.

de polícia.[220] Nesses termos, Neves descreve a sociabilidade como uma "evocação do diabo em fúria", que:

> Levado aos ombros de quatro negros possantes, [o Bumba] surgia dentro de uma nuvem de fogo. Bombas estrondeavam pelo chão. Busca-pés coletavam como serpentes, rabeando por entre os caboclos, ameaçando-os com a sua cauda inflamada. Os caboclos, vestidos de escarlate, sacudindo os grandes penachos da cabeça e da cintura, movendo o arco improvisado, se agitavam, fugiam, defendiam-se, aos saltos, dos busca-pés, das espadas e das bombas, pulando sempre e cantando sempre.[221] (Grifo nosso)

Essas interpretações depreciativas, em sua maioria, tinham um caráter estético e moralista, estruturando-se no universo subjetivo maniqueísta do elegante e do feio, do certo e do errado, do bem e do mal, incitado por uma mistura de nojo e raiva. Segundo Antônio Barros, os articulistas, ao tratarem sobre os bumbas, comparavam a festividade a uma parte doente de um corpo humano, que precisava ser amputada para que não se espalhasse para os demais membros, e essa ação deveria se dar através das perseguições policiais.[222]

Desse modo, pode-se afirmar que esse processo civilizador não foi homogêneo, isso porque a ideia de civilização e modernidade foi algo lentamente inserida na capital, que ainda convivia com fortes raízes tradicionais. Conferia-se uma circularidade cultural onde ricos e pobres compartilhavam a mesma forma de lazer, embora, em muitos casos, as classes mais refinadas da sociedade teresinense preferissem participar do espetáculo assistindo. Assim:

> No Largo da Marechal Deodoro, uma festa alegre chamava a atenção: famílias inteiras atufavam-se nas janelas do Fórum e do Palácio, apreciando o movimento, esperando o boi. Em semicírculos compactos junto à Pirâmide e ao átrio do Amparo, os pândegas da época atiravam busca-pés, inflamando a multidão que se emaranhava, largo afora ostentando ruidosamente vestidinhos já surrados, largos chalés domingueiros, ou fraques escangalhadas que, às últimas reverberações do sol poente, tinham cintilações esquisitas, exóticas, interessantes[223].

Quando o cronista relata que famílias inteiras disputavam espaços nas janelas do Fórum e do Palácio para apreciar a passagem do boi, está se referindo a indivíduos de uma classe mais abastada que admiravam a sociabilidade. Mesmo com o crescente discurso civilizacional difundido por parte da imprensa para que seus cidadãos se afastassem dessa

[220] CHUVISCO. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 26, 30 jun. 1905, p. 1.
[221] NEVES, 1985, p. 68.
[222] BARROS, n. 17, jul./ dez. 2010, p. 194.
[223] O BOI. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 60, 19 dez. 1907, p. 2.

diversão, a festa sobrevivia e ainda causava intensa influência nos hábitos e costumes dos teresinenses e de outras regiões.

Nesse contexto, o bumba meu boi ganhou grande repercussão nacional em 1916, quando o Carnaval do Rio de Janeiro daquele ano teve como um dos maiores sucessos musicais a toada sertaneja "O meu boi morreu". Os versos faziam referência ao boi no Estado do Piauí:

> Se meu boi morrer,
> O que será de mim?
> Manda buscar outro, maninha,
> Lá no Piauí[224].

A partir desse fato, o Piauí ficava evidenciado como a terra do "boi morreu". A distância e o isolamento colocavam a terra dos "currais de dentro" à margem dos acontecimentos.[225] Mesmo com essa divulgação do lazer em nível nacional, a diversão não deixa de lado seu lado plural, apreciada por alguns e combatida por outros.

Em suma, as sociabilidades tradicionais teresinenses são constituídas em meio a conflitos e disputas. Não existe um lazer essencialmente popular ou de elite, e sim múltiplas formas de vivência dessas sociabilidades. O discurso civilizador gerou mudanças, é claro, contudo, as camadas populares não se constituíram num receptáculo passivo. Ao contrário, resistiram, constituindo-se em baluartes de autonomia, embora muitas vezes amputados. Enfim, é preciso entender que a cidade, nos primeiros anos do século XX, ainda convivia com fortes práticas ligadas ao mundo rural, e isso dificultou muito a ação de cronistas que sonhavam com uma urbe moderna e de costumes civilizados.

3.2 Forrós e bailes

A pertinência deste estudo consiste em construir reflexões e conhecimentos acerca das sociabilidades "tradicionais" no sentido de reconhecê-las como ocasiões privilegiadas, para a observação das permanências, tensões e conflitos gerados diante dos novos anseios modernos. Daí, propõe-se interpretar esses tipos de lazer como momentos significativos para pensar sobre os modos pelos quais os diversos sujeitos e setores sociais olham uns para os outros, onde comentam, justificam, aceitam ou reproduzem as múltiplas desigualdades e heterogeneidades. Organizações festivas, a exemplo dos forrós e dos bailes, podem ser

[224] MONTEIRO, 1993, p. 25.
[225] Idem.

interpretadas como elementos e ocasiões particulares para se perceber formas de sentir, pensar e agir socialmente, pois muitos são os sujeitos que organizavam suas vidas em torno dessas festividades.[226]

Antes de falar propriamente das vivências em torno do forró, é importante discutir as versões que cercam a etimologia da palavra. A primeira versão, defendida pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo[227], designa o termo como arrasta-pé, farra, confusão e desordem. Marcos Marcondes[228], na mesma linha de raciocínio de Cascudo, diz que o forró é derivado do termo africano *forrobodó* e significa arrasta-pé. Outra versão é associada à expressão *for all*, que significa "para todos". Alguns estudiosos acreditam que os ingleses ofereciam festas aos operários ferroviários no Nordeste, a qual representava um convite aberto para todos aqueles que quisessem participar da diversão[229].

Os relatos sobre a sociabilidade nos periódicos teresinenses se aproximam de uma concepção do forró baseada na tese de Câmara Cascudo, que traz a festividade como arrasta-pé, farra e desordem. É essa visão que se alude nas reclamações por parte das famílias mais abonadas de Teresina, que se referiam ao local como um ambiente violento, frequentado por pessoas sem escrúpulos, onde ocorriam vários conflitos:

> Na noite de sábado para domingo, num animado forró que realizara para as bandas da rua da Estrela, houve [...] um grande rolo do qual resultou o ferimento de Izabel Dias, uma mocinha que não tinha nada com o caso.
> Quando mais animada estava a festa deu-se uma forte alteração entre o Sr. Iglesias e o operário Arlindo. O primeiro sacando de um revólver, em plena sala, cheia de convidados, desfechou dois tiros contra o segundo, indo um dos projéteis atingir Izabel, abaixo da clavícula esquerda. A vítima era filha da dona da casa e achava-se entre os convidados, na ocasião da luta.[230]

O relato acima lembra bastante a história de desavença dos operários Zé Galego e Antônio Pascoal retirada do livro de Sidney Chalhoub[231], *Trabalho, lar e botequim*, que resultou na morte do primeiro após a briga pelo amor de Júlia. Os dois relatos possuem algumas semelhanças, como o motivo aparentemente frívolo da discussão e o final trágico. No trecho em epígrafe, que vitimou uma inocente que nada tinha a ver com a discussão, nos leva à hipótese, pelo menos do ponto de vista do jornal, de uma festa violenta, de gente "bárbara" e

---

[226] SANSONE, 2012, p. 16-17.
[227] CASCUDO, 1962, p. 345.
[228] MARCONDES, M. A. *Enciclopédia da Música Brasileira*. São Paulo: Publifolha, 1988/1962, p. 301.
[229] SILVA, E. L. *Forró no asfalto:* mercado e identidade sociocultural. São Paulo: ANNABLUME, 2003, p. 72.
[230] TIROS e cacetadas. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 118, 17 maio 1915, p. 1.
[231] CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim*: o cotidiano dos trabalhos do Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

sem costume. Mas nos dois periódicos que relatam a notícia – *Jornal do Comércio* e *Correio de Teresina* – transparece um sensacionalismo na notícia. Lima Barreto[232] em *Isaías Caminha* conta como os jornalistas se empenhavam em inventar detalhes extravagantes que enfeitassem a notícia. Assim, seguindo a linha de raciocínio de Barreto, tudo leva a crer que esse tipo de matéria tinha a intenção de causar sensação ao público e assegurar o repúdio a certas sociabilidades.

Decerto que essa postura contra as manifestações populares não era compartilhada por todos os cronistas, havia alguns que defendiam os festejos e rejeitavam essa nova civilização que estava se formando. Devem-se analisar as várias versões em torno dessas sociabilidades, pois, embora houvesse aqueles intelectuais interessados em moldar o comportamento dos teresinenses, por meio de uma série de medidas discursivas, havia também os que defendiam a prevalência da tradição, dos costumes passados de geração a geração e que não poderiam ser esquecidos em favor de diversões modernas. Eis como se expressa um escritor do jornal *O Nordeste*:

> [...] Ao contrário dos outros povos, nós temos um absurdo, um lamentável desamor pela tradição. Tudo vai definhando, morrendo, extinguindo... São Gonçalo, São João, São Pedro, Santo Antônio, todos os santos queridos do povo, vão desaparecendo para o rol do esquecimento, para a grande lista dos deslembrados. E nós, os velhos; nós, os que somos obrigados, por uma lei natural, a recordar essas festas de outrora, esses inocentes e românticos folguedos, quando havia menos civilização, embora houvesse mais sinceridade, mais alegria, mais encanto. Lançamos um olhar embaciado pelo estirão de caminho percorrido, ao mesmo tempo em que soluça dentro de nosso coração a saudade, a dolorida companheira daqueles que já descambam pela rápida encosta da existência.[233]

Destaca-se no discurso de Jônatas Batista a defesa das tradições. Basta lembrar que Teresina, embora almejasse o progresso, ainda convivia com fortes hábitos e costumes de uma cidade rural. Os festejos começam a sofrer interferência de novas formas de lazer, e isso causa uma disputa pelos espaços de sociabilidades. Embora houvesse fortes investidas dos "mosqueteiros" da modernidade contra as formas tradicionais de lazer, elas nunca desapareceram de fato, em alguns casos se reinventavam e se adaptavam ao meio.

Os bailes representavam também outro momento tradicional de lazer dos teresinenses. Essas festas elegantes em Teresina aconteciam pelas mais diversas razões, sobretudo, aniversários e casamentos. Constituíam momentos de convívio elegante, em que homens e

---

[232] BARRETO, 2011, p. 221.
[233] BATISTA, J. Semana elegante. *O Nordeste,* Teresina, ano 1, n. 30, 19 jun. 1920, p. 3.

mulheres poderiam colocar em prática todos os requintes de sua educação. Os cronistas sempre apontavam a delicadeza e educação dos anfitriões, exaltavam ainda o ambiente elegante, as mulheres bonitas e bem-vestidas e, com seus comentários, criava-se uma imagem idealizada e mágica dessas festas. A maioria dos bailes ocorria em ambientes privados, em casas de família.[234]

Após o término dos bailes, as mulheres iam para suas residências e os homens se dirigiam para os bailes de subúrbio, locais perfeitos para exercitar sua virilidade, para mostrar suas habilidades de conquistador. Agiam sem maiores preocupações e com liberdade, por se acharem em meio social inferior. Em *Poesia e prosa,* o cronista Jônatas Batista retrata suas aventuras com os amigos Mário Batista e Nei Silva. A vida noturna na capital era limitada. As diversões, nesse horário, quase sempre eram as mesmas, os pipirais.[235] Por isso, Mário Batista sugeriu algo mais desafiador. A ideia era se aventurar em um baile mais distante, em Flores[236], cidade que ficava na margem maranhense do rio Parnaíba.

Os jovens atravessavam de canoa o rio Parnaíba e chegavam à cidade de Flores, ocasião em que encontravam alguns colegas, que logo se juntavam a eles. Mário Batista foi o primeiro a conseguir uma companheira, "um par que fazia inveja ao mais exigente D. João de saraus."[237] Jônatas Batista, depois de horas à procura de um par, lhe foi apresentada uma garota negra, com a fama de ser a melhor dançarina daquela festa. O casal virou a atração e os amigos não cansavam de zoá-lo.

Em uma sociedade marcada por diferenças sociais gritantes, e que saíra recentemente de um regime escravista, dançar com uma menina negra daquele perfil da sociedade não era bem visto. Desse modo, o repúdio de Jônatas à companheira justifica-se no preconceito proveniente da escravidão, da desclassificação histórica socialmente construída desses grupos ou originada deles.

Para Jônatas Batista, só havia uma coisa de admirável no seu par, os dentes, e que, por sinal, fazia inveja a muitas moças bonitas da alta elite de Teresina. Ele estava apreensivo para que a festa terminasse, para se livrar de sua companheira, mas, a cada minuto que passava, o

---

[234] CASTELO BRANCO, 2013, p. 46-47.

[235] Pipiras eram mulheres que viveram no tempo da fábrica de tecidos, assim chamadas porque merendavam bananas. Depois, o termo ganhou tom pejorativo e, pipiral, palavra derivada de pipira, passou a significar pontos de Teresina onde, de noite, encontravam-se mulheres "fáceis". Cf. CASTELO BRANCO, 2001.

[236] Flores é hoje a cidade de Timon. Fica do outro lado do rio Parnaíba, no lado do Maranhão, e é vizinha a Teresina.

[237] BATISTA, 1985, p. 125.

baile ficava mais agitado e sua companheira mais "picante". Depois de muito zombar da companheira do amigo, Mário Batista, de repente, pede para trocar de par com ele.

Em princípio, Jônatas achou que era mais uma brincadeira de seu primo, mas depois viu seu semblante sério, percebeu que estava falando a verdade. Logo ele perguntou qual o motivo repentino para a troca, já que o primo tinha ao seu lado uma mulher linda. A resposta do colega foi imediata: "É que bem sabes que não danço com 'mulher à toa', e só agora me falaram que era uma..."[238]

Embora fosse comum entre os jovens irem às festas noturnas da periferia e exercer sua virilidade, o caso de Mário Batista se configurava uma exceção. Ele era extremamente escrupuloso em se tratando desse assunto. Jônatas viu na ocasião a oportunidade perfeita de se vingar das brincadeiras feitas pelo primo. Não atendeu ao seu pedido e se sentiu bem melhor com o seu par, onde "[...] passeava orgulhosamente pela sala, uma deusa, um anjo, uma rainha. [Já] Mário, por requinte de civilidade, terminou a quadrilha, mas não mais se riu do [...] correto par".[239] (Grifo nosso)

De tal modo, essa crônica, que relata as andanças de Jônatas Batista com seus amigos pela cidade de Flores, pode refletir algumas características da juventude e dos costumes da época. No geral, os rapazes eram direcionados a procurar aventuras sexuais com mulheres das camadas populares, nos prostíbulos ou em festas noturnas afastadas do centro da capital, deixando as mulheres da "fina flor" social se manterem virgens até o casamento. Eram nas festas de periferia que os rapazes de elite tinham oportunidade de iniciar suas atividades sexuais, de mostrar sua macheza e suas habilidades de conquistador utilizando como "armas" a boa aparência e situação social. Carlos Figueiredo Monteiro lembra o caso de Raimundo Leão Monteiro, conhecido como Mundico.

> Não era rapaz de namoricos decentes com as filhas da família. Suas pretensões eram diretas e as abordagens visavam a cama. Seus domínios, além das mocinhas incautas do subúrbio (e das fazendas), eram as casas de mulheres-da-vida e as "pensões". Ali se produziam as farras memoráveis, seguidas de quebra-quebra, na zona do meretrício, à beira do rio.[240]

Seguindo o exemplo relatado, Monteiro revela que Mundico era um jovem galanteador e conquistador, sempre cercado de belas mulheres. Durante o dia, juntava-se aos rapazes e moças "de boa família" e procurava sempre manter uma conduta familiar, condizente com a

[238] BATISTA, 1985, p. 126.
[239] Idem.
[240] MONTEIRO, 1993, p. 76.

classe e nobreza dos “bem-nascidos”. Porém, durante a noite, quando se acendiam os lampiões e lamparinas, Mundico revela sua face “predadora”, onde exercia um fascínio dominador sobre as mulheres da beira do rio. O rapaz tinha a seu favor o *status* de morar na capital, vir de uma família rica e possuir bons atributos físicos, como braço, costas e tórax desenvolvidos.[241]

De resto, percebe-se a cidade diversificada, em extremo fluxo. Parte dos cronistas tenta passar a imagem de uma juventude homogênea, de hábitos ligados a um sistema de regras e etiquetas frutos da civilização moderna. Porém, a cidade, em suas práticas cotidianas, era heterogênea. No geral, os rapazes daquela época tinham um bom comportamento frente às convenções sociais. Porém, existiam aqueles que mesmo ligados às camadas médias e à elite, tinham um comportamento duplo, que durante o dia passavam a imagem de estudante, de bom moço, de educado, cortês e de conduta inquestionável, e à noite se tornava “raparigueiro”, arruaceiro e sem limites.

3.3 No ritmo da folia: o Carnaval e suas transformações históricas

Antes de adentrar propriamente no debate deste item, convém justificar alguns critérios que levaram esta pesquisa a inserir o Carnaval junto às diversões tradicionais. Tanto o cinema como o futebol, por exemplo, são tidos como formas de lazer modernas, porque surgem em Teresina mediante o anseio de um novo ordenamento social criado pela modernidade. O Carnaval, embora tenha procurado se modernizar e civilizar-se nesse início de século, sua nova versão apresenta algumas dificuldades para ser massificada no cotidiano da população. Prova disso, podem-se citar exemplos de regiões mais periféricas, como Teresina, que ainda carregava muitos hábitos e costumes ligados à Igreja Católica e à tradição oral.

No que se refere às denominações dadas ao Carnaval em seu percurso histórico, várias lhe são comumente atribuídas: reinado de Momo, dias de folia, tempo de loucura, rito de diversão, festa nacional etc. A festa de Momo foi definida, no século XX, com uma nova roupagem, em que há o declínio, a desqualificação do jogo das molhadeiras (entrudo) e ganha destaque o modelo de carnaval veneziano[242]. Esse carnaval, com fortes ligações de folguedo europeu, apresenta caráter mais comportado e civilizado e passa a influenciar os bailes e passeios de mascarados pelas ruas de Teresina.

---

[241] MONTEIRO, 1993, p. 78.
[242] PEREIRA, 1994, p. 195.

O carnaval brasileiro herdou diversas características do Entrudo Português e dos Carnavais de Veneza e Nice. O Entrudo, durante o século XIX, sofreu grande perseguição por parte da imprensa e das autoridades, que viam naquela forma de lazer uma prática de caráter bárbara e incivilizada.[243] De acordo com A. Tito Filho, a festa de Momo, em Teresina, até 1859, era muito modesta e consistia, quase que exclusivamente, no Entrudo.[244]

No primeiro momento, conhecido como entrudo familiar, jogava-se entre os membros de um mesmo nível social e funcionava como elemento de socialização. A brincadeira era praticada nos salões das melhores famílias, seja na forma de guerra entre famílias ou em ataques pela sacada das casas, utilizando-se como "arma" banhos e limão de cheiro[245]. Em um segundo momento, conhecido como entrudo externo, era praticado na rua. Eneida Moraes,[246] ao pesquisar a História do Carnaval Carioca, disse ser uma diversão "porca e brutal", aquela com que se festeja nos tempos de Colônia e Império, refletindo os hábitos dos portugueses. Utilizavam-se água suja, groselha, tinta e até lama. Porém, esse modelo de folia passou a ser combatido em todo o Brasil e, em Teresina de 1859, segundo Tito Filho, percebeu-se o gradual desaparecimento de um Carnaval com práticas "bárbaras":

> Em 1859 começou a desaparecer o entrudo. Houve o primeiro carnaval em Teresina. Fundou-se uma sociedade carnavalesca. Brincou-se de domingo a terça. Bailes de máscaras no Teatro Santa Teresa. Desfile de música e cavalheiros mascarados pelas ruas. Rapazes já se fantasiavam vestidos de mulheres.[247]

O processo de tornar o Carnaval a festa da civilização esteve presente na escrita de alguns cronistas teresinenses, que a todo momento delineavam como o Carnaval deveria ser praticado. Suas crônicas eram atravessadas por mensagens "pedagógicas", que pretendiam fazer do lazer uma festa homogênea, capaz de representar a imagem harmônica e civilizada. No entanto, como o próprio Leonardo Pereira indica, devemos captar nas linhas ou entrelinhas das produções dos cronistas, as pistas para que se pudesse ver o Carnaval em sua diversidade, como um momento de embates sociais.[248] Exemplo desse embate são as organizações carnavalescas do início do século, em Teresina, em que se pronunciavam fortes críticas aos participantes das festividades.[249]

---

[243] SILVA, A. N. da. Reflexões sobre o carnaval e samba na historiografia brasileira. *Revista da UFPE*, v. 2, n. 2, p. 5, 2010.
[244] TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*, Teresina: Primeiro Século, 1959, p. 1.
[245] PEREIRA, 1994, p. 32.
[246] MORAES, E. de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
[247] TITO FILHO, op. cit., p. 23.
[248] PEREIRA, op. cit., p. 197.
[249] BATISTA, 1985, p. 119.

Conforme relatado, os cronistas deixavam transparecer em suas narrativas a pluralidade do Carnaval. Tomando uma postura de incentivador da festa de Momo, Jônatas Batista apontava aquelas pessoas que criticavam as iniciativas de realização das atividades como "assassinos inconscientes de toda e qualquer boa ideia, entendedores de tudo, mas incapazes de promover ou levar a efeito coisa nenhuma"[250].

Ainda nesses anos de consolidação do Carnaval na cidade, os redatores da revista *Alvorada* tiveram a iniciativa de reaver a antiga festa do Momo. Entretanto, decidiram chamar para organizá-la pessoas que estavam sempre prontas a descobrir defeitos. O resultado foi uma festa com poucas fantasias e sem expressão. Batista relatou que havia "dois máscaras, montados em um só jumento, sempre com a célebre frase para as pessoas que tiveram a desgraça de encontrá-los: – você me conhece? e nada mais". [251] Para o colunista, as censuras e julgamentos feitos ao Carnaval prejudicavam muito a festa popular, pois as famílias se sentiam intimidadas diante dos boatos que percorriam a cidade. Isso acabou se tornando uma perda para a sociedade que almejava a civilização, pois, como o próprio literato declarou, "as diversões fazem também com que se possa fazer um seguro juízo do progresso e do adiantamento".[252]

A. Tito Filho, no seu livro *Carnavais de Teresina*, observa as transformações históricas do festejo ao longo do século XX. Diante desse recorte, a abordagem recairá entre os anos de 1900 e 1930, onde, segundo o autor, a atração teve bons e maus momentos. Inicialmente, quando Teresina possuía aspectos ainda de uma "pequena aldeia", a principal atração eram os folguedos. Porém, a partir do ano de 1905, a cidade passou por pequenos desenvolvimentos urbanos, o que resultou em um maior envolvimento da população e o surgimento de clubes, como Dragões de Averno (1906), que promovia bailes e batalha de confetes, e dos Fenianos (1907), que percorria as ruas da cidade com carros alegóricos.[253]

[250] BATISTA, 1985, p. 119.
[251] Ibidem, p. 120.
[252] Idem.
[253] TITO FILHO, 1959, p. 25.



Figura 6 - Manifestações carnavalescas
Fonte: *O Obuz*. Teresina [1926?]

Na compreensão de A. Tito Filho, depois desse início animador, com exceção de 1913 e 1914, teve-se nos anos seguintes pouco destaque à sociabilidade, em que se configurou um Carnaval sem grandes atrativos. Por volta de 1914, por exemplo, a coluna de crônica intitulada *Furos*, do *Diário do Piauí*, traz à tona o vício que o Carnaval provocava nos teresinenses. Segundo o cronista:

> [...] devido à febre do entusiasmo carnavalesco, um certo bacharel já prorrogou por 6 vezes a sua volta ao interior, não sabendo se ficará para os bailes. As coisas estão neste pé. Da criança a velhos, só se ouve falar nos disfarces, nas fantasias. Uns indagam nas lojas de moda; outros, fazendo da indiscrição um direito, perguntam sobre as cores com que se apresentarão; outros, fazendo conjecturas, traduzem os sonhos como se jogassem o bicho; e outros ainda, recorrendo a milagres de cartomancia, procuram descobrir os trajes.[254]

[254] FUROS. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 39, 18 fev., 1914, p. 1.

A euforia, nesse ano emblemático, era evidente. No relato anterior, é possível vislumbrar os efeitos que o lazer provocava no cotidiano teresinense. Caracterizado pelo espírito irreverente e envolvente, o Carnaval transmite alegria e divertimento para os seus participantes, que são contagiados pela ansiedade e incitados pelo desejo e pela aparente liberdade de poder fazer tudo o que não é permitido durante o ano nos três dias de festa. Muitos acabavam abandonando sua profissão por longo período, como o caso do advogado que retardou sua rotina de trabalho, para prolongar seus dias festivos. Exemplo que muito lembram os ensinamentos de Peter Burke[255], ao relatar que o período carnavalesco era um palco de "permissividade relativa", de agitações afloradas, um tempo percebido como "liberdade universal" pelos participantes, que parece deter uma sensação de poder e de impunidade durante os dias de folia, pois se tem a sensação de um afrouxamento consentido das regras[256], em que os limites entre o lícito e o ilícito tornam-se mais tênues.

Ainda no ano de 1914, um cronista do *Diário do Piauí* relata o sucesso do Carnaval naquela data, em que se pôde contar com boa música e a presença de gente elegante, principalmente, o governador do Estado, Miguel Rosa, junto com sua mulher e filha. Ele assim descreveu:

> Excedeu a toda a expectativa a batalha de lança-perfume anteontem, no jardim da Praça Rio Branco. Não só pelo número e seleção da concorrência, como pelo entusiasmo que reinou. A música do corpo militar de polícia, sempre correta e afinada, ali chegou 5 horas da tarde [...]. [Assim] começaram a fluir grupos de encantadoras crianças e senhoritas, respeitáveis senhoras e cavalheiros, que desembocavam na vasta praça do jardim, por todas as ruas. Às 5:12, a batalha se generalizara e não eram respeitados simples minorias desarmadas, em cujo número se encontrava o exmº sr. Governador do estado, que compareceu ao jardim acompanhado de madame e mademoiselle Miguel Rosa.[257] (Grifo nosso)

Por oportuno, convém observar como os periódicos, através de seus "mosqueteiros intelectuais", difundem a imagem de uma festividade que conta com gente educada e fina. Ao analisar as crônicas sobre Carnaval em Porto Alegre, Alexandre Lazzari[258] percebe um discurso recorrente entre a maioria dos cronistas, no qual se dizia que o verdadeiro Carnaval

---

[255] BURKE, P. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, M.C.P. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas*: ensaios de história social da cultura. Campinas: Unicamp/CECULT, 2001 (Coleção Várias Histórias). p. 27-39.

[256] CUNHA, M.C.P. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: _____. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas*: ensaios de história social da cultura. Campinas: Unicamp/CECULT, 2001. (Coleção Várias Histórias). p. 371-417.

[257] CARNAVAL. *Diário do Piauí*, Teresina, ano IV, n. 38, 17 fev. 1914, p. 3.

[258] LAZZARI, A. *Coisas para o povo não fazer*: carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas: Unicamp/CECULT, 2001.

estava ligado à classe distinta, abastada, pois a sociabilidade deveria distinguir os indivíduos, ou então, as posições sociais perderiam o seu real sentido. Assim como cronistas gaúchos, as inclinações dos cronistas teresinenses iam de encontro ao que foi defendido por eles. A tentativa de tornar o Carnaval uma festa grande e desenvolvida, mesmo que isso representasse a exclusão do "povo", significava um projeto de cidade em progresso.

Em 1919, o Carnaval vivia sob constantes críticas. Jônatas Batista asseverava que "Teresina estava se tornando uma cidade sem alma, sem vida, sem alegria. Uma verdadeira cidade morta".[259] Enquanto em cidades como Paris e Veneza, referência nesse tipo de comemoração, a população festejava com grande alegria os três dias de Carnaval, como um momento em que todos se reuniam para comemorar a grande festa popular. Em Teresina, a população vivia:

> uma fase de transformações lentas, demoradas, em que se dá a luta terrível do progresso contra o costume rotineiro de um povo, em que tudo fala, tudo reprova, tudo comenta, pelo simples prazer de falar, de reprovar, de comentar. Diante disso, as famílias fogem, e com toda razão, dos teatros, bailes e festas.[260]

Em tese, tinha-se uma festa quase sem a participação popular e sem nenhuma expressão. Nesse sentido, o cronista impunha uma linha de defesa na qual era preciso combater esse costume e deixar "que cada um responda por seus atos, bons ou maus, procurando corrigir seus vícios próprios, antes de querer corrigir os erros dos outros"[261]. E conclui afirmando que as pessoas que se importam com a arte e cultura teresinense precisariam tomar a frente dessa festa popular, que tanto distrai o povo da vida dura que ele leva.[262]

O festejo de Momo só voltou a crescer e ganhar novamente destaque a partir da década de 1920, quando houve grande comoção popular, em que se brincava e dançava numa alegria nunca vista.[263] Foi durante esse período que a Praça Rio Branco tornou-se o principal ponto de encontro entre os foliões em Teresina. Os dias dos foliões eram preenchidos por Zé Pereira, Bailes, Batalhas de lança-perfume e Confetes. Além das manifestações de rua, onde as pessoas de diferentes classes sociais se divertiam sem muitas restrições, a elite patrocinava um Carnaval elegante em locais privados, onde o acesso era limitado a seus pares. Essas

[259] BATISTA, 1985, p. 120.
[260] Idem.
[261] Idem.
[262] Idem.
[263] TITO FILHO, 1959, p. 27.

festas eram organizadas por grupos carnavalescos e tinham como objetivo criar um carnaval civilizado. Destacam-se entre os clubes: *Os Fanfarrões (1921); Bloco da Folia (1922); Assembleia Teresinense (1924); Clube dos Fenianos (novamente fundado em 1925).*



Figura 7 - Praça Rio Branco, 1925.
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Diante da infinidade de clubes e blocos que surgiram na década de 20, merece destaque O *Petit Clube,* que dava um baile toda tarde de domingo, em sua sede, na Praça Rio Branco.

> Às 17 horas, corso de automóveis, na praça Rio Branco à praça Deodoro, usando-se serpentina, lança-perfume e confete. Músicas mais tocadas: sambas, tangos e maxixes. Do corso participaram dois caminhões: um lindamente enfeitado, conduzia senhoras, senhoritas e cavalheiros; o outro levava a orquestra. Jônatas Batista improvisava versos num automóvel. Muito luxo nos bailes do Clube dos Diários.[264]

Com efeito, a elite teresinense delimitava o seu espaço no Carnaval. Em vários momentos, os membros das famílias ricas brincavam o corso e as batalhas de confetes na Praça Rio Branco, dividindo o espaço público com pessoas de classe média e pobres. Porém, em outras ocasiões, recolhiam-se em seus elegantes clubes, onde a diversão era restrita apenas

[264] TITO FILHO, 1959, p. 30.

àquele seleto grupo da elite. Na versão de Pedro Vilarinho[265], na entrada dos salões de festa era exigido convite, o que barrava as pessoas de menor poder aquisitivo. Além disso, a maioria dos bailes era de fantasias, o que dava um toque de refinamento e atraía a curiosidade de várias pessoas que se aglomeravam na parte de fora dos clubes, no chamado "sereno".

Um cronista anônimo do jornal *O Obuz* relata que, na quarta-feira de cinzas do ano de 1926, "o clube dos Batutas se transformará em Centro Familiar Teresinense, sociedade perpétua recreativa, com aula de música e declamação de jogos e bebidas não proibidas"[266]. A forma bem delineada de organização do lazer veio se eternizando ao longo dos anos entre as classes mais abastadas e, em 1927, diante desse novo panorama carnavalesco, foram criados novos clubes, grupos fantasiados e uma inovação do corso, que ganha o requinte dos carros automotores percorrendo as ruas próximas à Praça Rio Branco.

Em 1923, ocorreu um fato curioso no Carnaval de Teresina que merece ser destacado. O cronista do jornal *O Arrebol* relata que, devido ao mau tempo, muitos blocos viram-se obrigados a não sair com seus disfarces, limitando-se exclusivamente aos bailes para onde eles se dirigiram. Porém, o Bloco da Folia contrariou essa lógica dos carnavais dos clubes e, não obstante o mau tempo, desfilou pelas ruas de Teresina, e "cumpriu a contento o seu itinerário de passeio às casas combinadas, agradando geralmente como de costume".[267]

Registre-se que havia, em grande parte dos cronistas, uma preocupação em vincular as festividades ao universo das elites letradas e políticas, onde eles tinham a função de transformar a opinião pública, criando um modelo de sociedade baseado na civilidade. Compreende-se, assim, uma forte inclinação para os carnavais festejados nos clubes e um maior "controle" para os carnavais brincados nas ruas.

Outro evento importante ocorreu por volta de 1926 e foi divulgado no jornal *O Obuz*, na coluna *Atos de Contrição,* que descreve que seriam comungados, na quarta-feira de cinzas, os "diversos endiabrados" que se deixassem contaminar pela "festa da carne". O Monsenhor Pedro Mendes, diretor espiritual, foi o responsável pelas diversas penitências aos foliões, destacando-se duas: a aplicada a Dota Oliveira, que não deveria falar com pessoa alguma durante a quarentena, e a recebida por Francisco Freire, que deveria viajar a pé de Teresina a Caxias.[268]

---

[265] CASTELO BRANCO, 2013, p. 58.
[266] CARNAVAL do bicentenário. *O Obuz*, Teresina, ano 2, n. 4, [1926?], p. 4.
[267] CARNAVAL. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 29, 18 fev. 1923, p. 23.
[268] ATOS de contrição. *O Obuz*, Teresina, ano 3, n. 4, [1926?], p. 1.

Nessas duas crônicas, há diferentes críticas ao Carnaval. A primeira mostra o ócio vivido pela juventude durante o período carnavalesco, isso porque o assunto tornou-se modismo nos meios sociais e fez com que os jovens não fizessem outra coisa a não ser pensar na festividade. A segunda tem um caráter mais de redenção, em que, através da penitência, o praticante se purificaria dos pecados cometidos nos dias de folia. Diferente de grupos de livre pensadores que viam no Carnaval uma porta para uma sociedade civilizada, um grupo de cronistas ligado à igreja católica difundia um discurso moralizador, o qual, através de mensagens disciplinadoras, punha a festa como um problema social antes do individual. Pedro Vilarinho[269] recorda que, em 1908, o jornal católico *O Apóstolo* imputava ao Carnaval o causador de ruína das famílias cristãs bem como atentava contra a moral e os bons costumes.

Nesse cenário, o carnaval teresinense, até a década de 20, esteve restrito basicamente a bailes em clubes e residências particulares. Dessa data até os anos 30, encontrava-se quase que totalmente limitado aos clubes, por isso a fundação de vários deles durante esse período. Os indícios deixados pelos cronistas nos levam a concluir que havia um forte discurso para passar a imagem do Carnaval como uma festa elitizada e restrita a certos espaços. Eram perceptíveis os seus esforços em difundir um Carnaval "organizado" e que se aproximasse dos carnavais venezianos. A intenção deles era tentar apagar o passado Colonial e Imperial da diversão, tida como "atrasada" e implantar uma diversão que correspondessem às demandas de uma cidade desenvolvida.

Assim, a história do Carnaval teresinense configura-se como uma sociabilidade de múltiplas faces, fruto de diferentes significados atribuídos pelos muitos foliões. Percebe-se, então, uma fragmentação refletida em diversas posturas, sobressaindo duas mais atuantes, a ligada aos cronistas, livres pensadores que viam no Carnaval uma diversão que representasse o progresso e aditamento de Teresina; e os cronistas ligados à igreja católica, os quais viam na festividade, sobretudo as festejadas nas ruas, uma folia que precisava ser combatida, pois, para eles, a folia incentivava vários tipos de vícios como a ociosidade, a libertinagem e outros comportamentos que feriam a moral e os bons costumes.

Nesse sentido, os cronistas nos dão a chave para evidenciar as construções que eles mesmos pretendiam afirmar em relação à festa de Momo. Eles asseveram que, por trás da história metódica e hierarquizada, o Carnaval tem muitas outras versões, contadas e

[269] CASTELO BRANCO, 2013, p. 55.

inventadas por quem viveu o período. Desse modo, é possível decifrar que a folia de Momo estava atravessada tanto por discursos tradicionais como modernos. Isso porque, embora a elite se fechasse em seus luxuosos bailes, havia aqueles momentos tradicionais nas ruas da cidade, onde transcorria o Carnaval das pessoas comuns, que consistia em visitas às casas de homens e mulheres simples.

4 CORPO, ESPORTE E SAÚDE EM TERESINA

O presente capítulo pretende mostrar como se deu a construção do ideal de homem civilizado teresinense no começo do século XX. Educado, saudável, higiênico, com boa aparência e dedicado ao trabalho – eram essas as características que não podiam faltar àqueles que desejassem fazer parte da tão desejada civilização do progresso. A inserção nesse novo ordenamento social procura associar o corpo atlético e saudável à ideia de bem-estar, de cidadão hodierno. Assim, duas ações destacavam-se na constituição desse "novo homem", a prática de educação física experimentada no ciclismo, nas regatas, sobretudo no futebol, e o consumo de elixis e tônicos que prometiam curar, prevenir e fortificar o corpo.

Nos anos iniciais do século XX, a formação de novos cenários urbanos propiciou mudanças no modo de tratamento do corpo, quando o valor máximo passa a ser a ideia de saúde, cuja condição básica era limpeza, harmonia das formas e beleza. Se o prestígio social, impulsionado pelo esporte, atraía a população, sua prática já era marcada tanto pelos valores de exuberância física quanto pelo espírito de segregação, direcionado àqueles que não se enquadravam no padrão estabelecido, a vergonha, o ridículo pela falta de destreza e rapidez de movimentos.[270] Dessa forma, o projeto de uma cidade "moderna" e "civilizada" passava pelos cuidados com o corpo. Isso porque não havia espaços legítimos para corpos preguiçosos, doentes e moribundos na sociedade capitalista emergente. Seja através da prática de esportes, ou com o uso de remédios, a intenção era fazer com que os indivíduos tivessem saúde e disposição para o trabalho. Em atenção ao que foi mencionado, procurar-se-á compreender as várias ações dos cronistas para a constituição desse homem moderno, que deveria ser saudável, ter boa aparência e disposição para as rotinas de trabalho.

4.1 A cultura física modelando a imagem do homem moderno

O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, da eletricidade, da urbanização e da imprensa tem impacto direto nas sociabilidades teresinenses, que passam a conviver com o deslumbramento do novo. Mesmo de forma tímida, Teresina começa a ter algumas reformas estruturais e culturais e, desse modo, passa a ser local de difusão dos preceitos, dos valores, do modo de vida e das sensibilidades que a articulam ao mundo moderno como experiência existencial a ser vivida[271].

[270] NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p. 577.
[271] Ibidem, p. 523.

Os efeitos da modernidade e do capitalismo no modo de viver do ser humano propiciam uma atenção especial para o corpo. O projeto era, através de várias práticas esportivas, formar indivíduos mais ativos e menos ociosos, verdadeiras “máquinas" de produzir. Os jovens eram os que melhor percebiam e se adequavam a esse complexo sistema civilizacional, por isso, alguns cronistas, ligados à elite local, tentavam, por meio do esporte, discipliná-los, educá-los, torná-los produtivos, a partir da apropriação de um estilo de vida baseado em padrões modernos, proporcionando melhor condicionamento físico, o que daria a eles mais força e disposição nos trabalhos corriqueiros do dia a dia.

Tendo em vista os aspectos observados, Sevcenko esclarece que foi ao término da Primeira Grande Guerra que se propagou o desejo de constituir um “mundo novo”. Para o autor, o objetivo dessa nova sociedade era formar uma juventude com base na coletividade, na disciplina, rigorosamente coordenada com mecanismos perfeitos[272].

Tem-se, nesse sentido, o objetivo de compreender, por meio de diferentes cronistas que atuaram entre 1900 e 1930, as mudanças provocadas pela introdução da modernidade nas sociabilidades teresinenses, principalmente, os efeitos da construção de uma urbe civilizada vivenciada na experiência cotidiana de diferentes grupos.

Nas primeiras décadas do século XX, havia em Teresina um ambiente favorável para a propagação da prática da cultura física e, por extensão, das atividades esportivas. Tal prática foi incentivada especialmente nas escolas, porque era o espaço ideal de propagação e acompanhamento das atividades corporais durante toda a juventude dos indivíduos. Em 1907, em Teresina, o Major Gerson de Figueiredo, fundador e instrutor da escola mantida pelo “Centro Proletariado”, incluiu os exercícios físicos entre as disciplinas ali praticadas. Essa iniciativa também se refletiu no “Ateneu Piauiense” que, um ano após, estabeleceu a obrigatoriedade dos exercícios físicos[273].

Evidentemente, o forte impulso para os cuidados com a saúde deve-se, em grande parte, pelo fato de um corpo saudável equivaler a um trabalhador forte e produtivo. Esse complexo sistema, que articulava noções básicas de higiene, saúde e beleza, tinha na imagem do corpo o símbolo máximo do capitalismo, que se valia intensamente da imprensa para a construção de padrões a serem seguidos[274].

Na coluna do jornal *O Piauí*, intitulada *Pedagogia*, um cronista do jornal *O Piauí* relata que é prudente que o homem moderno deva ser “forte, ágil, despachado, energético,

[272] NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p. 577.
[273] EDUCAÇÃO Física. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 50, 10 out. 1907, p. 1.
[274] NOVAIS; SEVCENKO, op. cit. p. 575.

para poder suportar os trabalhos e as fadigas; que o desenvolvimento harmônico de todas as suas partes lhe dê toda a beleza que pode ter"[275].

Dessa forma, alguns cronistas acreditavam que a prática do esporte tinha a missão salvadora de civilizar uma raça que pouco se exercitava e, por isso, tinha um corpo fraco, indisposto e com má formação. Na acepção de Pedro Vilarinho Castelo Branco, centros culturais como Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul irradiaram para outras partes do Brasil as preocupações com a degeneração física e moral dos brasileiros, e a premente necessidade de soerguer a raça através da cultura física e da prática constante de novos hábitos alimentares[276].

Ao abordar a temática, Karl Norenz revela que a prática esportiva tinha o poder de regenerar a raça brasileira, e considerava que a fraqueza da raça era proveniente da miscigenação, fruto do cruzamento de uma raça superior com outras inferiores[277]. Em uma das colunas do jornal *O Monitor*, intitulada *Noções de Pedagogia Aplicada*, o literato piauiense Abdias Neves, impulsionado pelo pensamento eugênico, descreve o homem brasileiro como uma raça com má formação física:

> O tipo comum do brasileiro, sendo representante de uma raça nova, apresenta verdadeiras características de decadência. O comum dos brasileiros apresenta-se com a coluna vertebral ligeiramente inclinada para diante, ombros caídos, amplitude torácica exígua e parco desenvolvimento muscular. Esse homem pouca resistência oferecerá aos males que assolam a humanidade contemporânea, assim como a luta de diversos concorrentes da vida de hoje, tão movimentada, e em que o mais forte e resistente goza proventos da vitória.[278]

Na região Norte[279] do Brasil, onde está estabelecida a cidade de Teresina, Abdias Neves relata uma preocupação, ainda maior, quanto à ociosidade do povo e a má formação física. A preocupação dele e de grande parte dos cronistas teresinenses naquele momento é de tentar apagar a imagem de homem preguiçoso, apático, e inseri-lo no universo civilizacional dos bons costumes, e, nesse sentido, a prática esportiva, com base na concepção de Abdias Neves, seria o meio adequado de regenerar esse homem.

---

[275] PEDAGOGIA. *O Piauí*, Teresina, ano 31, n. 411, 16 set. 1920, p. 1.
[276] CASTELO BRANCO, P.V. *Cadernos de Teresina*. A cultura física e a prática do futebol em Teresina no começo do século XX, abr. 1996, p. 32.
[277] LORENZ, K; VECHIA, A. Fernando de Azevedo e a questão da raça brasileira: sua regeneração pela educação física. *Cadernos de História da Educação*. v. 8, n. 1, jan./jun. 2009, p. 9-10.
[278] NEVES, A. Noções de pedagogia aplicada III: da educação física direta. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 4, n. 129, 9 jun. 1914, p. 2-3.
[279] Atualmente, Teresina situa-se na região Nordeste.

> Para nós, os nortistas principalmente, a educação física deve ser uma questão de vida e morte. Ser-nos-á tão útil e proveitosa como o ar que respiramos e a sadia alimentação que ingerimos. Somos um povo ainda em via de formação. Não temos ainda bem definidos os traços físicos característico de nossa raça e profundas diferenças se notam entre o brasileiro do norte e o do sul. O nortista é a velhice precoce. O seu raquitismo, o atrofiamento muscular, a debilidade e o enfraquecimento orgânico deixam acentuada a sua decadência. Enquanto o filho do sul é bem desenvolvido, musculoso e forte, o nortista é anêmico e enfezado, apresentando geralmente desvio na coluna vertebral. Esquece-se de que o desenvolvimento corporal, obtido pelos jogos e exercícios ginásticos feitos cientificamente, trazem como consequência o vigor, a energia, a harmonia do corpo e a resistência à fadiga[280].

No trecho em epígrafe, nota-se uma preocupação especialmente com os brasileiros que moravam no Norte. Isso porque, dentro do processo de regeneração da raça, o povo dessa região era o que supostamente mais sofria com o clima, a alimentação desregulada, e os desvios de comportamento[281]. Esse cenário era propício para uma maior difusão de doenças, que deveriam ser curadas com a prática esportiva e com o exercício do corpo.

Outrossim, a "fabricação" de um homem forte, disciplinado, astuto e pronto para o trabalho era projeto essencial para uma nação que almejava ser desenvolvida. O relato do cronista do jornal *O Monitor* na coluna Educação Física, de 1907, descreve bem o que se disse anteriormente:

> [...] prepara-se a criança em todas as boas casas de instrução, não somente para os prélios da inteligência, mas para a luta contra as forças adversas do meio ambiente. O indivíduo mais forte tem sempre as maiores probabilidades de êxito. Os indivíduos fracos fazem as nações fracas. A China tem quatrocentos milhões de habitantes e é a última das nacionalidades, porque o chinês, envenenado pelo ópio, pelo cansaço de sua longa existência histórica e pelo insulamento, é o último dos seres na escala humana[282].

Ademais, acrescenta o referido cronista que um requisito básico para cultivar a inteligência era exercitar continuamente o corpo, tornando-o robusto e são[283]. Essa prática de exercício está intrinsecamente ligada ao modelo de urbe almejado por grande parte dos cronistas do período, posto que a cidade dos desejos era constituída por cidadãos higiênicos, resistentes, saudáveis e disciplinados. A busca dessa "cidade dos sonhos" é relatada no jornal *O Piauí*, em que o cronista do periódico alerta para a necessidade da prática da educação

[280] CORPORE Sano. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 52, 24 out. 1907. p. 1.
[281] CUNHA JÚNIOR, C.F.F. A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica no século XIX: questões de gênero. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. 1998. Rio de Janeiro: UGF, 1998. p. 149.
[282] EDUCAÇÃO Física. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 50, 10 out. 1907. p. 1.
[283] Idem.

física para alcançar tal objetivo. Segundo ele, a educação se propunha a uma dupla finalidade: "a conservação ou restabelecimento da saúde, o que nos conduz ao conhecimento da higiene e da medicina; o desenvolvimento normal regular dos membros e órgãos, o que constitui a ginástica e os jogos"[284].

Por certo, o sedentarismo e a ociosidade eram males que acometiam boa parte dos brasileiros e ameaçavam constantemente a "construção" da urbe moderna. Sendo assim, a prática esportiva teria papel importante ao mostrar que os exercícios físicos além de formarem cidadãos saudáveis, também formavam indivíduos educados e responsáveis. Em meio a esse turbilhão de ideias, era necessário que o conceito de trabalho ganhasse uma valoração positiva, articulando-se com conceitos adjacentes ao de civilização e progresso para impulsionar o país no sentido do novo, da sociedade que supera a preguiça e torna-se digna e virtuosa.

Nessa perspectiva, Sidney Chalhoub indica que a construção da sociedade capitalista articulou discursivamente a relação do homem e trabalho a uma ideia de nação desenvolvida, ao tempo em que vinculou a ociosidade ao vício e à degeneração individual e social. Segundo o autor, "um indivíduo ocioso é um indivíduo sem educação moral, pois não tem noção de responsabilidade, não tem interesse de produzir o bem comum, nem possuir respeito pela propriedade"[285]. Portanto, era objetivo das atividades desportivas transformar o jovem ocioso, sem ocupação e propício ao vício, em um homem forte, saudável e disciplinado.

Nesse aspecto, a rigidez da educação do corpo é assunto da coluna *Noções de Pedagogia Aplicada IV*, na qual Abdias Neves traz à tona uma série de questões a respeito do sedentarismo infantil. O autor explica que apenas as crianças pobres e as sertanejas são aquelas que brincam. As ricas, as de alguma abastança, sofrem desde pequenas com a pressão do meio social, devendo seguir à risca o manual de etiqueta da família burguesa moderna, para, assim, reprimir os maus comportamentos que porventura venham a surgir.

> Na idade em que deviam ceder aos impulsos naturais, o olhar severo dos pais, os conselhos das mães as agrilhoam como pássaros a quem se cortassem as asas. Emprestam-lhes ares de pessoas crescidas. Dão-lhes assentos nas palestras. Proíbem que se movam. Estiolam-nas dentro de sua nostalgia da liberdade e de sua ânsia de luz, de espaço, de movimento.[286]

Com efeito, essas etiquetas eram mais bem observadas na formação educacional feminina, pois, disciplinadas desde crianças para serem obedientes ao marido, havia o cultivo

[284] PEDAGOGIA. *O Piauí*, n. 411, p. 1.
[285] CHALHOUB, 1986, p. 74-75.
[286] NEVES, 1914, p. 2-3.

da domesticidade e dos deveres de esposa que, nesse caso, recebiam uma formação básica, sendo mais educadas que instruídas. De fato, "a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficiente, provavelmente, doses pequenas ou menores de instrução"[287]. O trecho que segue deu base para tal reflexão:

> Uma menina bem educada, [...] senta-se bem direitinha, consertando o vestido, escondendo os pés debaixo da cadeira, as mãozinhas quietas. Escandalizaria a burguesa moralidade materna, si rompesse essa linha, dando expansão a seus impulsos naturais. E, certo, não lhe perdoará isso, a piedosa matrona que a educa reproduzindo as torturas que sofreu e que a revoltaram em pequenina[288].

Em se tratando das cidades brasileiras, impulsionadas pelo desenvolvimento urbano, havia a necessidade de um maior controle sobre os atos e costumes das pessoas, os quais deveriam ser exercidos junto às famílias que buscariam disciplinar e direcionar os cuidados com o corpo dos filhos. Embora o discurso higienista aconselhasse as crianças a correr, saltar, atirar pedras, subir em árvores, havia, por parte de uma elite local, o excesso de zelo com elas, por conta dos perigos surgidos pela nova conjuntura social, o que acabava prejudicando sua formação enquanto ser humano forte, ágil e flexível. Neves nos dá indício a respeito dessa questão:

> Perguntam a um desses caracteres como foi educado: andou cinco anos para a escola, acompanhado sempre por um criado; quando chegava à porta, mandavam que entrasse a fim de não sofrer o contágio dos vícios da rua; se ia ao quintal, faziam-no voltar por causa do sol; se atirava uma pedra, perguntavam-lhe se ficara doido; se atrepava em uma árvore, ordenavam-lhe que descesse porque podia quebrar uma perna, ou o pescoço; se pedia uma fruta, recusavam-lhe porque faz febre, se arriscava uma pergunta, ninguém lhes respondia, antes o recriminavam para não ficar maldizente [...].[289]

Às mulheres, por serem consideradas frágeis e sentimentais, foi reservado o espaço privado do lar. No entanto, em meados do século XX, com o crescimento da cidade e das relações sociais, esse panorama começa a mudar e algumas mulheres ligadas à elite teresinense passam a frequentar vários espaços públicos, como cafés, bailes, praças e cinemas. E passam a desenvolver algumas atividades físicas, que tinham não só o objetivo de torná-las mais resistentes no momento do parto, mas, também, torná-las mais bonitas, mais esculturais.

---

[287] LOURO, G.L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 446.
[288] NEVES, *Diário do Piauí*, 1914, n. 129, p. 2-3.
[289] Idem.

O resultado dessa transformação cultural foi o desencadeamento de uma febre esportiva que aflorou desde o princípio do século XX, e que teve o seu grande salto, tanto qualitativo quanto quantitativo, logo após a Primeira Guerra e ao longo dos anos 20 e 30. O esporte surgiu e se impôs de fato como um ritual elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar, do cavalheirismo, da imparcialidade e da lealdade[290]. Para Sevcenko, a procura por uma "civilização esportiva"

> não deve ser entendida como se referindo exclusivamente à prática generalizada de diferentes modalidades de esporte, mas generalização de uma ética do ativismo, a ideia de que é na ação e, portanto, no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano[291].

Desse modo, a prática esportiva torna-se exigência de um país desenvolvido, onde o homem civilizado deve ter um corpo saudável e educado. Nesse aspecto, Abdias Neves ressalta que, no Piauí, até então, "a criança vivia num meio doméstico asfixiante. Não lhes toleram os impulsos naturais que a levam a constantes correrias a saltar, a trepar às árvores"[292].

Assim, o exercício físico ligado a várias modalidades esportivas passou a designar em Teresina não só uma regeneração do corpo, mas uma prática que trazia saúde e disciplinamento ao indivíduo. Por conseguinte, todos aqueles que não se inseriam nesse cenário de cultura física acabavam sendo rotulados de preguiçosos e sem força para exercer suas atividades do dia a dia.

4.2 Novas sociabilidades: ciclismo e regatas

As bicicletas ganham espaço na França em meados dos anos 80 e 90 do século XIX, e permaneceram durante bom tempo como passatempo caro, reservado aos mais abastados. Somente no início do século XX, o "brinquedo" diminuiu o preço, tornando-se mais acessível. Esse fato se deve, em grande parte, aos desenvolvimentos técnicos, como pneu com câmara de ar, mas também ao surgimento de novos transportes, agora mais caros e velozes, como o carro.

No Piauí, sobretudo em Teresina, o novo divertimento chegou somente nos primórdios do século XX. Artigo de distinção social, teve seu começo ligado à elite econômica local. O

[290] NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p. 568-575.
[291] Ibidem, p. 568-569.
[292] NEVES, *Diário do Piauí*, 1914, n. 129, p. 2-3.

divertimento, assim como seu início na França, só contava com a participação nos passeios ciclísticos os que tinham condições de comprar uma bicicleta. Em 1905, o jornal *O Tempo* noticiava que as corridas ciclísticas realizadas pelo "Veloz Clube" no largo do Saraiva eram de grande concorrência. Outras notícias se sucedem mostrando que o ciclismo se tornava, para os poucos que podiam ter acesso a ele, um esporte popular.[293]

Teresinha Queiroz[294], no artigo *Notas*, sobre a modernização de Teresina, aponta algumas alterações importantes na capital do Piauí no início de século. Na valiosa contribuição da autora, o progresso, materializado em várias formas de lazer, reflete uma nova forma de pensar e agir no espaço urbano. O progresso se faz presente através da corrida de bicicletas, que demonstra ser o novo, caro e curioso transporte-lazer da alta burguesia, cujos filhos disputavam prêmios de corrida, com ingresso pago.

Tratando ainda das sociabilidades vivenciadas pela elite urbana teresinense, têm-se os esportes aquáticos. Essa modalidade de lazer ganha destaque no Rio de Janeiro[295] nos anos iniciais do século XX, e depois é propagada para as demais capitais do Brasil, onde propiciou a formação de novas gerações preocupadas com a saúde do corpo e com o exercício físico.[296] Em Teresina, a juventude elegante da cidade criou, em 1º de julho de 1921, o Theresina Náutico Sport Club, sob a direção do honorário Dr. João Luiz Ferreira, uma associação náutica que propunha ser um clube de natação e regatas. A notícia dessa nova sociabilidade chega através do jornal *Piauí*, como se pode apurar no trecho a seguir:

> Trata-se de um clube de natação e regatas que pelos bons auspícios com que foi fundado, está destinado a prestar relevantes serviços ao Sport teresinense. [...] Realmente fácil é de se compreender que as vantagens decorrentes de uma associação como a que se acaba de fundar, em vista do muito que se poderá fazer, pelo desenvolvimento físico de nossa mocidade, com superioridade sobre os outros esportes, cultivados em nosso meio. Isto posto, é de se esperar que T.N.S venha a ser o núcleo em torno do qual se abriguem, como geralmente acontecem com todos os que se interessam pela cultura física[297].

A modernização dessa nova forma de lazer se faz através da compra de um Iate, pelo Theresina Náutico Sport Club, que viria a ser utilizado pelos sócios para incrementar as atividades do clube. Leia-se:

---

[293] CICLISTAS. *O Tempo*, Teresina, ano 1, n. 39, 9 de nov. 1905. p. 2.
[294] QUEIROZ, T. Notas sobre a modernização de Teresina. In:_____. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: FCMC, 1998, p. 15.
[295] No Rio de Janeiro, vários centros de regatas se formaram: Flamengo, Boqueirão, Misericórdia, Botafogo, Icaraí. Cf. NOVAIS; SEVCENKO, 1998.
[296] NOVAIS; SEVCENKO, 1998.
[297] THERESINA Náutico Sport Club. *Piauí*, Teresina, ano 32, n. 490, 17 jul. 1921. p. 2.

> Este futuroso clube acaba de fazer a aquisição de um Iate que deverá embarcar em S. Luís no primeiro trem, atestando desta forma o gosto e incremento que vai despertar em nosso meio, o Sport náutico. Soubemos que a Diretoria do "Náutico" está disposta a fazer aplicação de penas dos Estatutos a todos os sócios em atraso em suas mensalidades. Pena é que isso se verifique numa sociedade como esta em que se observa o mau gosto, não deixando de haver, porém, um pequeno número de associados que tem se descuidado de satisfazer aquela obrigação, trazendo assim, certas dificuldades ao progresso do clube, que em vista do limitado número de embarcações presentemente em seu dispor, não pode aceitar número ilimitado de sócios[298].

O Clube de Regatas torna-se espaço recreativo, onde os associados poderiam praticar exercícios e ficar com o corpo de acordo com os padrões de beleza idealizados pela sociedade moderna. Além disso, tinha-se a intenção de formar, por meio do esporte, uma elite distinta, com princípios morais e civilizados. Esporte que exigia bastante a força dos braços, acabava se constituindo como um lazer essencialmente masculino, a exemplo dos sócios e atletas do Náutico Sport Club, constituído essencialmente pelo sexo masculino[299]. Incentivados pela ideia de que o esporte conduziria a sociedade a uma maior intimidade com o que era moderno e civilizado, os cronistas teresinenses acreditavam na transformação ética e estética do homem. Esse grupo almejava alcançar corpos disciplinados, educados, saudáveis e fortes.

Em 1922, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro[300] relata em suas memórias o exemplo de Raimundo Leão Monteiro, conhecido como Mundico, que fazia da prática do remo o meio para adquirir um corpo saudável, atlético, com bíceps e tórax bem definidos. O atleta era um esportista do remo em Teresina, possivelmente, passando a servir de inspiração para outros jovens. O autor, porém, chama a atenção para o excesso de zelo em relação à parte física, a estética, em detrimento da parte ética, da disciplina dos indivíduos, como se pode atestar:

---

[298] JORNAL *O Piauí*, 17 jul. 1921. p. 2.

[299] O jornal *O Piauí* lista como sócio os seguintes nomes: Jarbas Martins, Antônio Vieira da Silva, José Cândido Ferreira, César Britto, Leônidas Mello, João Chrysóstomo da Silva, Heráclito Souza, Jônatas Batista, João Mascarenhas, João Luiz Soares e o tenente Benedito Luiz de Souza. Cf. Jornal *Piauí*, ano 32, n. 490, p. 2.

[300] Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro nasceu em Teresina, em 1927. Doutor *Honoris Causa* da UFRJ (2000) e professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (2003). Formado em Geografia e História pela extinta Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Nas décadas de 1950 e 1960, foi docente da Faculdade Catarinense de Filosofia, atual UFSC, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, atual Unesp, e do Instituto de Ciências da Universidade de Brasília. É membro titular da Academia de Ciências do Estado de São Paulo. Cf. ENTREVISTA: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 3, n. 2, 2013.

> Malgrado os desregramentos e a boemia, nosso rapaz era vaidoso e gostava de cultivar o seu corpo. Embora sem muita disciplina, praticava, com outros rapazes da sociedade teresinense, um desporto masculino tradicional nas universidades europeias, principalmente as inglesas, e entrara em voga junto ao futebol. As regatas a remo[301].



Figura 8 - Mundico, aos 19 anos**.** Atleta do Remo
Centenário da Independência do Brasil (1922).
Fonte: Monteiro (1993)

Nesse caso, além de contribuir para o embelezamento e fortificação do corpo, como braço, costas, tórax e pernas, a prática da Cultura física deveria concorrer também para a

[301] MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 80.

formação da moral e do caráter dos jovens atletas. E, dessa forma, o remo, como forma de esporte moderno, é incentivado e divulgado nas grandes comemorações de Teresina. No centenário de independência da capital, em 1922, Figueiredo Monteiro aborda as disputas de remo da seguinte maneira:

> [...] Dia 9. Festa náutica. Corrida de duas embarcações: 'Teresina' e 'Ipiranga'. Mil Metros. Eis os esportistas disputantes: Lourival Costa (padrão), Giovani Martins, *Raimundo Monteiro*, João Borges e João Fortes ('Ipiranga'); Arthur Oliveira (padrão), Álvaro Pires, Agripino Oliveira, Francisco Rêgo e João Marques ('Teresina'). Verdadeira multidão ovacionou os vencedores do Ipiranga [...].[302]

Não obstante todas as investidas de cronistas e do poder público em promover o remo e a canoagem de Teresina, ainda se convivia com a modernidade a seu ritmo. Por isso, o esporte foi realizado na capital com embarcações adaptadas ao meio. As palavras de Monteiro são significativas e esclarecem acerca da prática:

> Não se fica sabendo se as "embarcações" seriam esquifes especiais para remo ou se eram canoas nossas, o que parece ser o mais provável. Seria uma certa "aproximação" cabocla daquilo que os ingleses praticavam debaixo de muitas regras. Percebe-se que a "competição" náutica do caso aproximar-se-ia da prova chamada de "Seis Com", ou seja, seis remadores com um padrão percutindo e marcando o ritmo das remadas.[303]

O trecho supracitado remete ao remo disputado em equipe, uma modalidade que desenvolvia vínculos de identidade e solidariedade coletiva. O convívio diário suscitava uma carga afetiva entre os atletas, em que se comungavam ideias, objetivos e sonhos. Embora cada esportista tivesse uma função específica, era preciso trabalhar em harmonia, em conjunto, para se alcançar o sucesso no esporte. Jean Baechler mostra que, através do conceito de sociabilidade, predomina a formação de laços sociais, de redes mais ou menos sólidas e exclusivas. Dessa forma, vão se criando ideias de pertencimento do indivíduo a uma equipe, a um grupo social.[304]

O remo, como a maioria dos esportes desse início de século XX, tinha a função de tornar o corpo saudável e pronto para o exercício. A atividade, que era desenvolvida sobretudo através de atletas da elite urbana, contou com algumas formas de indisciplina. Boemia e vandalismo eram atitudes que não deveriam ser aceitas, mas que acabavam sendo "toleradas". Alguns cronistas ligados à ideia de cidade civilizada criticavam o excesso de

[302] MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 81.
[303] Idem, p. 81-82.
[304] BAECHLER, 2010.

culto ao corpo, o qual se queria cada vez mais belo e bem definido, mas acabavam se esquecendo de princípios essenciais na constituição de uma civilização moderna, como disciplina, educação e moral ilibada.

4.3 Futebol: a mania chega a Teresina

> *O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários elementos irracionais de nossa formação social e cultural.* (Gilberto Freyre, 1949)

O futebol, modalidade esportiva que causava fascínio e atraía as pessoas, veio da Inglaterra no final do século XIX, por intermédio do jovem paulista Charles Miller[305], e configurava-se como um esporte de prerrogativas de homens cultos e passatempo de famílias educadas e ricas. Em Teresina, em meados do século XX, o futebol valorizava a ideia de um corpo forte e saudável, regido por regras. Porém, esse modelo civilizado de jogar futebol contrastava com as práticas futebolísticas vivenciadas no cotidiano da cidade, visto que, em diversas situações, iam na contramão do projeto modernista idealizado por muitos cronistas do período.

Foi em 1905 que se registraram os primeiros indícios do jogo de bola no Piauí, tendo o jornal *O Monitor*, de Teresina, noticiado que "de Parnaíba, da redação do jornal *A Tribuna*, chega a informação sobre a nova brincadeira, chamada por alguns de *foot-ball*, e por outros de jogo de bola"[306]. O caráter estrangeiro marcaria a chegada do futebol ao Estado que, anos mais tarde, será objeto de discussão nas revistas e jornais. Dentro desse cenário urbano, se distinguiam dois grupos de jogadores, aqueles que viam no futebol um lazer regido por ordem e regras, e outros que faziam do divertimento um vício, algo praticado a todo o momento sem os devidos cuidados.

Parte dos cronistas brasileiros, comovidos por um espírito de nacionalidade, estava insatisfeita com o crescimento do futebol inglês no Brasil. Gilberto Amado diz que "a única

---

[305] Brasileiro com nome anglo-saxão foi o pioneiro do futebol no Brasil. Em 1883, aos nove anos, foi estudar na Inglaterra, lá conheceu a modalidade esportiva e se encantou. Em 1894, no retorno a São Paulo, trouxe na bagagem duas bolas e um livro de regras do jogo. Assim como Miller em São Paulo, Oscar Cox teve história semelhante e papel destacado na difusão do futebol no Brasil. Após anos de estudos na Suíça, Cox regressou ao Rio de Janeiro em 1897, com um provável manual da sociabilidade. Era mais um entre muitos jovens influenciados pelo lazer. Embora os jovens tivessem nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil e ambos de famílias abastadas do final do século XIX, que buscaram na Europa a base de sua educação, trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições citadinas. Cf. PEREIRA, 2000, p. 21-23.

[306] FILHO, S. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005, p. 23.

objeção que se poderia fazer ao futebol [...] é não ser original brasileiro".[307] Após aparecer no país como um esporte estrangeiro, foi sua suposta adaptação ao meio, respaldada na diversidade de costumes, que estimulou o seu crescimento – tanto entre os jogadores de clubes quanto entre aqueles que tomaram o jogo para si. Embora difundido por todos os grupos, bairros, classes, o futebol mantinha seu perfil importado, basta observar o vocabulário de várias expressões em inglês utilizadas para explicar situações específicas nos jogos.[308]

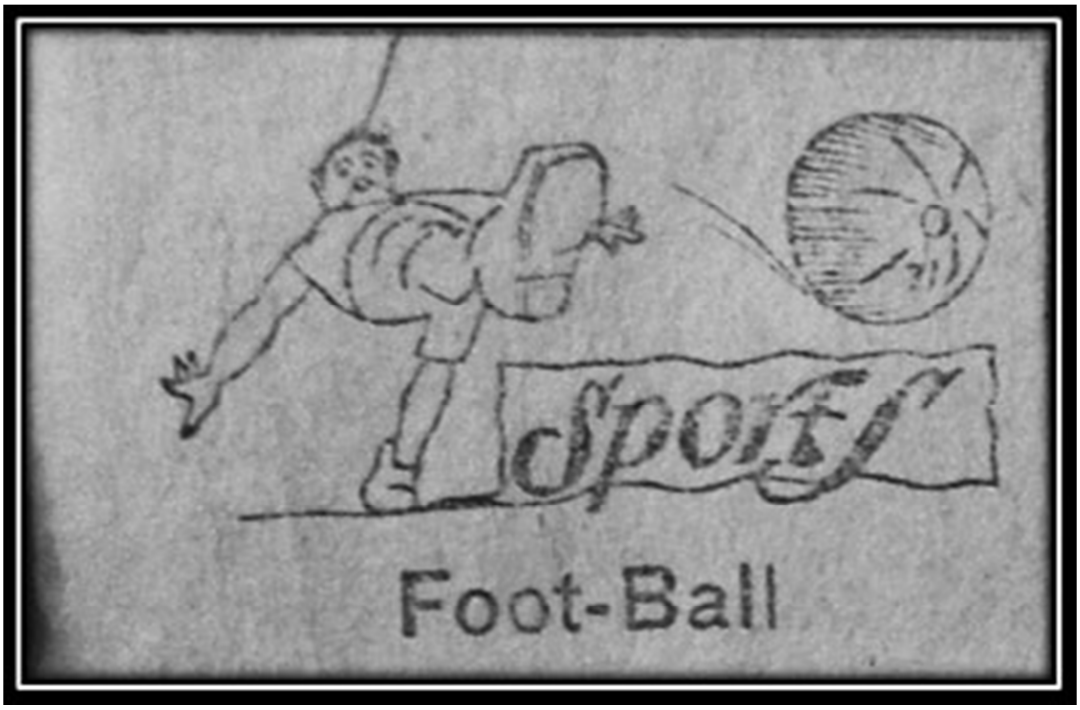


Figura 9 - Propaganda do jornal *O Nordeste*, 1919
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Com as exportações extrativistas em alta no mercado internacional no começo do século XX, a cidade de Parnaíba se tornara a porta de entrada de mercadorias e novidades vindas da Europa, especialmente da Inglaterra.[309] É assim que a bola de futebol, presente do inglês Mr. Anderson ao filho de James Clark, dono da Casa Inglesa[310], surge em Parnaíba. A referida criança, de nome Antônio Castelo Branco Clark, apelidada de Tó, publicou, já adulto, em 1974, no *Almanaque da Parnaíba*, um artigo com lembranças de sua infância em Parnaíba, destacando o presente de Mr. Anderson e a chegada do futebol:

[307] AMADO, G. *Assunto sério*: aparências e realidade. São Paulo: Monteiro Lobado e Cia., 1922, p. 29.
[308] PEREIRA, 2000, p. 303.
[309] MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 49.
[310] Casa comercial sediada em Parnaíba.

> [...] As suas ruas, sem calçamento, arenosas, serviam de campo para a disputa de peladas homéricas com a primeira bola de futebol chegada no início do século XX ao Piauí e que foi presente de Mr. James da firma Chamberlain Donner & Cia., de Manchester, Inglaterra, e que deu origem aos futuros clubes do *Parnahyba* e do *Internacional*. As nossas peladas eram o pavor do barbeiro Araújo, cujo salão era constantemente invadido pela bola [...].[311]

Nesse cenário, é imprecisa a data da chegada do futebol a Teresina, mas, segundo o jornalista e pesquisador piauiense Severino Filho, o primeiro clube teria surgido em 27 de julho de 1906, com o nome de *Theresinense Foot-Ball Club*, não havendo registro, todavia, de sua participação em amistosos ou campeonatos.[312] Em periódicos do período, encontrou-se uma nota no jornal *O Comércio,* de 5 de agosto de 1906, a qual relata que "Diversos cavalheiros dessa capital criaram, sob os melhores auspícios, uma sociedade recreativa denominada *Club Football*.[313] A nota não afirma se os associados eram praticantes do brinquedo inglês, porém, mediante o nome da associação e a proximidade de Teresina com Parnaíba, dessume-se que se tratava do primeiro movimento de clube de futebol na capital.

Várias regiões espalhadas pelo Brasil percebiam no esporte e, particularmente no futebol, uma maneira de disciplinar o corpo dos jovens. Em diversas cidades, a chegada do futebol está ligada às altas classes sociais, pois eram elas que tinham contatos com a Europa e que projetavam sobre o lazer a simbologia do moderno e do progresso. Conforme o relato de Antônio Vieira Sales, operário e residente na capital desde o limiar do século XX, em Teresina, o futebol teria uma característica peculiar, visto que teve seu início idealizado por operários. Como os operários não contavam com capital suficiente para o financiamento do esporte, a aliança com alguns rapazes da elite foi a saída encontrada. Assim:

> Uma turma de operários, mas homens maduros, homens fortes, entenderam de criar [...] o futebol [que já] estava legalizado ao sul, [...] o João de Moura que era o mais forte nas finanças conseguiu um pedaço de terreno ali atrás do quartel [...] e fizeram um campo de futebol [...] não tinha bola, eles engendravam uma bola [...] Já tinham mais ou menos o modelo como ela era, fizeram de couro. [...] começaram a treinar. Aí fundaram dois partidos: Satélite e Republicano[...]. Depois fundaram no centro da cidade o Theresinense [...] com os rapazes de elite. [...] jogavam na praça Saraiva, depois fundaram o América.[314] (Grifos nossos)

---

[311] FILHO, 2005, p. 23.
[312] Idem.
[313] JORNAL *O Comércio*, Teresina, ano I, n. 6, 5 ago. 1906. p. 3.
[314] SALES, A.V. & NASCIMENTO, F.A. do. Uma viagem ao mundo de Pintinho. *Cadernos de Teresina*, Teresina, ano VII, nº 15, p. 22-24, 1994.

Embora o surgimento tenha se dado a princípio, possivelmente, por iniciativa de operários, existe um forte discurso, por parte dos cronistas, para a institucionalização do esporte, em que os desempenhos seriam medidos na linguagem numérica, desenvolvidos num espaço próprio, num tempo padronizado.[315] O Theresinense e o América, por exemplo, fundados por operários em parceria com rapazes da elite, à medida que o esporte vai se modernizando, o clube passa a aderir às regras e normas de um futebol civilizado. Mesmo com esse suposto aburguesamento esportivo, outros clubes ligados a operários vieram a surgir, tendo, no exemplo mais famoso, o *Artístico Foot Ball Club*. Com base nas informações de Severino Filho, o clube foi fundado pelos operários José Coelho, João Moura e Jonas (todos marceneiros), Jeruso (ouvires), João Macaxeira (alfaiate), Crescêncio José Ferreira (carpinteiro) e Domingos Ferreira (carreiro).[316]

O Piauí, nesse começo do século XX, se encontrava entre os estados pouco adiantados na prática da educação física da juventude. Mesmo com essa estatística negativa, já contava com diversas sociedades esportistas, como as existentes em Parnaíba. Teresina, impulsionada pela cidade litorânea, sentiu a necessidade de se inserir dentro desse ambiente de lazer, e sua ação influenciou também as principais cidades piauienses como Floriano, Oeiras, Uruçuí, Campo Maior, Amarante e outras, em que os esportes já se configuravam como diversões atrativas, dando impulso ao desenvolvimento e progresso da população.[317]

Não demorou muito para que o futebol se tornasse uma das principais formas de sociabilidade da capital, passando a ser treinado tanto por clubes particulares, quanto por rapazes que se reuniam em ruas e praças. Enquanto uma prática de clubes, norteado para um grupo com poder econômico, é aplaudido; quando praticado no meio da rua sem os devidos cuidados, passa a ser combatido, é visto quase como "bárbaro", perigoso. Cabe aqui ressaltar que, embora fosse um esporte realizado por diversas classes sociais, os cronistas que desejavam uma Teresina moderna cobravam que fossem implantadas regras para a prática do futebol na cidade, que fossem instituídos os horários, os locais, as normas para disputa das partidas. Toda e qualquer atividade que fugisse a esse processo regularizador seria condenada, isso porque, segundo o projeto de civilização, quando praticado desordenadamente, sem as devidas precauções, transformava os meninos em pessoas preguiçosas e indisciplinadas.

Em Teresina, a popularização da cultura física teve seu auge com a prática do futebol. Na década de 1910, a grande paixão esportiva dos teresinenses se reflete no aparecimento de

---

[315] SEVCENKO, N. *Futebol, metrópoles e desatinos*. p. 32.
Disponível em: <www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>. Acesso em: 11/06/2015.
[316] FILHO, 2005, p. 25-26.
[317] NOTAS esportivas. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 360, 7 fev. 1920. p. 2.

vários times, com suas respectivas datas de fundação, entre os quais: o *Theresinense Athletic Club*[318] (1917), o *Artístico*[319] (1918), o *Militar* (1918), *o Commércio* (1918), *o Tipográphico* (1919), o *América* (1924), o *Tiradentes* (1924), *o Ypiranga* (1927) e o *4 de Outubro* (1930) e o *Sport Club Guarany* (1929). Na cidade de Parnaíba, destacam-se: o *Parnahyba* (1913), o *Internacional* (1917) e o *Paysandu* (1928).



Figura 10 - O Internacional, 1917.
Fonte: Severino Filho (acervo pessoal)

O futebol era esporte essencialmente masculino, sendo constituído por atletas, dirigentes e juízes pertencentes a esse gênero. Não encontramos indícios de sua prática por mulheres. Na verdade, o envolvimento delas, segundo Jônatas Batista, dava-se ainda de forma "tímida", não nos campos, mas na plateia, assistindo aos espetáculos proporcionados pelos atletas.

[318] Posteriormente mudou o nome para Teresinense Esporte Clube. Nos periódicos utilizados para essa investigação, não se faz referência de qualquer vínculo do Theresinense Atlético Clube com o primeiro, fundado em 1906. Cf. FILHO, S. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005, p. 23.

[319] O Clube divide-se em dois partidos, Republicano e Satélite. O Republicano possui uniforme com camisa e calção brancos, gravata verde e amarela, e o Satélite, uniforme com calção branco, camisa encarnada e verde. Cf. ESTATUTO do Artístico Futebol Clube. *O Artístico*, Teresina, ano 1, n. 2, 25 maio 1918. p. 3.

Em 1918, em discurso de inauguração do campo *Artístico Foot Ball Club*, o sócio honorário e orador oficial, Jônatas Batista, alerta para a necessidade de as mulheres despertarem para as novas formas modernas de lazer[320]. No entendimento do orador, uma civilização moderna deveria conjuntamente contemplar e apoiar um lazer que viria a contribuir para o desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, reflete que:

> [...] Pena que a mulher piauiense, eu o digo com tristeza, ainda não tenha, por sua vez, despertado da quase indiferença que vive pelos modernos esportes, conservando-se constrangida entre as talas do espartilho que lhe forma o corpo, pouco firmada nos altos sapatos, [...] [que] têm sido a causa de tantas infelicidades na vida doméstica.
> E, quando tiver desaparecido dentre nós a última lembrança daquele velho sistema de educação, em que tudo se fazia para fatigar o corpo e coisa alguma se fazia pelo aperfeiçoamento do corpo, então, sim teremos uma pátria grande, feliz e próspera, servida de homens fortes e sãos, ao lado de mulheres formosas e perfeitas – belas pela sua própria beleza, sem arrebiques exagerados de uma moda ridícula, que enfeita bonecas ao invés de vestir mulheres capazes de criar e de educar seus filhos[321]. (Grifo nosso)

O bloco em destaque incita a uma reflexão sobre a educação do corpo através da principal atividade esportiva da cidade, o futebol. Ao alertar sobre o desinteresse e a falta de apoio das mulheres aos novos lazeres, Jônatas Batista tinha a intenção de mostrar que suas atitudes também eram incompatíveis com a civilização e o progresso da cidade. Deve-se perceber o discurso do cronista para além da preocupação com as mulheres, isso porque a preleção marca a inauguração no campo do artístico, o que representava um grande passo rumo à modernização do esporte, pois esse fato era algo que já vinha sendo reclamado há muito tempo aos clubes da capital.

No momento da organização mais efetiva do futebol, o lazer vincula-se a uma entidade coordenadora, a liga, que programa as atividades segundo uma tabela de jogos que, ao longo de uma temporada de disputas, definiria o campeão. No Piauí, o objetivo principal dos cronistas era a criação de um campeonato que integrasse todos os clubes da capital e um campo que fosse condizente com os padrões modernos de civilização. A primeira iniciativa para a organização dos times ocorreu, porém, em 1916, na cidade de Parnaíba, com a *Liga Sportiva Parnahybana*. Depois desse episódio, há um crescente interesse da imprensa piauiense pelo esporte, que passa a cobrir as competições estaduais, como, por exemplo, o

[320] BATISTA, *O Artista,* 1918, p. 1.
[321] Idem.

primeiro campeonato, organizado em Parnaíba.[322] Em Teresina, a primeira entidade dirigente foi fundada apenas em 1918, com o nome de *Diretório Piauhyense de Esportes Terrestres*. Mesmo com as dificuldades financeiras que aterrorizavam os clubes teresinenses, foi criada, em 1919, a *Liga Sportiva Theresinense.*

Em vista dos argumentos apresentados, o cronista esportivo Calixto denuncia a forma "amadora" como era praticado o futebol na capital. Para ele, nenhum dos campos de Teresina oferecia conforto às famílias – a maioria encontrava-se em estado decadente. As denúncias do cronista vão além, ao dizer que não havia um time competitivo que pudesse representar o povo teresinense nas competições estaduais. Em face disso, sugere a formação de uma liga dos times teresinenses, para que pudessem se juntar em um só local:

> Há muito tempo ouço falar numa tal liga de todos os clubes esportivos de Teresina, o que seria de fato, uma ideia magnífica. O tempo, porém, vai se passando, os dias vão naturalmente se sucedendo e nada de se pôr em prática a vantajosa ideia. E, no entanto, toda gente sabe que tal ideia seria de um alcance extraordinário, no meio esportivo teresinense, se existe na realidade, um tal meio em Teresina. Muitos clubes de *foot-ball* existem, é uma verdade, mas é verdade também que nem um desses clubes possui sequer um campo apresentável. O melhor campo deles é uma vergonha para todos nós [...]. Temos seis, oito clubes de *foot-ball* e nenhum deles presta, nenhum deles possui os requisitos necessários para se apresentar em público. Melhor seria que todos esses pequeninos clubes se reunissem, organizassem uma liga, criando um só campo pra todos, o 'campo oficial' e onde, pelos menos as famílias gozassem de um relativo conforto. De outra maneira, de outro modo o jogo da bola em Teresina continuará a ser entre nós o que tem sido até agora: – uma coisa idiota, sem ordem, – passatempo de rapazolas, divertimento de desocupados.[323]

Com a propagação dos campeonatos organizados pelo Estado, eram cada vez mais frequentes as notícias sobre a prática futebolística nas colunas dos jornais. Os periódicos *O Arrebol*, *O Piauí* e *O Nordeste* apresentavam colunas especializadas ao tratarem dos principais eventos desse esporte em Teresina. Intitulada de *Notas Esportivas*, relatavam os encontros, o nome dos jogadores dos times, os gols, as grandes jogadas, a atuação dos juízes, como também falavam da plateia e, em particular, das pessoas ilustres que ali se encontravam. Na vitória do *América* sobre o *Tiradentes* por 3 a 1 em 1925, foram selecionados alguns trechos da narração[324] do esportista Bernardinho Santos. O comentarista esportivo narrava o que ocorria de mais importante na partida da seguinte forma:

---

[322] BECK, *O Artista*, 1918.

[323] CALIXTO. Liga Esportiva. *O Nordeste*, Teresina, ano 2, n. 21, 17 abr. 1920. p. 4.

[324] A escalação dos times se dava da seguinte maneira: *Tiradentes*: João Zeca Pereira, Zé Maria, Almir, Bicanca, Zuza, Nanico, Abdias, Serra, Lourival, Galdino. *América*: Jó Carlos, Antônio, João, Machado, Azevedo, Caland, Soeira, Pastos, Pires, Mauduca, Bastinho, Oliveira.

> O jogo [que começou às 16 horas] tornou-se logo favorável ao Rubro Negro, que procura desnortear a defesa inimiga, com bela combinação de seus dianteiros, e em dado momento Serra completamente livre perde ótima ocasião de abrir o placar do jogo. O Alvi-Azul reage fortemente, tendo Bastos enviado um chute a gol que é majestosamente defendido por João. [...] O jogo tornou-se equilibrado, havendo mutuosidade de ataques, e às 4:36 Lourival centra para Galdino, que escorando a sola, envia-a a gol, marcando o primeiro ponto para o Tiradentes. [...] Bicanca, devido à falta de treino em que se achava, jogava sem orientação, tornando-se o ponto fraco da linha central e facilitando as entradas perigosas de Pires e Bastinho. [Percebendo essa falha] Soeiro produz uma tirada de Nanico, enviando um chutaço a gol, o qual Bicanca defendendo em falso, atira a bola contra sua própria trave, vazando a cidadela de João, e é marcado o primeiro gol do América. Replicando a saída da bola, o jogo tornou-se mais interessante, havendo impressionantes lances de ambas as partes, e alguns minutos decorridos, o árbitro dava o sinal de conclusão do primeiro tempo. Depois do descanso regulamentar, são chamados ao campo, as equipes combatentes e às 5:20, o Alvi-Azul reiniciava o jogo, agindo com mais segurança contra o adversário, que demonstrava temeridade. [Com]o franco domínio dos americanos, e Manduca recebendo um passe de Pastos, envia um indefensável chute a gol, vazando o posto de João, com o segundo Gol do América. [Em seguida] Zé Maria livrando um chute de Manduca, prática um escanteio, o qual batido por Bastinho, é escorado por Bastos, que vaza pela terceira vez a meta de João, sendo considerado o último ponto do América[325]. (Grifos nossos)

Como relatado acima, o resultado do placar em números revela uma ação na qual o principal objetivo é fazer com que os atletas tenham desempenho físico e produtividade. A regra era adaptar o indivíduo a rotinas e automatismos da vida urbana através dessa nova sociabilidade. O tempo cronometrado passa a ser um aliado na constituição de jovens que assimilem suas obrigações enquanto cidadãos. Existe tempo estipulado para tudo, para treinar, para o jogo começar, para ter o intervalo e para terminar a partida. Segundo Sevcenko, quanto mais cedo um indivíduo for exposto a estes estímulos e condicionamentos, mais rápido e de forma natural assimilaria esses hábitos, garantindo o alinhamento das múltiplas contingências e solicitações físicas do ambiente de trabalho.[326]

Em 1918, foi criado o jornal *O Artístico*, órgão representativo do *Artístico Futebol Clube*, dedicado a informar tudo o que estava acontecendo no cenário esportivo do Estado Piauiense, como campeonatos, fundação de clubes, estatuto dos torcedores, inaugurações de campos e diversos outros eventos esportivos. Já no jornal *O Arrebol*, de 1925, havia uma seção de crítica esportiva que tinha como seu maior colaborador o esportista conhecido como Lagreca. Era ele quem comentava os principais fatos esportistas de Teresina.[327] Leia-se:

---

[325] LAGRECA. Coluna Esportiva: os jogos de 21. *O Arrebol*, Teresina, ano 11, n. 71, 2 mar.1925. p. 1.
[326] SEVCENKO, N. *Futebol, metrópoles e desatinos*. p. 34. Disponível em: <www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>. Acesso em: 11/06/2015.
[327] NOTAS Esportivas. *O Arrebol*, Teresina, ano11, n. 71, 26 abr. 1925. p. 1.

> O time do “Nacional” vence o “Tiradentes” pelo placar de 1 x 0.
> Sob a direção do competente esportista militar “Paiva”, realizou-se a partida dos times de futebol “Nacional e Tiradentes”. A previsão dos torcedores era que o “Nacional” iria vencer fácil, isso porque o time dispunha de um melhor elenco. Era uma vitória já esperada e pouco interesse inspirava [...]. O Nacional logo no início do jogo subjugou o adversário, obrigando a defesa a trabalhar incessantemente, e se não fosse a desobediência de posição dos elementos dianteiros, o placar seria incontestavelmente mais elevado. Os atletas do “Tiradentes” fizeram um jogo totalmente desorientado, limitando-se a chutar bolas e nada mais. Lembro à petizada do “Tiradentes”, que tenha mais amor as suas cores, treine com mais assiduidade, afim de que não entre em campo exclusivamente para dar demonstração à assistência, que fizeram parte da peleja.[328]

A propagação de colunas especializadas para comentar o que acontecia nas partidas demonstra, além do interesse e o sucesso do esporte na cidade, uma forma de difusão de hábitos e costumes modernos. Para Norbert Elias[329], as atitudes e costumes são moldados por uma série de regras que são comumente impostas aos vários mecanismos de controle social. Primeiramente, moldava-se o comportamento das elites culturais ou econômicas e, em seguida, esse comportamento era difundido para o resto da sociedade. Em se tratando do futebol, o estímulo do medo, vergonha e embaraço foi utilizado para afastar a sua prática por mulheres, que deveriam apenas apreciar o espetáculo. Cria-se um ambiente em que o futebol é colocado como um esporte de força e, em alguns casos, violento.

Para além dessas estratégias, alguns cronistas vão mais longe e se utilizam do imaginário social para difundir a crença de que mulher que praticasse futebol nascer-lhe-ia bigode. Dessa forma ele relatava:

> Um sábio dinamarquês, o Sr. Brand, chegou a uma conclusão científica interessantíssima: dentro de alguns anos as mulheres criarão bigodes, a força de se exercitarem no futebol, no *rugby* e em diversos outros esportes até aqui reservados aos homens. [...]A nossa desilusão será recompensada pela alegria dos barbeiros.[330]

Com efeito, o futebol se torna um esporte exclusivamente masculino, no qual todas as funções eram desempenhadas por homens, desde os fundadores e dirigentes até os jogadores. Desse modo, em 1919, foi criada a *Liga Sportiva Theresinense*, sob o incentivo do dr. Edison Cunha, redator de *O Piauí*, onde os clubes da capital iriam se organizar para promover o

[328] LAGRECA, *O Arrebol*, 1925. p. 1.
[329] ELIAS, 1990.
[330] AS MULHERES e o bigode. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 26, 20 dez. 1922. p. 4.

primeiro campeonato teresinense. Essa ação é muito festejada e vista como um grande passo para incentivar o crescimento do esporte na capital, conforme expõe o cronista:

> Soubemos que, por iniciativa do nosso companheiro de redação, dr. Edison Cunha, os clubes desta capital trabalham no sentido de, ainda este ano, organizarem o seu primeiro campeonato. A notícia é das mais comemoradas, tanto mais que o Sr. Dr. Governador do Estado, ao que nos informam, dará uma rica e belíssima medalha de ouro para ser disputada pelos nossos clubes que se inscrevem no campeonato. A fim de assentarem as bases da temporada esportiva deste ano, reunir-se-ão, brevemente as diretorias de vários clubes. Aplaudimos em toda linha a louvável ideia e esperamos vê-la realizada, porque promoverá mais um passo para o desenvolvimento esportivo, nesta capital.[331]

Mais do que qualquer outro esporte moderno, o futebol ganhou centenas de admiradores e fãs. As partidas sempre levavam muitos torcedores e torcedoras ao local de disputa, e logo se tornaram momentos propícios para políticos e comerciantes conquistarem a simpatia para si ou para seus produtos.[332] Como se pode comprovar na citação acima, era comum nos torneios serem oferecidas premiações aos jogadores e clubes. A exemplo do relato, tem-se como grande incentivador do esporte institucionalizado o governador do Estado, Eurípides Clementino de Aguiar (1916-1920), que, como forma de prestigiar o futebol da capital, ofereceu uma medalha de ouro para o vencedor do campeonato, e deu o pontapé inicial da partida.

Com o mesmo intuito, os redatores do periódico *O Piauí* promoveram o primeiro concurso para a escolha do melhor *sportman* de Teresina. A ação foi comemorada pelos "amantes" do futebol.

> Como esperávamos, foi coroado do maior sucesso o nosso primeiro concurso esportivo, que empolgou todas as nossas classes sociais. A classe numerosa dos torcedores e torcedoras, então acompanhava com interesse as oscilações das votações que íamos publicando, e por toda parte, na cidade, era ele assunto obrigatório de conversação, nas oficinas, como nos quartéis, no cinema, como nas festas chics do nosso *grand-monde* social.
> Veio ele demonstrar que o *foot-ball* entre nós já está consagrado, entrando triunfalmente nos nossos costumes. É isso, portanto, motivo de estímulo para os clubes existentes em Teresina, razão para que continuem a vencer.[333]

---

[331] CAMPEONATO teresinense. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 289, 12 jun. 1919. p. 1.
[332] CASTELO BRANCO, P.V. A cultura física e a prática do futebol em Teresina no começo do século XX. *Cadernos de Teresina*, abr. 1996, p. 34.
[333] O SUCESSO do nosso concurso esportivo. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 290, 15 jun. 1919. p. 1.



Figura 11 - Time do Theresinense Athletic Club
Fonte: Severino Filho (acervo pessoal)

Com a presença de duas bandas militares, foi anunciado no Jardim Público da cidade que o vencedor do concurso de melhor *sportman* da capital, com 1.190 votos, foi o jogador do *Theresinense Athletic Club,* José de Abreu[334], destacado na imagem acima. A classificação teve em segundo lugar o Sargento Moraes, com 713 votos; em terceiro, Pompom Martins, do Theresinense, com 28 votos; em quarto, Sargento Brandão, do Militar, com 19 votos; e em quinto, Sargento Melo, do Militar, com 12 votos. Depois de conhecido o resultado, uma comissão de jogadores foi à residência do vencedor buscá-lo, a fim de lhe entregar o prêmio instituído. Quando o vencedor chegou ao local da premiação, foi recebido por belas moças, que levaram a premiação até ele. A solenidade continuou com discursos de alguns intelectuais como Jônatas Batista. Esse concurso representava uma forma prática de inserir Teresina no universo das grandes novidades, mas não só isso, representava, também, uma forma de os

[334] José Auto de Abreu, piauiense de Teresina, era um dos integrantes do setor defensivo do Theresinense. Depois de sua popularidade conquistada, anos mais tarde exerce o cargo de deputado Estadual e Federal no Piauí. Formou-se em Direito e mostrou sempre afinidade como historiador, cronista e jornalista. Cf. FILHO, 2005, p. 33.

cronistas criarem uma ideia de pertencimento daquele esporte, bem como de incentivar sua prática, uma vez que uma cidade moderna, com uma população educada, deveria conhecer e saber jogar um esporte oriundo de um país civilizado como a Inglaterra.

Embora houvesse premiações nos torneios de *futebol* por parte do Estado e da imprensa, o que realmente sustentavam as equipes eram os sócios torcedores, como é o caso do *Artístico Foot Ball Club*, que exigia dos sócios "pagar uma joia de entrada e uma quota mensal" para o clube.[335] Diante do cenário de uma sociabilidade nova, manifestava-se o anseio de criação de espaço mais adequado à prática do esporte, e o discurso dos cronistas projetava um *futebol* organizado e "institucionalizado". A partir daí, criou-se a expectativa para a implantação de um campeonato da *Liga Piauiense de Esporte Terrestre*. Destaque-se o relato de Lagreca:

> Propaga-se no nosso círculo esportivo a fundação da *Liga Esportiva Teresinense*, entre os clubes *América Foot Ball Club*; *Artístico FootBall Club* e *Paysandu Foot Ball Club*, todos desta capital. Seria verdadeiramente incrível, que após longos anos de esporte nesta capital, houvesse a instalação de uma liga esportiva regulamentada, [para] no fim de cada ano, proclamar o seu campeão legal.[336] (Grifo nosso)

Em 1926 é relatado, no jornal *O Piauí*, uma das primeiras ações no intuito de melhorar a qualidade do esporte na capital e afastar toda e qualquer prática que remetesse a um futebol "ultrapassado". Nesse mister, organizou-se uma partida amistosa entre América e Tiradentes, em que "a renda seria dirigida à construção do *Estádio da Liga de Sports Theresinense*. Cobrava-se, habitualmente, 1$ 000 (um mil réis) para os cavalheiros. Damas e crianças não pagavam".[337]

Diferentemente das ideias dos cronistas aqui apresentados, Lagreca, crítico e incentivador do esporte teresinense, acreditava que as praças e jardins públicos poderiam ser adaptados para as partidas de futebol, o que não poderia acontecer é a capital deixar de ter uma equipe que representasse o Estado por falta de campo. Isso porque, "em outras praças mais adiantadas, onde o número de clubes é infinito, existem ligas que disputam campeonatos em praças livres, embora os seus elementos sejam perfeitos *sportemens* (homens que praticavam futebol) dignos de atuar num conjunto de maior elevação, e poder social".[338]

---

[335] ESTATUTO do Artístico Futebol Clube. *O Artístico*, Teresina, ano 1, n. 2, 25 maio 1918. p. 3.
[336] LAGRECA. Notas Esportivas. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 78, 20 jun. 1925. p. 1.
[337] MONTEIRO, 1993, p. 159.
[338] JORNAL *O Arrebol*, 1925, ano 9, n. 78, p. 1.

O referido crítico esportivo ainda relata o exemplo da liga suburbana do Rio de Janeiro, onde eram disputados campeonatos em campos abertos. O cronista sentia-se incomodado pelo fato de o Piauí ser um dos poucos Estados onde não se tinha um campeão oficial que representasse a capital. Esse fato era justificado pelas diretorias dos clubes, pela falta de um campo adequado para um campeonato regional. Ainda segundo o cronista, "a liga teresinense não é um ato de progresso, e sim de necessidade, para o bom aperfeiçoamento de nossos *players*, que alguns deles quando em disputa, atuam como verdadeiras feras-humanas".[339]

Assim, jogar futebol nesse início de século era vivenciar o espírito moderno pelo qual passava a cidade. Em vista disso, todos aqueles que não se inserissem dentro desse quadro acabavam ficando de fora das discussões nos bares, cinemas e clubes. O assunto em moda era comentar o que tinha acontecido de melhor nas partidas. Um cronista do jornal *A Imprensa* revela a euforia vivenciada pelos teresinenses, compreendendo o novo esporte como a marca da modernidade e civilização da cidade:

> Teresina civiliza-se, tem ancias de progresso. Tudo aquilo que seja elevá-la, engrandecê-la, tem hoje, sem discrepância, aprovação unânime não só da parte culta, como do povo em geral. Daí, a explicação do entusiasmo febril com que foi saudada a ideia de um campeonato de foot-ball entre os clubes da cidade.[340]

Nesse sentido, foi preciso moldar o comportamento dos piauienses por meio do futebol. Construir cidadãos produtivos, higiênicos e educados era parte do projeto civilizacional imbricado na nova sociabilidade teresinense. Porém, não devemos deixar-nos levar única e exclusivamente pela opinião das fontes, de que o futebol difundiu um discurso que foi consumido de forma homogênea por toda a população. Temos, nesse período, uma heterogeneidade de pessoas que vivem e experienciam o futebol de diferentes maneiras. Essa premissa pode ser exemplificada na prática futebolística pelas camadas populares, que usavam o futebol como passatempo e não com a finalidade de manter o corpo saudável, como queriam os cronistas.

---

[339] *O Arrebol*, 1925, p. 1.
[340] COLUNA Esportiva. *A Imprensa*, Teresina, ano 1, n. 13, 15 set. 1925. p. 1.

4.3.1 Futebol nas ruas e praças: lazer dos vagabundos?

Este tópico tem a intenção de explorar o futebol como prática social popular, de "moleques" de rua. Depois de discutida a sua institucionalização, a formação dos clubes, procurar-se-á entender a maneira como os jovens comuns vão intensificar sua prática nas ruas e praças e de que modo isso vai influenciar nas relações do cotidiano das famílias teresinenses.

Em 1921, em Alagoas, Graciliano Ramos mostrava seu descontentamento com o prestígio do futebol adquirido no Brasil. O motivo de tal implicância era o caráter estrangeiro do jogo e a forma violenta como era praticado. O cronista explica que "temos esporte, alguns propriamente nossos, patrioticamente com bons nomes em língua de preto, de cunho regional, mas por desgraça estão abandonados pela débil mocidade de hoje".[341]

Um cronista do jornal *O Piauí*, falando a respeito dessa nova forma de lazer que se entranhava na veia do teresinense, diz que "já se foi o tempo da pedra, do pião e do papagaio. Tais esportes estão esquecidos, fora da moda e hoje em dia é o *futebol* que impera, dominando tiranicamente os rapazes e a meninada de Teresina, Parnaíba, Floriano, e circunvizinhanças".[342] Essa expansão do futebol refletia na própria lógica do trabalho, pois os jovens usavam seu tempo livre não mais para se dedicar às suas tarefas diárias, mas para o jogo de bola. Nesse sentido, eram publicados nos jornais alguns anúncios à procura de jovens que queriam trabalhar, mas que não tivessem "o vício do jogo bretão". O do jornal *O Nordeste* dizia que "na rua Dr. Areolino de Abreu n° 10, precisa-se de um menino para fazer mandado (que não jogue bola). Paga-se seis mil réis semanais, almoço e janta".[343]

Carlos Augusto Figueiredo relata a influência do futebol nas relações familiares. O autor descreve a situação em que D. Júlia procura Gerson para ajudá-la com alguns mandados e ele já tinha se entregue à febre chamada futebol. A mãe exclama: "Onde foi Gerson? Já saiu para o maldito futebol? Aquele menino não toma jeito"[344]. Assim, surgem alguns questionamentos. O primeiro deles é sobre como os jovens se ocupavam antes de serem seduzidos pelo futebol? Será que eles reduziram, realmente, as diversões "tradicionais"? Qual a ajuda que eles davam aos pais nos afazeres do dia a dia? E o que isso iria mudar nas relações familiares?

---

[341] RAMOS, G. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 81.
[342] NOTAS Esportivas. *O Piauí*, Teresina, ano 33, n. 333, 27 de nov. 1919. p. 1.
[343] ANÚNCIO. *O Nordeste*. Teresina, ano 1, n. 42, 18 set. 1920. p. 5.
[344] MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 7.

A mobilização para fazer do *futebol* um lazer de jovens de famílias abastadas pode ser observada nas investidas de vários cronistas teresinenses. Porém, essa prática não era exclusiva dos ricos, a população mais pobre a exercia com bastante frequência, o que era visto como negativo pela maioria desses cronistas. De acordo com alguns deles, a população reclamava da ocorrência dos jogos de *futebol* em alguns espaços públicos, considerados, por várias razões, inapropriados para essa prática, conforme o relato a seguir:

> Pessoas prejudicadas e que constituem a maioria da população da cidade, pedem-nos que reclamemos providências à polícia contra o desenfreado jogo de futebol que se faz por toda parte. É bem de ver que não nos referimos aos clubes, que treinam ou têm os seus encontros em lugares apropriados. Mas os jogos inconvenientes pelas ruas, patamares de igrejas, praças e demais logradouros. Além de prejudicar o trânsito, serve de ponto de reunião dos meninos vadios que ali demoram, em vez de seguirem para as escolas, fábricas e empregos para onde os pais os destinam. O Dr. João Lima deve, pois, prestar um serviço aos prejudicados e a estas crianças inadvertidas, proibindo terminantemente este jogo inconveniente, entrando em acordo com a Intendência para que só nos lugares apropriados se encontrem os jogadores, profissionais ou amadores.[345]

Convém referir que a cidade não deve ser entendida como um ambiente homogêneo, pois ela é relatada e praticada de forma diversa. As ruas, as casas, as praças e igrejas foram projetadas pelo homem com um determinado sentido, são lugares[346] planejados para reinar a ordem e a disciplina. No momento em que os praticantes da cidade ressignificam o sentido que lhes é dado, reinventando os lugares, constroem assim os espaços[347], ambientes instáveis. Compreendendo determinados locais como inapropriados para tais práticas, alguns cronistas deixam claro suas posturas diante da falta de organização do futebol na capital, principalmente quando se tratam dos jogadores de rua:

> O *foot-ball* como todas as belas invenções tem as suas vantagens e as suas perigosas inconveniências, tem verso e reverso, como toda medalha bem cunhada. E uma das maiores desvantagens para não falar de todas que nos trouxe o jogo bretão foi, inegavelmente, a vagabundagem de menores, principalmente de menores da baixa classe social, pequenos garotos, rapazinhos maltrapilhos, sem ocupação conhecida e sem domicílio certo.
> No campo da Praça Saraiva, então a vadiagem é consciente e ininterrupta. O jogo não tem começo e nem fim: – começa às primeiras horas da manhã e

[345] O FOOT BALL nas ruas. *Jornal de Notícias*, Teresina, ano 2, n. 11, 1919. p. 1.

[346] O lugar para Certeau seria a ordem, um espaço próprio onde as vivências acontecem, é o "estar-aí do morto, lei de um lugar". Enfim, é um conjunto disperso de elementos que coexistem, mas que ainda não se relacionam, pois somos nós o elemento de relação. Poderia se um bairro, uma rua etc. Cf. CERTEAU, 2007, p. 201-204.

[347] Espaço, para Certeau, seria "um lugar praticado", ou melhor, seria o produto das ações e dos relatos humanos que são construídos ao serem praticados ou narrados. Cf. CERTEAU, 2007, p. 201-204.

> vai até adiantadas horas da noite, o que vale dizer que aquilo ali está se transformando de campo de *foot-ball* em campo de vagabundos, escola da malandrice, centro de reunião de desocupados. E isso é um perigo bem maior do que se possa imaginar. A polícia devia tomar providência nesse sentido, agindo de acordo com os rapazes do Theresinense Athletic Club, donos do referido campo, a fim de que fosse proibida a reunião desses menores vagabundos [...][348].

Nessa perspectiva, crescia o envolvimento dos jovens das camadas populares com a nova diversão. Partidas eram realizadas em campos improvisados nas praças e jardins públicos, principalmente no Largo das Dores (Praça Saraiva). A grande quantidade de partidas que aconteciam nesses locais públicos não agradava em nada ao intendente da cidade, Anfrísio Lobão Veras Filho (1925-1929), que não hesitou em proibir, no ano de 1926, a realização desses jogos, visto que, segundo ele, acarretava o mau uso dos espaços públicos. Diante de tal medida, o cronista do jornal *O Piauí* sugeriu "a organização de alguns matches e, com a venda de bilhetes, se adaptaria um terreno que, estamos certos, a Intendência lhes cederia".[349]

A juventude usava o tempo livre para o mero prazer da distração, sem os devidos cuidados e regras que regem tal lazer. Mas o modo como era desempenhado por alguns populares causava indignação à elite urbana, a qual passou a fazer até campanha contra o esporte praticado amadoramente. À medida que o futebol foi se popularizando, seguiu sofrendo algumas restrições. Um cronista do jornal *Piauí* deixa claro que:

> Não há dúvida que o organismo dos moços precisa de exercícios físicos e que o jogo bretão, usado com moderação, é um esporte salutar. Infelizmente, porém, a forma abusiva de que ele se revestia, entre nós, o fez degenerar em mania perigosa, cujos efeitos prejudiciais precisam ser apontados e remediados, quanto antes.[350]

Em certos momentos, médicos, higienistas, pedagogos e alguns cronistas apontaram seus alvos contra o esporte. Um cronista do jornal *Piauí* alerta a população para voltar o olhar para além da diversão. Mostra, segundo ele, que a febre do futebol desvirtuou a juventude teresinense dos bons costumes, que passa a faltar as aulas nas escolas para jogar as partidas em praças e ruas:

> Abandonar os estudos pelo esporte, passar o dia inteiro a dar pontapés em bolas, esquecendo os livros, desenvolver as pernas e atrofiar o cérebro, como estão fazendo os nossos moços, absolutamente não convém. Não

[348] VAGABUNDOS. *O Nordeste*, Teresina, ano 2, n. 2, 6 dez. 1919. p. 1.
[349] MONTEIRO, 1993, v. 2, p. 279-280.
[350] NOTAS Esportivas. *O Piauí*, 1919. p. 1.

> exageremos. Ali estão os bancos do Liceu despovoados, deixando a maior parte dos estudantes matriculados de fazer exames, por terem quase todos dado, durante o ano, mais de 40 faltas, sem motivo justo. Enquanto isso, o *foot-ball*, joga-se, furiosamente por toda a parte, nas praças, nas ruas, nos quintais, com bolas de couro, de borracha, de pano e até com laranja, limão e jenipapo verde![351]

Mas não era só a instrução que o abuso do "brinquedo" inglês prejudicava, relatava a imprensa local. O discurso médico foi um forte aliado contra a prática fora de horário do futebol. Eles diziam que os acidentes, fraturas, luxações e traumatismos de toda sorte estavam se verificando com uma frequente inquietação na cidade.

> Não é raro ver-se agora, nas ruas de Teresina, rapazes com braços na tipoia, com o nariz machucado ou capengando lamentavelmente.
> – Que foi isto?
> – Um chute em falso, um tranco ou um tombo no campo de "Theresinense", do "Militar" ou do "Artístico" – responde infalivelmente o estropiado.[352]

Em 1925, em jogo entre *Nacional* e *Tiradentes*, o comentarista esportivo Lagreca mostra o futebol como um esporte de contato físico onde os atletas estão propícios a se machucar. Segundo ele, o uso da força, as disputas fortes pela bola são características de uma modalidade de lazer que deveria ser praticada com moderação e regras apropriadas, isso para que não acontecessem acidentes graves.[353] No jogo entre *Nacional* e *Tiradentes* de 1925, o comentarista esportivo relata um caso de acidente nos campos teresinenses:

> Às 17:18 Moreno [Nacional] choca-se com Serra [Tiradentes] e recebe acidentalmente um pontapé no estômago, sendo forçado a abandonar o campo. O jogo foi parado por 5 minutos enquanto Moreno recebe curativos e depois desses, impossibilitado de continuar, acordou-se a entrada de Antônio para substituí-lo[354]. (Grifos nossos)

Decerto que os cronistas não desejavam o fim do esporte, mas difundiam por toda a cidade que ele deveria ser jogado em um campo apropriado, com regras e horários planejados, para que assim diminuísse a violência da atividade. Para os jornalistas, aquela era uma tarefa extremamente útil na constituição de uma urbe desenvolvida, visto que a população vislumbrava no divertimento um símbolo de modernidade e civilização. Aconselhavam que jogassem com prudência, metodicamente, nos meses de pouco calor e em horas próprias. "Jogar futebol de manhã à noite, o ano inteiro, num clima como o nosso, é anti-higiênico".[355]

---

[351] JORNAL *O Piauí*, 1919, n. 333, p.1.
[352] Idem.
[353] LAGRECA. Notas Esportivas. *O Arrebol*, Teresina, ano 11, n.71, 9 mar. 1925. p. 1.
[354] Idem.
[355] JORNAL *O Piauí*, 1919, p. 1.

Nesses termos, o discurso que procura se afirmar é o do futebol não mais jogado nas ruas e praças, sem regras e praticado por qualquer pessoa e a qualquer hora, mas aquele institucionalizado e racionalizado. É o futebol civilizado que vem conquistando cada vez mais adeptos na cidade e, dessa maneira, constituindo ações de sociabilidade, onde a classe com maior poder aquisitivo passa a sentir-se como parte integrante daquela nova forma de divertimento. As conversas nos jardins, botequins e cafés configuram o sucesso do novo lazer na capital, tornando-se corriqueiras nas palestras as discussões sobre os jogos, a atuação de jogadores e juízes.

Sendo assim, os cronistas de Teresina apontavam como exemplo a ser seguido a prática do futebol em Parnaíba, cidade ao Norte do Estado do Piauí, onde a equipe do Parnahyba Sport Club contava com seu próprio estádio, no qual o público poderia, com maior conforto, assistir aos espetáculos futebolísticos na cidade, como se pode ver na imagem que segue.

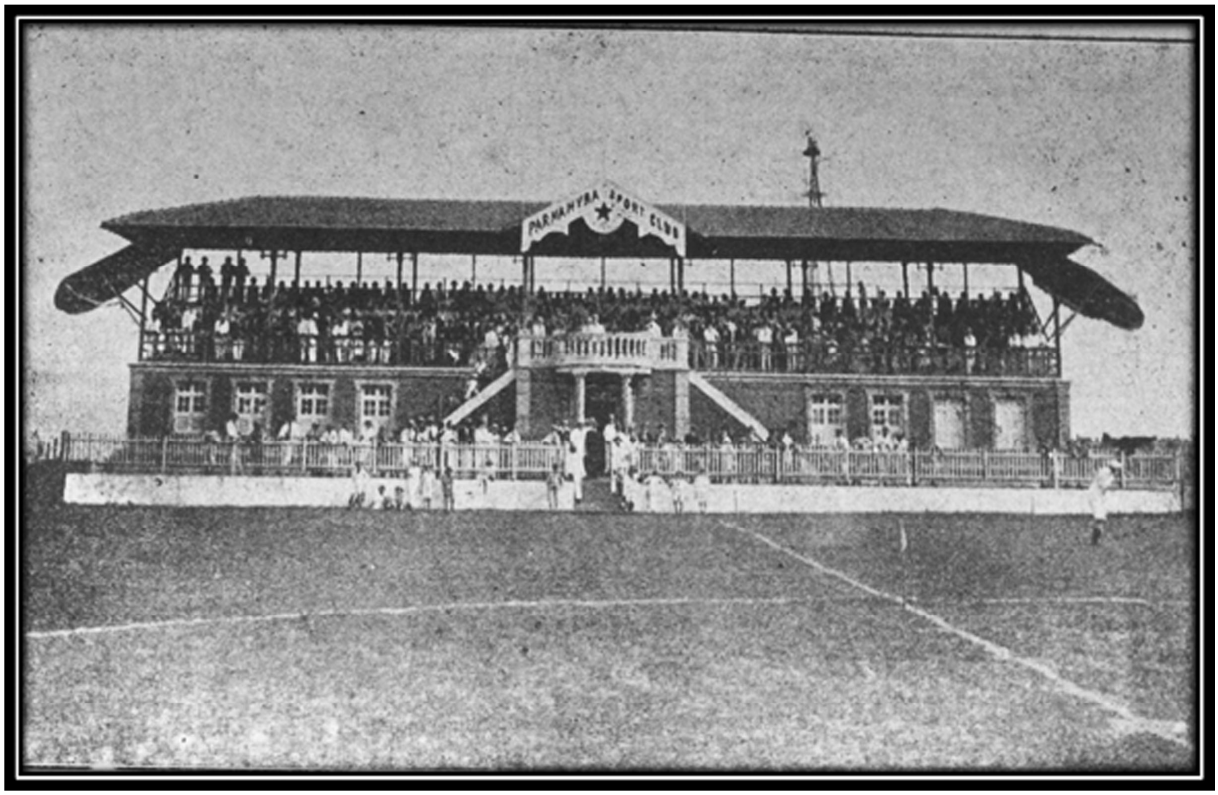


Figura 12 - Campo do Parnahyba Sport Club
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Relevante é informar que jovens de todas as classes sociais de Teresina ficaram deslumbrados com o futebol. Seja nos jogos com os amigos ou nas partidas épicas na década de 1910, o esporte desempenhou um papel importante na formação daqueles meninos. Carlos Augusto Figueiredo conta, por exemplo, que seu tio Gerson “dividia-se entre os livros e,

sobretudo, a correr com os amigos atrás de uma bola que se tornara cada vez mais popular."[356] Já Bugyja Brito, em suas *Memórias autobiográficas*, relembra a emoção de jogar ou torcer por uma equipe teresinense:

> Em 1918, eu tinha 11 anos e tornei-me, como os meninos do meu tempo em Teresina, um apaixonado por foot-ball, eu mesmo tentei ser jogador entre os companheiros de minha idade e gostava imensamente de assistir às partidas dos clubes. Ainda agora eu lembro de uma célebre partida entre dois teans [sic]fortes da cidade: o Theresinense Foot Ball Club e o Militar Sport Club. O primeiro venceu o segundo pelo score de 4x0 num jogo de ardente animação entre os torcedores dos dois clubes.[357] (Grifo nosso)

Com efeito, o futebol suscitou muitos admiradores e fãs. Ser torcedor implicava em se entregar às emoções das partidas. Cada jogada perigosa, cada gol, cada lance bonito fazia com que o torcedor vibrasse e comemorasse de forma entusiástica. Era como se a torcida fosse o décimo segundo jogador, e suas atitudes nas arquibancadas refletissem de forma positiva e incentivassem os atletas dentro de campo.

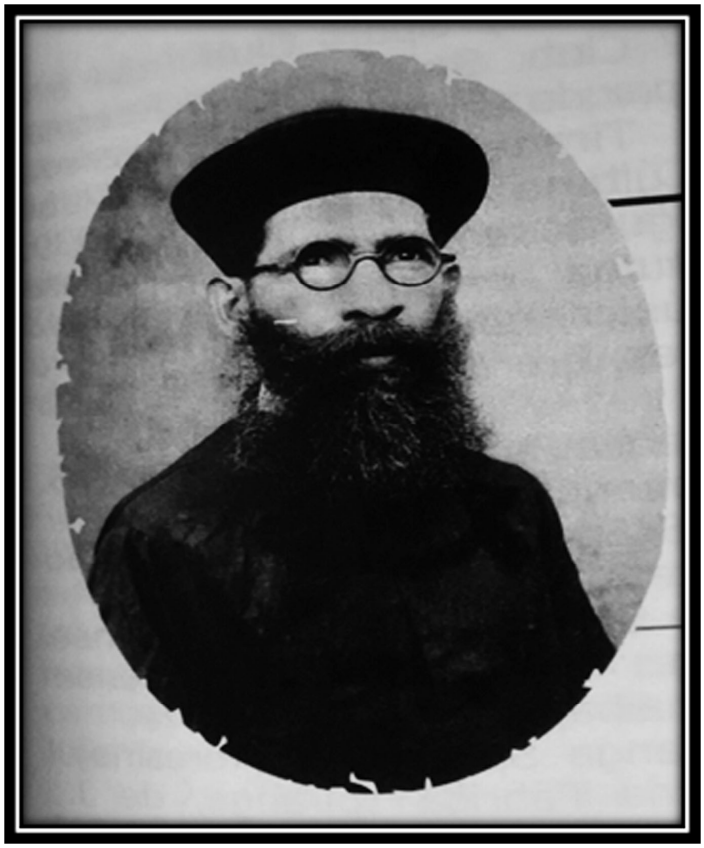


Figura 13 - João Martins de Moraes, um dos fundadores do Militar Sport Club.
Fonte: Severino Filho (Acervo pessoal)

[356] MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 99.
[357] BRITO, 1977, p. 175.

Mas, para além de diversão, o futebol foi cada vez mais ganhando um caráter civilizador, isso porque, por meio dele são difundidas normas que precisam ser seguidas. Deve-se ter um juiz para fazer valer as regras do jogo na partida, um campo apropriado para a prática, profissionais qualificados com um bom preparo físico. Convém destacar que no Estatuto do *Artístico Foot Ball Club* ficou estabelecido que o clube tinha como objetivo "proporcionar a desenvoltura física a seus sócios, organizar matches, concursos etc., conforme o estado financeiro da sociedade oferecer prêmios aos vencedores".[358] Fica claro que os benefícios proporcionados pelos clubes eram direcionados a uma elite que pagava por aquele entretenimento.

Mas os cuidados com os sócios jogadores iam além de proporcionar um divertimento qualquer, dever-se-ia seguir padrões de um clube que primava por cidadãos civilizados. Nessa perspectiva, o time do *Tiradentes* referia em seu regulamento o seguinte: "fica expressamente proibido nas vésperas de jogos deste clube, os elementos designados para representá-lo, tomarem parte de diversões noturnas, tais como danças, saraus, etc."[359]

Assim, esses mecanismos foram aos poucos sendo difundidos na mentalidade de cada teresinense. Garotos fortes e dispostos para o trabalho, isso era o que o futebol propunha na construção de uma cidade disciplinada. Analisando esse momento em que o futebol tornava-se uma das principais diversões do lazer moderno, deve-se ter em mente que os padrões de comportamentos desejados pela elite local eram determinados por uma postura civilizacional, que marcaria a criminalização de hábitos que não condissessem com o progresso que a cidade almejava.

Com essa concepção, Teresina, impulsionada pela modernidade e civilização que marcam a época, projetava se tornar uma cidade desenvolvida, planejada, limpa e civilizada. O futebol era uma forma de sociabilidade que buscava fortalecer essa ideia, ditando novos costumes e hábitos. E, dentro dessa proposta, os cronistas o definiram de duas maneiras teresinenses: positivamente, quando se tratava dos jogos em clubes regidos por regras e normas; negativamente, quando praticado por jovens na rua, sem horários apropriados e os devidos cuidados. O fazer-se de uma cidade civilizada passava também pelos discursos, nos quais os cronistas tentavam legitimar essa forma de sociabilidade como prática de uma elite racional, e afastavam todas as formas consideradas incivilizadas e "atrasadas" de se pensar o espaço urbano, para assim construir uma univocidade citadina, uma Teresina singular[360].

---

[358] ESTATUTO do Artístico Futebol Clube. *O Artístico*, 1918. p. 3.
[359] COUTINHO, P. Tiradentes A. Clube. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 80, 28 jun.1925. p. 3.
[360] Sobre o conceito de espaço próprio, ver CERTEAU, 2007, p. 173.

4.4 Vendendo saúde em Teresina: a modernidade e os efeitos dos remédios milagrosos

Nas três primeiras décadas do século XX, a saúde se configura como um dos símbolos máximos de exaltação de uma cidade moderna e desenvolvida, ou seja, encontra-se entrelaçada às práticas capitalistas por uma forma de medicalização que vai se estabelecendo na sociedade. Vão se impondo novas relações com o corpo, de modo que a prevenção, cura e beleza eram essenciais na constituição de um homem urbanizado e civilizado. Tem-se nesse momento uma grande quantidade de anúncios de medicamentos que prometiam efeitos instantâneos e milagrosos. A promessa de resultados rápidos aliado ao novo momento da modernidade despertou a esperança de cidade bela, sem males e sem doenças. Diante dessa nova situação, são difundidas várias propagandas de remédios, embaladas pelo personagem de Monteiro Lobato, Jeca Tatu, o caboclo preguiçoso, anti-higiênico e apático, infestado por vermes, mas curado por um poderoso elixir.

No início do século XX, houve um significativo crescimento das cidades, fruto da Revolução Industrial. Na maioria dos casos, esse crescimento, não teve um planejamento adequado e ocasionou diversos problemas nesses centros. Uma das principais preocupações dos governantes era com as doenças que ameaçavam a existência humana, sobretudo as crianças. Em Teresina, por exemplo, construíam-se casas em locais que não ofereciam condições mínimas de higiene, com esgotos a céu aberto, com animas circulando e convivendo no mesmo ambiente humano, e ruas repletas de lixo e mato, uma atmosfera propícia para a propagação de diversas doenças. Surge dessa maneira o discurso médico-higienista, baseado na cientificidade, que consistia na metáfora dos corpos orgânicos, em que o corpo social deveria ser protegido, cuidado e assepsiado.

Dentre as várias ações de cuidado com o corpo, salienta-se o uso de remédios, observando as diferentes formas de anúncios de medicamentos entre os anos de 1900 e 1930, que prometiam efeitos “mágicos” na vida dos teresinenses. Dentre essa variedade de anúncios assumem relevo os seguintes: o *Elixir de Camapú Beirão, Café Quinado Beirão, Elixir de Inhame, Antigal do Dr. Machado, Elixir do Nogueira, Elixir 914, Luetil* e *Emulsão Scott.*

Em virtude do que foi mencionado, os moradores da cidade deixam em segundo plano alguns conhecimentos com base nos costumes dos remédios caseiros, no conhecimento das ervas. Agora era preciso seguir normas do saber médico. Na concepção de Sevcenko, “o lapso

foi rapidamente preenchido pelos novos laboratórios químicos e, sobretudo, pela rapidez dos oportunistas em dar conta da nova situação"[361].

Os jornais abusavam de anúncios oferecendo recursos milagrosos, por meio dos quais se poderiam consertar ou aprimorar os atributos físicos e curar diversas patologias. Pessoas feias poderiam se tornar belas, doentes poderiam ser curados através da tecnologia moderna representada pelos remédios. Assim, esse novo mecanismo suscitou esperanças e sonhos de uma sociedade que tinha meios de combater várias doenças e de corrigir imperfeições do corpo. As novas tecnologias publicitárias se espalham por todos os espaços citadinos, penetrando nos olhos e na imaginação dos cidadãos.

Em Teresina, a publicidade encontra-se em pleno processo de desenvolvimento, demarcando o alinhamento com a modernidade, o capitalismo e a sociedade. Maria Izilda Matos[362] acentua que, além de sua função capitalista, a publicidade de remédios contribuía para produzir ideologias e estilos de vida. Projetava transformar hábitos, educar e informar o indivíduo de acordo com padrões comportamentais aceitos e legitimados.

4.4.1 A medicalização da sociedade nos periódicos teresinenses

O leitor que abrisse as páginas dos periódicos teresinenses nas primeiras décadas do século XX deparava-se com uma grande quantidade de anúncios de medicamentos prometendo a cura para diversos males. Por meio desses anúncios, buscou-se apreender de que maneira a publicidade contribui para estreitar as relações entre o saber médico e a sociedade, bem como divulgar e legitimar o ideal de um homem novo, moderno e civilizado.

A preocupação com a saúde e a higiene corporal tornou-se uma constante em Teresina nesse período. Vários cronistas se empenhavam no projeto de organizar e higienizar a cidade e seus habitantes. Eles almejavam para Teresina padrões de civilidade e salubridade já presentes em grandes centros espalhados pelo Brasil. O uso de medicamentos representava um modo de viver moderno, no qual se tem um deslocamento da doença para a saúde[363].

---

[361] NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p. 553.

[362] MATOS, M.I.S. de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. Locus. *Revista de História*. Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 133-134, 2011.

[363] NUVES, B. S; CASTELO BRANCO, P. V. Curar, prevenir e tonificar: representações masculinas em reclames piauienses. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, n. 10, 2003, Florianópolis. *Anais***...** , p. 2.

Assim, a população de Teresina começa a organizar sua vida de acordo com as normas médico-sanitaristas, passando a ter conhecimento de que, através de seu comportamento, seria capaz de prevenir o desenvolvimento de certas doenças. A medicina torna-se um saber social, e a sociedade vai aprender a pensar e a agir a partir dessa racionalidade médica, cujo objetivo principal é de civilizar e urbanizar o homem de acordo com o que a ciência impõe[364].

Elixires, tônicos, loções, depurativos e uma série de medicamentos e cosméticos prometiam curar, fortificar, embelezar e prevenir. Estava-se cada vez mais interessado pela busca da saúde do corpo, que tinha como norte juventude, beleza, vigor e virilidade. Nesse sentido, a propaganda vai moldando a sociedade de acordo com seus interesses.[365]

As promessas de cura são as mais variadas possíveis, indo desde uma correção no nariz até a cura da sífilis. O *Elixir de Camapú Beirão*, por exemplo, divulgado no jornal *Diário do Piauí*, descrevia sua fórmula e seus benefícios da seguinte maneira:

> Um manipulado com a planta recente de Camapú e outros vegetais da flora, que tem a ação especial sobre o fígado, baço, rins e bexiga e que cura em poucos dias a icterícia preta e amarela, opilação, hidropisia e ingurgitamento do fígado e do baço. [...] Deve[ria] ser sempre usado na convalescença das febres, pois é a ocasião mais propícia em que seu uso se impõe para o completo restabelecimento dos doentes[366]. (Grifo nosso)


Sezões e Febres

Milagrosas curas

De dia para dia se accentùa no espirito a grande efficacia do **Café Quinado Beirão,** o remedio sem rival até hoje conhecido na cura das **Sezões ou Impaludismo e Febres de máo Caracter.**

Constantemente nos chegam às mãos **cartas e attestados,** agradecendo as milagrosas **curas feitas** pelo inimitavel **Café Quinado Beirão, não falhado** ainda em um unico caso de febres.

O Café Quinado Beirão tambem se **prepara em pilulas** o com os mesmos effeitos rapidos e seguros.

á venda em THERESINA

A ictericia e doenças

DO

FIGADO E DO BAÇO

E O SEU ESPECIFICO ELIXIR DE

Camapù Beirão

E' um excellente preparado, manipulado com a planta recente do Camapù e outros vegetaes da flora, que tem a acção especial sobre o figado, baço rins e bexiga e que cura em poucos dias a **ictericia preta e amarella,** ápilação, hydropesia e engrogitamentos do figado e do baço.

O **Elixir de Camapú Beirão** deve sempre ser usado na convalescença das febres, pois é a occasião mais propria em que o seu uso se impõe para o completo restabelecimento dos doentes.

Phamacia Coleçt Fonseca

Figura 14 - Elixir de Camapú Beirão
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

[364] GUIMARÃES, A.; SOBREIRA, C.; EWALD, A. *Propaganda de medicamentos*: a medicalização da sociedade através do consumo. Rio de Janeiro, UERJ. Disponível em: <encipecon.metodista.com>. Acesso em: 10/01/2015.
[365] NUVES, B. S; CASTELO BRANCO, P. V. 2003. p. 3.
[366] ELIXIR de Camapú Beirão. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 1, n. 215, 16 fev. 1911. p. 4.

Em 1913, o *Café Quinado Beirão* funcionava como um elixir que combatia os sezões e febres. Em seus anúncios, fazia questão de mostrar as cartas de agradecimento recebidas devido aos efeitos milagrosos do remédio.[367] Essas propagandas vão ganhando cada vez mais destaque nas folhas dos periódicos teresinenses, uma vez que se criou forte ligação entre a medicina e a sociedade.

Os anúncios acima são indícios de que na capital eram ofertados remédios que tinham como matéria-prima extratos vegetais e produtos de origem animal. As propagandas expunham esses produtos como sendo fruto das mais modernas pesquisas, se valendo da credibilidade de que o conhecimento científico começava a adquirir no imaginário popular.[368]

Os remédios ditos de eficácia certa e cura fantástica passaram a ter um lugar especial nos periódicos da cidade de Teresina. Em 1919, o *Elixir de Inhame* era indicado para impurezas do sangue, sífilis adquirida ou hereditária. Além desses benefícios, era "saboroso como qualquer licor de mesa". A propaganda das melhoras milagrosas geralmente vinha acompanhada do testemunho do suposto curado, com o propósito de convencer o consumidor da eficiência do tratamento, como atesta o depoimento de José Jerônimo de Oliveira, empregado do restaurante de Teresópolis, no Rio de Janeiro, que, segundo o relato, ficou curado da sífilis com poucos vidros do elixir. Segundo ele:

> Tem esta por fim único levar a seu conhecimento que estou completamente curado das terríveis moléstias sifilíticas que há tempos se apoderaram de mim. Usei alguns depurativos que vi anunciado mas sempre sem resultado, depois me disseram ser o *Elixir de Inhame Goulart* um *purrête* em tais casos, de fato comprei alguns vidros e usei com confiança [...]. Agora terá V. S. mais um desses a gritar a eficácia de tão santo remédio.[369]

[367] MILAGROSAS curas. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n.138, 19 jun.1913.p. 4.
[368] GUIMARÃES, A.; SOBREIRA, C.; EWALD, A. *Propaganda de medicamentos*: a medicalização da sociedade através do consumo. Disponível em:<encipecon.metodista.com>. Acesso: 10/1/2015.
[369] ELIXIR de Inhame. *O Arrebol*, Teresina, ano 5, n. 12, 19 out. 1919. p. 4.



Figura 15 - Elixir de Inhame
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Convém atentar para o fato de que, ao final de cada testemunho, o depoente deixava como prova de seu relato o local onde morava e sua profissão, como forma de garantir a "veracidade" de seu depoimento, porque existia a desconfiança sobre os charlatões e arrivistas.

O *Elixir do Inhame* reforça a ideia de que a saúde é o principal valor humano na sociedade capitalista, visto que um corpo saudável corresponde a um trabalhador cheio de energia e de forças para produzir. Os efeitos do remédio são assim relatados:

> Doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral, o apetite aumenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsênico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos músculos, mais resistência à fadiga e respiração facial. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notável[370].

[370] JORNAL *O Arrebol*, Teresina, n. 12, 19 out. 1919. p. 4.

No tempo em que o discurso médico começa a fazer parte do cotidiano dos homens e mulheres em Teresina, verdadeiras panaceias eram oferecidas como solução para a cura dos mais diversos males. O *Antigal do Dr. Machado*, por exemplo, anunciado em 1918, prometia curar úlceras, dores ou tumores nos ossos, dores nas juntas, nos músculos e na cabeça, inflamação e queda de unha, manchas na pele, tumores ou dores em órgãos internos, corrimento vaginal, doenças de olhos ou ouvidos[371].

Na mesma data, temos o *Elixir Nogueira*, que já era bastante popular nos últimos anos do século XIX e que anunciava desde a cura de manchas na pele até casos de tumores nos ossos. O remédio farmacêutico continuou tendo destaque no século XX, como pode ser visto no jornal teresinense *O Arrebol*, o qual destacava a abrangência de atuação do medicamento, curava o latejo das artérias do pescoço, inflamações do útero, corrimento nos ouvidos, reumatismo em geral, afecções do fígado, dores no peito, tumores nos ossos, cancros venéreos, gonorreias, espinhas, raquitismo, sarnas, doenças provenientes do sangue entre outras.[372]

Formulado pelo farmacêutico e clínico João da Silva Silveira, o *Elixir do Nogueira* data de um período no Brasil em que não havia antibióticos e que a população ignorava em geral a existência de micro-organismos como causadores das doenças. Acreditava-se, via de regra, que as doenças eram provocadas pela "contaminação do ar"[373] ou mesmo nas impurezas do sangue. Atribuía-se às plantas a capacidade de, sobretudo, curar a sífilis e limpar o sangue.[374]

---

[371] QUAL manifestação que vos incomoda? Cf. *O Arrebol*, Teresina, ano 4, n. 8, 28 abr. 1918. p. 4.

[372] ELIXIR do Nogueira. *O Arrebol*, Teresina, ano 4, n. 11, 19 set. 1918. p. 4.

[373] Acreditava-se nesse período na teoria dos miasmas. Contava-se que através do ar contaminado doenças e vícios eram transmitidos, desse modo, as casas sujas, sem nenhum tipo de saneamento seria o principal foco de contaminação. A teoria dos miasmas não era relacionada somente à saúde, dizia respeito também à moral, pois um ambiente contaminado tornava o indivíduo propenso ao vício, como o alcoolismo e o jogo, por exemplo. Cf. RAGO, L. M. A desodorização do espaço urbano. In: *Do cabaré ao lar:* a utopia da cidade disciplinar – Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

[374] MUNIZ, D.R.M. *Vendendo saúde:* poderoso e popular "Elixir de Nogueira". In: III SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA. São Luís-MA, 2013, p. 4-5.



Figura 16 - Antigal do Dr. Machado
Fonte: Acervo do Arquivo Público do



Figura 17 - Elixir de Nogueira
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Não era comum nesse período que um cidadão consultasse um médico para saber qual remédio deveria tomar quando estivesse doente. Baseado nisso, a propaganda de medicamentos nacionais e regionais investia constantemente na divulgação de seus produtos nos meios de comunicação em que a população tinha mais acesso, como os jornais e revistas.[375] Na cura da sífilis, por exemplo, havia dois medicamentos muito utilizados: *Elixir 914* e o *Luetil*. O primeiro trazia como novidade a não utilização das injeções e o único específico para crianças.[376] Já o segundo tinha como propaganda ser o único adotado nos hospitais do Exército e da Marinha, que curava a sífilis, fortalecia e fazia engordar. Conforme o anúncio: "Um só vidro faz cessar qualquer sofrimento devido à sífilis e faz engordar (os magros) de 1 a 3 quilos e, às vezes 4, conforme observação do Hospital Central do Exército".[377]

[375] GUIMARÃES; EWALD, 2004, p. 6.
[376] TEM sífilis? *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 30, 4 mar. 1923. p. 4.
[377] NÃO há mais mortes. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 32, 31 mar. 1923. p. 4.



Figura 18 - Anúncio do Luetyl
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

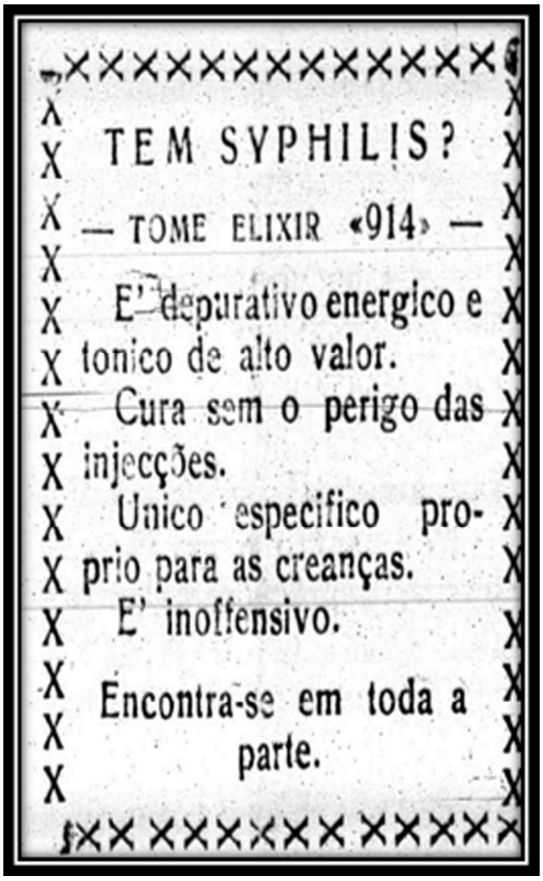


Figura 19 - Anúncio: Elixir 914
Fonte: Acervo do Arquivo Público do

Remédios como Elixir Nogueira, Elixir de Inhame e o Elixir 914 apareciam constantemente nos periódicos como a solução para a cura de moléstias físicas do corpo. Grande parte desses anúncios variava de tamanho e formato ao longo dos anos, entretanto, permanece inalterado o compromisso de reestabelecer a saúde e curar diversas patologias. Assim como esses, tantos outros anúncios de elixires eram publicados na seção dos reclames dos jornais, prometendo o efeito mágico para diversos males. Dentre as enfermidades mais comuns nesses anúncios no início de século XX, na capital, destacam-se as de vias respiratórias e aquelas sexualmente transmissíveis, como a sífilis.

Divulgadas ao longo de várias décadas, as propagandas de fortificantes sobreviviam no imaginário dos que foram crianças na primeira metade do século XX. Um exemplo clássico é a *Emulsão de Scott*. Feita à base de fígado de bacalhau, o medicamento era rico em cálcio e fósforo e indicado para tornar robustas as crianças raquíticas, anêmicas e escrofulosas.[378] O uso diário da emulsão tinha um ritual. Primeiro, "a mãe coloca o líquido

[378] SALVAÇÃO das crianças. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 164, 5 abr. 1916. p. 2.

branco e pastoso na colher, a criança abria a boca quase que obrigada e, com careta, recebia de cheiro o sabor terrível que escorria garganta abaixo".[379]



Figura 20 - Emulsão de Scott
Fonte: Livro Vendendo Saúde



Figura 21 - Emulsão de Scott
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Com base na propaganda da época, os anúncios prometiam tônicos que dariam entusiasmo e força ao homem brasileiro, que ficou estereotipado ao longo de sua história como preguiçoso e apático, como prova a figura raquítica do recém-criado Jeca Tatu. Nessa acepção, para se tornar um homem socialmente aceito, era preciso estabelecer novas relações com o corpo, o qual deveria ser forte, saudável, viril, jovem e apresentar boa aparência.

Evidentemente, à medida que a medicina se insere no meio social, as práticas e os discursos sociais se apropriam da racionalidade médica. Isso acontece quando o cidadão começa a ter familiaridade com noções medicamentosas largamente difundidas, passando a conceber a saúde como valor primordial e, consequentemente, a fazer de tudo para preservá-la ou restaurá-la.[380]

---

[379] BUENO, E. *Vendendo saúde*: a história da propaganda de medicamentos no Brasil. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. p. 41.
[380] GUIMARÃES; EWALD, 2004, p. 10.

Além dos remédios já consagrados, como *Emulsão de Scott*, predominava ainda em Teresina aqueles apoiados na flora nativa. Proclamavam-se as virtudes do Elixir de "chapéu-de-couro", da jalapa (pílulas), da batata de purga, etc.[381] Em suma, os remédios curavam, tonificavam e preveniam doenças. A ideia de modernidade difundida em um corpo saudável e forte era uma das metas dessa cidade, que almejava grandes avanços.

Ademais, a velocidade das máquinas modernas urbanas influenciava no novo modo de viver do teresinense. Cidadãos bonitos, bem trajados são exigências do novo modelo civilizacional. Diante disso, os remédios simbolizavam uma nova marca dessa sociedade com aspiração moderna, um seguro contra as fraquezas e vulnerabilidades do corpo, um estímulo para a iniciativa e garantia para o sucesso. Machado de Assis adverte que "o mundo caminha para a saúde e para a riqueza universais [...] assim se explicam os debates sobre a medicina e economia e a fé crescente nos xaropes e derivados".[382]

Embora houvesse um projeto civilizador imbricado nos discursos com o cuidado com o corpo, é evidente que esse projeto não era relacionado apenas à saúde, mas também à moral. Muitos cronistas almejavam não só higienizar a cidade, mas urbanizar e civilizar o indivíduo, procurando afastá-lo de todo e qualquer vício. Cabe lembrar que o discurso médico impunha um modelo de indivíduo baseado em um país civilizado. Desse modo, um homem saudável, forte, bonito e pronto para o trabalho correspondia à imagem desse novo momento urbano.

[381] MONTEIRO, 1993, v. 3, p. 165.
[382] NOVAIS; SEVCENKO, 1998, p. 553.

5 CONCLUSÃO

Esta dissertação apresenta como objeto principal as formas de sociabilidades que influenciaram o cotidiano dos teresinenses entre os anos de 1900 e 1930, sob o olhar dos cronistas desse período, que pretendiam uma cidade moderna e civilizada. Nessa perspectiva, o estudo revelou uma cidade múltipla, atravessada por conflitos de toda ordem, rodeada de diferentes sujeitos e inúmeros anseios diante dos avanços da modernidade e da civilização.

O cidadão teresinense vive as transformações urbanas e sociais de diversas maneiras e ao seu tempo. Diferentemente de outras cidades que tiveram vultosos investimentos na infraestrutura urbana no início do século XX, Teresina teve uma fraca inserção no mundo capitalista. Situada numa região periférica do país, tinha como principal atividade a pecuária. Ligados ao conservadorismo e à tradição, seus habitantes saíam para estudar nas grandes capitais, se formavam bacharéis e voltavam para a sua cidade natal cheios de novidades, ansiando por inserir Teresina na contemporaneidade. Diante disso, os cronistas da época foram delineando o comportamento da sociedade teresinense, corrigindo sobretudo hábitos que contrariavam a lógica moderna.

Aos poucos, foi sendo implantada uma nova configuração à cidade, alterando suas ruas, construindo novos espaços de distinção social, para que a população pudesse experimentar uma realidade que se aproximasse dos hábitos burgueses. A urbe foi vivenciando os avanços, como a luz elétrica, a água encanada, o bonde, o carro, o calçamento e limpeza das ruas, a arborização das praças, o surgimento dos jardins públicos e o cinema. Esse novo cenário urbano impôs uma mudança na relação do homem com a cidade, e exigia dele um comportamento cordial e educado.

Teresina veste então uma nova “roupagem”, e entre a população circulava um modelo de classe social, de costumes e gostos requintados. Essa nova elite passa a frequentar alguns locais de lazer, como os jardins públicos, onde foi possível pôr em prática todas as normas de etiqueta e elegância difundidas no período.

Dentre os novos espaços de sociabilidade que foram construídos no afã de inserir os indivíduos nesse modelo de projeto urbano, destaca-se também o cinema. Lazer novo em sua tecnologia e no modo de produção, o cinema surgiu como meio capaz de difundir e transmitir o discurso civilizador, de instruir, moralizar e criar formas de enquadramento e de civilidade. Para aqueles que pertenciam a uma classe mais humilde e pretendiam frequentar aquele espaço, disseminava-se o medo, a vergonha e o embaraço, como o caso do caipira que foi

mijado dentro de uma sala de projeção. Todavia, a visão progressista do cinema não foi unanimidade entre os cronistas, como Elias Martins e Jônatas Batista, que acreditavam que a diversão gerava novas necessidades de consumo, e isso causava certa instabilidade no seio da família teresinense.

Nessa lógica, os cronistas assumem a tarefa de mudar a sociedade e direcioná-la para a modernidade. Suas narrativas funcionam como uma chave que abria para o mundo os diversos segredos contidos no baú chamado cidade. Assim, esses "mosqueteiros das letras" fazem uma leitura do cotidiano e tentam "apagar" a Teresina dos carregadores de água em ancoretas, da falta de energia, dos animais no perímetro urbano, da falta de higiene e saneamento. Através de uma linguagem simples, ditam uma série de "boas maneiras" para atingir uma civilização do progresso. Todavia, o discurso de modernidade não era homogêneo, visto que alguns cronistas acreditavam que a modernidade trazia consigo não só o desenvolvimento da urbe, mas também todos os males que atormentam a sociedade.

Em meio ao tradicionalismo e civilização, Teresina foi se constituindo como uma cidade plural. Os avanços modernos sinalizados no desenvolvimento tecnológico não eram os únicos a se fazerem presentes na urbe. Teresina começa também a experimentar sua civilização através do direcionamento do que são os bons e maus costumes que passam através das sociabilidades, como o ciclismo, o futebol, a regata, o São João, o forró, o reisado, o Carnaval etc.

No plano das sociabilidades tradicionais, existiam aquelas ligadas à Igreja Católica, como os festejos Mariano, o Sagrado Coração de Jesus, o Reisado, o São João, e aquelas de caráter mais profano como o Forró, os bailes de periferia e o Carnaval. No que se refere às ligadas ao Catolicismo, é possível dessumir que ouve uma tentativa dos ultramontanos na moralização dos festejos católicos, que condenavam os excessos cometidos após as festas, a exemplo da dança, da bebida e dos jogos. Além disso, houve um discurso civilizador sobre as diversões, onde os cronistas colocavam tanto o Reisado e o São João como sociabilidades "atrasadas", "primitivas", impróprias para uma população de aspirações modernas. No segundo caso, a deslegitimação é ainda maior, pois se procurou associar o São João à diversão de negros, bárbaros e embriagados que soltam fogos e ameaçam a paz das famílias.

Com efeito, as sociabilidades religiosas configuravam uma das poucas oportunidades de descanso, entretenimento, distração e alegria da maioria da população. Muitas vezes a devoção e a busca por lazer acabaram por se confundir. O caráter dinâmico de inovação e adaptação das sociabilidades religiosas ao mundo moderno vão progressivamente incorporando às sociabilidades elementos leigos, instituindo muitas vezes práticas populares

cristãs. Isso não quer dizer necessariamente que as diversões tenham vínculo com o profano, mas a adequação ao meio social se fez necessária, o que acabou aproximando as sociabilidades do capitalismo e dos padrões de famílias burguesas.

Das diversões profanas, o forró, os bailes de periferia e o Carnaval possuem suas práticas ligadas às vivências locais. O forró era difundido por representar um ambiente violento, frequentado por pessoas sem escrúpulos, onde poderiam ocorrer vários conflitos. Os bailes de periferia caracterizavam locais onde os jovens exercitavam sua virilidade e suas habilidades de conquistas. Já o Carnaval possuía duas visões distintas, uma na qual os cronistas faziam grande esforço para colocar a sociabilidade nos padrões que uma cidade moderna merecia, mostrando-o como festa elitizada e restrita a certos espaços; outra, daqueles que acreditavam que a folia deveria ser combatida, pois incentivava a libertinagem e alguns tipos de comportamentos que feriam a moral e os bons costumes.

Assim, os cronistas foram construindo a imagem do homem moderno, o qual deveria ser educado, saudável, trabalhador e higiênico. Para atingir tal fim, as práticas experimentadas no ciclismo, nas regatas, no futebol e no consumo de elixires e tônicos colaboraram para esse projeto. O corpo atlético e saudável passa a ser associado à ideia de bem-estar, de modo que a proposta de uma cidade moderna passava também pelos cuidados com o corpo. Isso porque não havia espaço para preguiçosos, doentes e moribundos na sociedade capitalista. Nesse período, a juventude difundida tinha de ter um perfil disciplinado, ativo, forte e produtivo.

Em tese, o objetivo dos cronistas era fazer com que as atividades desportivas transformassem o jovem ocioso e propício ao vício em um homem forte, saudável e disciplinado. Para eles, o esporte tinha a missão de civilizar uma raça sedentária, que pouco se exercitava, e por essa razão tinha um corpo fraco e indisposto. Nesse sentido, o futebol foi um dos principais meios de esporte nesse início de século na disciplinarização e urbanização do jovem teresinense e, diferentemente de outras capitais, foi idealizado em Teresina por operários que, por falta de recursos, juntaram-se a alguns rapazes de elite para a propagação do lazer na capital. Aos poucos, o esporte foi se institucionalizando e o seu desempenho passa a ser medido em linguagem numérica, desenvolvido em espaços próprios e num tempo padronizado. De fato, havia um tempo estipulado para tudo, para começar o jogo, para o intervalo e para terminar a partida. Sutilmente, isso ajustou o comportamento do jovem para a organização de seu tempo durante o dia, porém, alguns praticantes brincavam em locais e horários inadequados. Esses eram vistos como vagabundos, sem ocupação e favoráveis ao ócio e à criminalidade.

A partir daí vão se impondo novas relações com o corpo, de modo que a prevenção, cura e tonificação eram essenciais na constituição do homem urbanizado. A promessa de resultados rápidos aliados ao novo momento despertou a esperança de uma cidade sem males. Elixires, tônicos, loções e depurativos e uma série de medicamentos e cosméticos prometiam curar, embelezar e prevenir. Embora houvesse um projeto civilizacional imbricado nos discursos com o cuidado com o corpo, é evidente que esse projeto não era relacionado apenas à saúde, mas à moral.

Dentro desse complexo sistema urbano teresinense, os cronistas funcionavam como observadores atentos do cotidiano da cidade. Ao escrever sobre diversas sociabilidades, compartilhavam com os leitores suas apreensões e desejos. Projetavam uma realidade cotidiana de forma subjetiva e, por meio de uma linguagem coloquial, influenciavam diretamente os costumes e hábitos da sociedade.

À luz desse entendimento, o estudo da civilização teresinense se faz importante porque traduz a dinâmica social em suas diversas manifestações. E, nesse sentido, esta pesquisa ajudou a perceber as sociabilidades a que estamos acostumados a considerar como pronta e acabada, faz parte de um processo histórico no qual os comportamentos foram socialmente construídos e, com o decorrer do tempo, gerações passam a naturalizá-los. A maneira de se divertir, comemorar datas festivas, de se relacionar e se emocionar, tidos como comportamentos inatos, são na verdade produto de escolhas culturais.

Por fim, deve-se ressaltar que as diversidades de comportamentos nas sociedades humanas raramente são aceitas em sua alteridade. Posto que, na antiguidade grega, “bárbaros” eram todos aqueles que não participavam da helenidade e, já no início do século XX, a palavra se referia àquele que fugia ao modelo de homem moderno, ou seja, ser saudável, forte, bonito e pronto para o trabalho. Nesse sentido, é preciso alargar o olhar geralmente míope para além da visão etnocêntrica, que estabelece o diferente como algo menor, sem valor, primitivo e inferior, e desqualifica a beleza e as práticas dos “micropoderes” dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: *informação e documentação:* trabalhos acadêmicos: apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro , 2011. 11 p. Disponível em: <http://www.abntcolecao.com.br/norma.aspx?ID=86662# >. Acesso em: 11/7/2015.

ABREU, M. *Festas e cultura popular na formação do "povo brasileiro"*. São Paulo: Projeto História, 1998.

ABREU, W. *Discursos do dr. Areolino de Abreu*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913.

AMADO, G. *Assunto sério*: aparências e realidade. São Paulo: Monteiro Lobado e Cia., 1922.

ARAÚJO, M.M.B. de. *Cotidiano e pobreza*: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: FCMC, 1995.

ARRAIS, R. *O corpo e a alma da cidade:* Natal entre 1900 e 1930. Natal: EDUFRN, 2008.

AVELINO, J. G. M. *As escritas dos bacharéis*: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana. 2012. 193f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

BAECHLER, J. Grupos e sociabilidades. In: BOUDON, Raymond. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BÁRBARA, F. *Teorias da cidade*. São Paulo: Papirus, 2006.

BARRETO, L. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

BELTRÃO, L. *Folkcomunicação*: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BERGER, P. *O rumor dos anjos*: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar:* a aventura da modernidade. São Paulo. Cia. das Letras, 1996.

BORGES, G. *Notas sobre a literatura piauiense*. Teresina: Carta CEPRO, v. 11. jul-dez, 1986.

BOUTIER, J. e JÚLIA, D. (Org.). *Passados recompostos:* campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: UFRJ e Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BRANDIM, A. C. M. de S. Entre letras e papéis: a crônica como vestígio da cidade de Teresina. In: ADAD, S. J.; BRANDIM, A. C. M.; RANGEL, M. do S. (org.). *Entre línguas:* movimentos e misturas de saberes. Fortaleza: UFC, 2008.

BRITO, B. *Narrativas autobiográficas*. v. 1. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

BUENO, E. *Vendendo saúde*: a história da propaganda de medicamentos no Brasil. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

BURKE, P. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, M. C. P. (Org.). *Carnavais e outras f (r)estas*: ensaios de história social da cultura. Campinas: Unicamp/CECULT, 2001.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CÂNDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: ____. (Org.). *A crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992.

CARVALHO, J. *Os bestializados:* o Rio de Janeiro e a República que não foi. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1991.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

CASTELO BRANCO, P. V. A cultura física e a prática do futebol em Teresina no começo do século XX. In: *Cadernos de Teresina*, 1996.

_____. *História e masculinidades:* a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTELO BRANCO, P. V. *Mulheres plurais*: a condição feminina na primeira república. Teresina: EDUFPI, 2008.

_____. _____. _____. 2013.

_____. Teresina no tempo dos lampiões de querosene (final do século XIX). In: *Cadernos de Teresina*. Ano VIII, n. 18, dez., 1994. Revista informativa e cultural da Fundação Monsenhor Chaves. Publicação Quinzenal.

_____. Teresina nas primeiras décadas do século XX. In: *Cadernos de Teresina*. Ano IX – n° 19, abr. 1995.

_____. Progresso: máquina de criar desejos e espantos. In: *Revista Espaço-Tempo*, v. 1, n. 4. Teresina: UFPI, 1996.

CHALHOUB, S. *História em coisas miúdas*: capítulos de história social do Brasil. São Paulo: Unicamp, 2005.

_____. *Trabalho, lar e botequim*: o cotidiano dos trabalhos do Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAVES, M. *Obra completa*. Teresina: FCMC, 2005, p. 42-43.

_____. Teresina – subsídios para a história do Piauí. In: _____. *Obra Completa*. Teresina: Halley, 1998.

COSTA, F. H. V. da. *De relance:* a construção da civilidade de Teresina (1900-1930). Dissertação (Mestrado em História do Brasil). 2009. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2009.

CRUZ, H.; PEIXOTO, M. "Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa", In: *Projeto História*, São Paulo, nº 35, dez. 2007, p. 257.

CUNHA JÚNIOR, C. F. A produção teórica brasileira sobre educação física/ginástica no século XIX: questões de gênero. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. 1998. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998. p. 149.

CUNHA, M. C. P. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: ____. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas*: ensaios de história social da cultura. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2001. (Coleção Várias Histórias). p. 371-417.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 169-172.

DEL PRIORI, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 74.

ELIAS, N. *O processo civilizador:* uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FILHO, S. *Piauí, 100 anos de futebol*. Teresina: Halley, 2005.

FONTINELES FILHO, P. P. *Desafiando o olhar de Medusa*: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina nas duas primeiras décadas do século XX. 2008. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2008.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

GAETA, M.A.J.V. A cultura clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

GINZBURG, C. *O queixo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GONÇALVES, W. C. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003.

GUIMARÃES, A.; SOBREIRA, C.; EWALD, A. *Propaganda de medicamentos:* a medicalização da sociedade através do consumo. Rio de Janeiro, UERJ, 2004. Disponível em: <encipecon.metodista.com>. Acesso em: 10/01/2015.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 11.

HOBSBAWM, E. *A era dos impérios* (1875-1914). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 366.

LAZZARI, A. *Coisas para o povo não fazer*: carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas: Unicamp/CECULT, 2001.

LEENHARDT, J. Sensibilidade e sociabilidade. In: RAMOS, A.F.; MATOS, M.I. PATRIOTA, R. (Org.). *Olhares sobre a história*: culturas, sensibilidades, sociabilidades. São Paulo: Hucitec; Goiás; PUC Goiás, 2010, p. 27-28.

LINDER, M. Movimento social. Filmes. *O Piauí*. Teresina, ano 30, n. 283, 18 maio 1919. p. 2.

LORENZ, K.; VECHIA, A. Fernando de Azevedo e a questão da raça brasileira: sua regeneração pela educação física. *Cadernos de História da Educação*. v. 8, n. 1, p. 9-10, jan./jun. 2009.

LOURO, G.L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M.D. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 446.

MARCONDES, M. A. *Enciclopédia da Música Brasileira*. São Paulo: Publifolha, 1988; 1962. p. 301.

MARTINS, E. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.

MATOS, M.I.S. de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus – Revista de História*. Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 133-134, 2011.

MAYER, A. *A força da tradição*: a persistência do antigo regime, 1848-1914. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 14-23.

MAYNARD, S. Aracaju, automóveis e cinemas: traços da modernidade no início do século XX. In: SOUSA, A.C.B. *Populares na cidade:* vivências de trabalho e de lazer. João Pessoa: Ideia, 2011.

MEYER, M. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: CÂNDIDO, et al. (Org.). *A crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas (SP): Unicamp Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MONTEIRO, C.A. de F. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 3, n. 2, 2013.

_____. *Rua da Glória 3*: as armas e as máquinas (1921-1934). v. 2. Rio de Janeiro: [s.n.], 1993.

_____. *Rua da Glória 3:* no tempo dos revoltosos (1921-1934). v. 3. Rio de Janeiro: [s.n.], 1993.

MONTEIRO, C. *Porto Alegre e suas escritas*: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDPUCRS, 2006.

MONTEIRO, O. *Teresina descalça*: memórias desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos novos. Fortaleza: IOCE, 1988.

_____. _____. 1988b, p. 396-402.

MORAES, E. de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MUNIZ, D. R. M. Vendendo saúde: poderoso e popular “Elixir de Nogueira”. III SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 2013. *Anais...*São Luís-MA, 2013.

NETO, A. *Escritores piauienses de todos os tempos:* Dicionário Biográfico. Teresina: Gráfica do Povo, 1993.

NEVES, A. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 23.

NEVES, M. de S. Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CÂNDIDO, A. (Org.). *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992.

NORA, P. e LE GOFF, J. (org.). *História:* novos problemas, novas abordagens, novos objetos. 3 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NOVAIS, F.A.; SEVCENKO, N. *História da vida privada no Brasil 3:* república – da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUVES, B.S.; CASTELO BRANCO, P. V. Curar, prevenir e tonificar: representações masculinas em reclames piauienses. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, n. 10. *Anais...* Florianópolis, 2003.

OLIVEIRA, A. da S. *Viva São João*! Festa e sociabilidades nas comemorações em Cruz das Almas-BA. Disponível em: <http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/Adriana-da-Silva-Oliveira-Anpuh-ST-19.pdf>. Acesso em: 7/2/2015.

PATRIOTA, R. (Org.). *Olhares sobre a história*: culturas, sensibilidades, sociabilidades. São Paulo: Hucitec; Goiás: PUC Goiás, 2010.

PEDROSA, M. *Gol de letra:* o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 165.

PELBART, P. P. “Cidade, lugar do possível”. *A vertigem por um fio*. São Paulo: FAPESPI/ Iluminuras, 2000, p. 46-48.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. *O carnaval das letras*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

_____; CHALHOUB, S. (Org.). *A história contada:* capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade:* visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PONTE, S. Rogério. *Fortaleza belle époque*: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.

QUEIROZ, T. de J. M. *Economia piauiense*: da pecuária ao extrativismo. Teresina: EDUFPI, 2006.

QUEIROZ, T. *As diversões civilizadas em Teresina* – 1880-1930. Teresina: FUNDAPI, 2008.

_____. *Os literatos e a república*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.

QUEIROZ, T. Notas sobre a modernização de Teresina. In: ____. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: FCMC, 1998, p. 15.

RAGO, L. M. A desodorização do espaço urbano. In: ____. *Do cabaré ao lar:* a utopia da cidade disciplinar – Brasil: 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAIMUNDO, A. *O corpo e a alma da cidade:* Natal entre 1900 e 1930. Natal: EDUFRN, 2008.

RAMOS, A. F. C. *História e crônica*: "balas de estalo" e as questões políticas e sociais de seu tempo (1883-1887). São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2001.

RAMOS, G. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 81.

REZENDE, A. P. de M. *Desencantos modernos:* histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROLNIK, R. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 12.

SALES, A. V. & NASCIMENTO, F. A. do. Uma viagem ao mundo de pintinho. *Revista Cadernos de Teresina*. Ano VII, nº 15, Teresina, 1994, p. 22-24.

SANSONE, L. A política do intangível: museus e patrimônios em novas perspectivas. In: BARROS, A. E. A. *Ao ritmo dos bumbas*: obliterações e desigualdades na construção de um patrimônio festivo brasileiro (c.1900-1950), Salvador: EDUFBA, 2012.

SEVCENKO, N. *Futebol, metrópoles e desatinos*. Disponível em: <www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>. Acesso em: 11/6/2015.

_____. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. _____. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

_____. *Orfeu extático na metrópole:* São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SILVA, A. N. da. Reflexões sobre o carnaval e samba na historiografia brasileira. *Revista da UFPE*, v. 2, n. 2, 2010, p. 5.

SILVA, E. L. *Forró no asfalto*: mercado e identidade sociocultural. São Paulo: Annablume, 2003, p.72.

SILVA, K. V.; SILVA M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 48, São Paulo, 2004.

TERESINA. Arquivo Público do Estado do Piauí.

_____. *Código de Posturas do Conselho Municipal de Teresina* – 1912. Teresina: APeCH/UFPI, 1998. Transcrição feita por: Francisco Alcides do Nascimento.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: ____. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*, Teresina: Primeiro Século, 1959.

_____. *Teresina:* ruas, praças e avenidas. Teresina: PRELO, 1986.

WERNET, A. *A igreja paulista no século XIX:* a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987, p. 24-25.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade:* na história e na literatura. Tradução: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

ZALUAR, A. *Os homens de Deus*: um estudo dos santos e das festas no cotidiano popular: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

Fontes hemerográficas

A ÁGUA. *O Piauí*, Teresina, ano 11, n. 551, 17 jan. 1901.

A ESCURIDÃO. *Jornal de Notícias*, Teresina, ano 1, n. 51, 15 ago. 1918.

A ILUMINAÇÃO. *Piauí*, Teresina, ano 11, n. 551, 17 jan. 1901.

ÁGUA e luz. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 108, 9 set. 1917.

ANÚNCIO. *O Nordeste*, Teresina, ano 1, n. 42, 18 set. 1920.

ARGUMENTAÇÃO Inócua. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 121, 3 de out de 1909.

AS MULHERES e o bigode. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 26, 20 dez. 1922.

ATOS de Contrição. *O Obuz*, Teresina, ano 3, n. 4, [1926?].

AUTOMOVÉIS e Lixo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 4, n. 188, 22 jan. 1911.

BATISTA, J. Discurso. *O Artista*, Teresina, ano 1, n. 1, 22 set. 1918.

BATISTA, J. Semana elegante. *O Nordeste*, Teresina, ano 1, n. 30, 19 jun. 1920.

BECK. Teremos uma liga Sportiva em 1919? *O Artista*, Teresina, ano I, n. 2, 5 out. 1918.

BUMBA MEU BOI. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 24, 7 jun. 1905.

CALIXTO. Liga esportiva. *O Nordeste*, Teresina, ano 2, n. 21, 17 abr. 1920.

CAMPEONATO teresinense. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 289, 12 jun. 1919.

CARNAVAL DO BICENTENÁRIO. *O Obuz*, Teresina, ano 2, n. 4, [1926?].

CARNAVAL. *Diário do Piauí*, Teresina, ano IV, n. 38, 17 fev. 1914.

CARNAVAL. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 29, 18 fev. 1923.

CHUVISCO. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 26, 30 jun. 1905.

CICLISTAS. *O Tempo*. Teresina, ano 1, n. 39, 9 de nov. 1905.

CINEMATOGRÁFICAS. *O Piauí*, Teresina, ano 59, n. 124, 12 jun. 1927.

COLUNA Esportiva. *A Imprensa*, Teresina, ano 1, n. 13, 15 set. 1925.

CORPORE Sano. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 52, 24 out. 1907.

COUTINHO, P. Tiradentes A. Clube. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 80, 28 jun.1925.

EDUCAÇÃO Física. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 50, 10 out. 1907.

ELIXIR de Camapú Beirão. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 1, n. 215, 16 fev. 1911.

ELIXIR de Inhame. *O Arrebol*, Teresina, ano 5, n. 12, 19 out. 1919.

ELIXIR do Nogueira. *O Arrebol*, Teresina, ano 4, n. 11, 19 set. 1918.

EM NOME do povo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 146, 3 abr. 1910.

ESTATUTO do Artístico Futebol Clube. *O Artístico*, Teresina, ano 1, n. 2, 25 mai. 1918.

FESTA de S. João. *Pátria*, Teresina, ano 1, n. 35, 29 jun. 1903.

FESTA do Sagrado Coração de Jesus. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 487, 30 jun. 1921.

FESTA do Sagrado Coração de Jesus. *O Piauí*, Teresina, ano 32, n. 481, 26 jun. 1921.

FILHO, A. Imprensa. *O Dia*, Teresina, 11 set. 1988.

FUROS. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 39, 18 fev. 1914.

HÁBITOS Condenáveis. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 39, 16 de fev. de 1908.

ILUSTRÍSSIMOS Srs. Redatores do Apóstolo. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 134, 2 jan. 1910.

JOÃO DA SERRA. Crônica do Dia. *O Piauí*, Teresina, ano 37, n. 3, 3 jan. 1925.

JORNAL *O Apóstolo*, Teresina, 1908, p. 3.

JORNAL *O Apóstolo*, Teresina, n. 134, 2 jan. 1910. p. 4.

JORNAL *O Arrebol*, Teresina, n. 12, 19 out. 1919. p. 4.

JORNAL *O Arrebol*, Teresina, n. 78, ano 9, 1925, p. 1.

JORNAL *O Piauí*, Teresina, n. 487, 30 jun. 1921, p. 2.

LAET, C.; SANTOS, L. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 34, 12 jan. 1908.

LAGRECA. Coluna Esportiva: os jogos de 21. *O Arrebol*, Teresina, ano 11, n. 71, 2 mar. 1925.

LAGRECA. Notas Esportivas. *O Arrebol*, Teresina, ano 11, n. 71, 9 mar. 1925.

LAGRECA. Notas Esportivas. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 78, 20 jun.1925.

LUZ Elétrica. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 90, 1 jun. 1917.

LUZ Elétrica. *Piauí*, Teresina, ano 24, n. 1285, 27 jun. 1914.

MAIO na Igreja do Amparo. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 78, 19 de abr. de 1917.

MÊS de maio na Matriz do Amparo. *Piauí*, Teresina, ano 60, n. 87, 21 de abr. de 1927.

MÊS de maio no Amparo. *O Piauí*, Teresina, ano 38, n. 87, 21 de abr. de 1926.

MILAGROSAS curas. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 3, n. 138, 19 jun. 1913.

NÃO há mais mortes. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 32, 31 mar. 1923.

NEVES, A. Noções de pedagogia aplicada III: da educação física direta. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 4, n. 129, 9 jun. 1914.

NEVES, A. Notas. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 180, 10 ago. 1913.

NOTAS Esportivas. *O Arrebol*, Teresina, ano 11, n. 71, 26 abr. 1925.

NOTAS Esportivas. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 360, 7 fev. 1920.

NOTAS Esportivas. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 333, 27 nov. 1919.

NOTAS Esportivas. *O Piauí*. Teresina, ano 33, n. 333, 27 de nov. 1919.

NOVA empresa. *O Apóstolo*, Teresina, ano 1, n. 42, 8 mar. 1908.

O BOI. *O Monitor*, Teresina, ano 2, n. 60, 19 dez. 1907.

O COMÉRCIO. Teresina, ano I, n. 6, 5 ago. 1906.

O FOOT BALL nas ruas. *Jornal de Notícias*, Teresina, ano 2, n. 11, 1919.

O SUCESSO do nosso concurso esportivo. *O Piauí*, Teresina, ano 30, n. 290, 15 jun. 1919.

OS LAMPIÕES... *O Correio*, Teresina, ano 1, n. 6, 18 jul. 190.

PEDAGOGIA. *O Piauí*, Teresina, ano 31, n. 411, 16 set. 1920.

PRO URBE. *O Apóstolo*, Teresina, ano 3, n. 121, 3 out. 1909.

QUAL manifestação que vos incomoda? *O Arrebol*, Teresina, ano 4, n. 8, 28 abr. 1918.

REISADO. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 77, 23 dez. 1906.

SALVAÇÃO das crianças. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 164, 5 abr. 1916.

SEMANA elegante no jardim. *O Nordeste*, Teresina, n. 3, 13 dez. 1919.

SUELTINHO. O olho de Lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 212, 27 set. 1912.

SUELTINHO. O olho de lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 215, 1 out. de 1912.

SUELTINHO. O olho de lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 216, 2 out. de 1912.

SUELTINHO. O olho de lince. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 216, 11 out. 1912.

TEM SÍFILIS? *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 30, 4 mar. 1923.

THERESINA Náutico Sport Club. *O Piauí*, Teresina, ano 32, n. 490, 17 jul. 1921.

TIGELLINUS. De Carreira. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 168, 27 jul. de 1913.

TIGELLINUS. De Carreira. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 196, 31 ago. de 1913.

TIROS e cacetadas. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 3, n. 118, 17 maio 1915.

TITO FILHO, A. Imprensa. *O Dia*, Teresina, 11 set. 1988. p. 3.

VAGABUNDOS. *O Nordeste*, Teresina, ano 2, n. 2, 6 dez. 1919.

VÁRIAS notícias. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 65, 21 mar. 1914.